CARLOS CÂNDIDO DE ALMEIDA

SEMIÓTICA DOCUMENTAL
aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares

SEMIÓTICA DOCUMENTAL
aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares

CARLOS CÂNDIDO DE ALMEIDA

SEMIÓTICA DOCUMENTAL
aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares

Marília/Oficina Universitária
São Paulo/Cultura Acadêmica
2020

Processo CAPES Nº 23038.007497/2017-11
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
CONVÊNIO AUXPE/PROEX Nº 565/2017 CHAMADA Nº 02/2020
PUBLICAÇÃO DE LIVROS RESULTANTES DE PESQUISAS ACADÊMICO-CIENTÍFICAS

Ficha catalográfica

A447 Almeida, Carlos Cândido de
Semiótica documental : aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares / Carlos Cândido de Almeida. – 1. ed. – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020.
262 p.; 23 cm.

Inclui Bibliografia.
ISBN 978-65-86546-89-7 (Digital)
ISBN 978-65-86546-75-0 (Impresso)
DOI: https://doi.org/10.36311/2020.78-65-86546-89-7
1. Organização da Informação 2. Linguística 3. Semiótica 4. Ciência da Informação. 5. Documentação. I. Título.

CDD 025.04

Lucinéia da Silva Batista | Bibliotecária
CRB SP 010373/O

Editora afiliada:

Associação Brasileira de
Editoras Universitárias
Cultura Acadêmica é selo editorial da Editora UNESP
Oficina Universitária é selo editorial da UNESP - campus de Marília

Agradeço imensamente a FAPESP pelo apoio,
via Bolsa de Pesquisa no Exterior (Processo:14/01945-1),
referente ao período de agosto de 2014 a maio de 2015
junto à Universidad de Zaragoza, Espanha.

Ao professor catedrático Francisco Javier García Marco
pela supervisão e acolhida.

Ao professor José María Izquiedo Arroyo,
pelo entusiasmo com os problemas semióticos
na documentação e pelos riquíssimos diálogos
acadêmicos em minha passagem por Múrcia.

Às minhas crianças Nãna (Camila),
Pipa (Sofia) e Janjão (João)

Sumário

1

INTRODUÇÃO

Os sistemas de organização do conhecimento resultantes das atividades de organização do conhecimento na sociedade supõem o tratamento da linguagem (entendida genericamente como um código somado a seu mecanismo de execução), e as teorias utilizadas para tanto são aquelas oriundas da Linguística, das Ciências Cognitivas, da Filosofia, da Sociologia, da Semiótica entre tantas outras disciplinas. A organização do conhecimento e a organização da informação convertem-se, assim, em instâncias mediadoras da informação, materializadas nas atividades profissionais e aperfeiçoadas com os estudos científicos. Para realizar tal função mediadora, dependem da representação da linguagem em suas diversas manifestações.

Para Brascher e Café (2008), há uma distinção básica, pelo menos em nível teórico, entre a organização do conhecimento e a organização da informação. Para as autoras, a organização da informação é um processo que involucra a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O trabalho da organização da informação desenvolve-se com os registros da informação, cuja ênfase está em seu caráter individual. O produto da organização da informação é a

representação da informação, na forma da descrição física e da descrição temática, ambas resultantes de processos correlacionados: catalogação, classificação, redação de resumos e indexação.

Por sua vez, a organização do conhecimento é um processo de construção de modelos de representações de conhecimento. O objeto da organização do conhecimento é o mundo das ideias, convertido em conceitos ou aglomerados de conceitos, os quais devem ser analisados para a verificação de seus vínculos, dispostos em um domínio de conhecimento (BRASCHER; CAFÉ, 2008).

Os estudos relacionados à organização do conhecimento têm sido promovidos atualmente pelas iniciativas da *International Society for Knowledge Organization*, fundada em 1989. Esse incentivo remonta à publicação da revista *International Classification*, fundada em 1974. A ideia subjacente é constituir um campo de interlocução teórica – interdisciplinar fundamentalmente – e um espaço para as novas aplicações no campo da organização dos registros do conhecimento. Nesse sentido, e concordando com a divisão feita por Brascher e Café (2008), preferiu-se adotar a expressão "organização da informação e do conhecimento" neste livro, por se considerar que estes campos de estudo e conjunto de atividades profissionais estão relacionados geneticamente por um propósito maior, que é a mediação entre os conteúdos de informação e os sujeitos e a criação de conhecimentos.

O desenvolvimento das atividades que promovem a organização da informação e a organização do conhecimento depende da manipulação e da

representação da linguagem, especialmente nos processos de informação que recobrem o conteúdo dos documentos. Os processos de informação, entendidos no âmbito da Ciência da Informação, envolvem a transferência da informação entre as pessoas e são problemas constantes dos sistemas de informação. Pode-se resumir o entendimento de Ciência da Informação, de acordo com a visão de Smit e Barreto, como um

> [...] campo que se ocupa e se preocupa com os princípios e práticas da criação, organização e distribuição da informação desde sua criação até a sua utilização, e sua transferência ao receptor em uma variedade de formas, por meio de uma variedade de canais. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 17-18).

Deve-se reconhecer, de antemão, que existem diversas perspectivas concorrentes sobre o assunto, as quais procuram explicar a origem e o objeto tópico da Ciência da Informação, assim, é prudente adotar sempre uma noção plural do discurso fundacional.

Por conseguinte, tais processos de informação aludidos anteriormente visam, *grosso modo*, levar a informação aos sujeitos da forma mais adequada possível, com o objetivo precípuo de realizar uma interação social, seja com recurso às técnicas tradicionais – compostas, principalmente, pela interação face a face –, seja pelo uso massivo de tecnologias de processamento e transmissão de dados.

Entende-se que tais processos de informação envolvem um conjunto de atividades resultantes de ações, etapas e fases, que fazem com que – especificamente no âmbito da Ciência da Informação –

a informação possa ser criada, comunicada e permitir novas apropriações. Desse modo, incluem-se os processos de criação (intelectual), produção (registro e edição), seleção, aquisição, tratamento (físico e temático), organização, armazenamento, recuperação, distribuição, mediação, comunicação, utilização e apropriação, realizados nos mais diversos sistemas, ambientes ou unidades de informação.

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 293-294) definem processo de informação (*information process*) como o "processo de comunicação que conduz a um conhecimento mais preciso", porém fazem a seguinte distinção: no processo de comunicação consideram-se os aspectos tecnológicos, enquanto no processo informativo a ênfase recai sobre a substância das mensagens, isto é, o conteúdo. A partir disso, também se pode entender como processos de informação os levados a cabo pela cadeia ou ciclo documental, como as operações necessárias à utilização dos documentos e os pertencentes à cadeia ou ciclo informacional, em outros termos, "fases pelas quais a informação passa, desde sua criação até sua disseminação." (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 62).

A cadeia informacional pressupõe a cadeia documental, visto que esta lhe fornece os processos essenciais para a disponibilização da informação. Sendo assim, as atividades do campo da organização da informação e do conhecimento, bem como as ações que permitem a comunicação da informação em sistemas de informação, devem ser considerados processos de informação no contexto da Ciência da Informação.

A linguagem dos processos de informação é

condição indispensável para apropriação da informação. Aqui se encontra um problema-chave. Esses processos envolvem a codificação e a decodificação de signos (componentes das mensagens), bem como a transmissão destes no espaço e no tempo. A codificação simbólica (estabelecimento de convenções) está presente em todos os processos de comunicação, tendo como base a linguagem estabelecida pelos contratos humanos instituídos socialmente. A organização da informação e do conhecimento não seria possível sem a atenção dos códigos e do reconhecimento da atividade de tradução sígnica. Esse tipo de tradução pode levar o adjetivo "semiótica", pois não busca converter signos no interior de um mesmo código, mas, sobretudo, leva a cabo a tradução entre códigos distintos.

Com efeito, o exame dos processos relacionados ao conteúdo de informação e o desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento, tem trazido à discussão diversas teorias científicas e conceitos filosóficos referentes à linguagem.

É provável que a própria análise da linguagem no campo da Ciência da Informação, como meio organizador e mediador da informação na sociedade, seja um dos pontos pacíficos sobre a solução de problemas associados ao tratamento da informação, pois as diversas tendências explicativas da Ciência da Informação procuraram, desde seu surgimento, propor explicações e formas de intervenção sobre a linguagem com o objetivo ulterior de oferecer, através de um sistema organizador do conhecimento, o acesso à informação.

Por um lado, a linguagem e seu tratamento unem diversas tendências da Ciência da Informação. Por outro, exige um contato maior com disciplinas científicas, como Semiótica e Linguística, o que nem sempre é tarefa factível. Isso não é uma particularidade da Ciência da Informação no Brasil.

Assumem-se os riscos de um brutal esfacelamento na exposição das abordagens – entendidas como redes conceituais aglutinadas por um ponto de vista comum ou conjunto de pressupostos –, quando se afirma que as perspectivas da Ciência da Informação predominantes são a europeia[1] e a estadunidense[2], porém são nas quais se encontram um questionamento comum, o problema do tratamento da linguagem, seja na sua interação humana ou na relação homem-máquina. A menção a estas duas escolas não representa a multiplicidade de práticas profissionais e composições teóricas derivadas da Ciência da Informação. As perspectivas Biblioteconômica e Documental da Ciência da Informação, bem como as tradições Alemã, Russa e Espanhola, figuram como representativas para compreendê-la e inviabilizam uma narrativa histórica unilateral ou transnacional do desenvolvimento da Ciência da Informação. Portanto, toda análise histórico-teórica que se preze deveria obedecer a constituição social, cultural e diacrônica da Ciência da Informação, isto é, eles deveriam ser analisados em espaço e tempo determinados.

No Brasil, somente para comentar um exemplo, a literatura especializada que destaca a história da Ciência da Informação ressalta que a expressão passou a ser mais conhecida em 1970, por ocasião da criação

do Mestrado em Ciência da Informação, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Para a análise dos aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação no Brasil, com ênfase para a interpretação de autores atuantes no país, recomenda-se a leitura dos trabalhos de Aquino (2002), Barreto (1994, 1999, 2002), Pinheiro (1999), Robredo (2003), Souza (2003), Castro (2000), além das contribuições indispensáveis de González de Gomez (1993, 2000, 2001, 2002, 2003a, 2003b, 2003c, 2006). Somam-se a estas interpretações, os resultados do grupo de trabalho História e Epistemologia da Ciência da Informação junto à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Em linhas gerais, sabe-se que nem a Ciência da Informação, nem a Documentação, desenvolveram-se de maneira semelhante e com as mesmas características.

Desde a fundação do IBBD, em 1954, os congressos de bibliotecários já assinalavam a necessidade de incluir os temas e soluções da Documentação nos currículos de Biblioteconomia. Isso ficou patente nos currículos e nas denominações dos cursos profissionais que desde 1970 figuram o termo "documentação", relacionando às preocupações do movimento dos documentalistas e integrando-as aos currículos de bibliotecários. O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, como é de conhecimento dos especialistas no assunto, entrou em atividade em 1911, na Biblioteca Nacional, sob influência francesa. Não obstante, a configuração dos cursos que se expandiu por todo o Brasil, acentuando a tendência técnica, partiu da criação do curso de Biblioteconomia

da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo. Para mais detalhes sobre esse período, sugere-se a consulta a Oliveira, Carvalho e Souza (2009) e Castro (2000).

Os trabalhos gerados junto ao programa de pós-graduação do antigo IBBD, bem como a vinda de docentes estrangeiros ao país para a estruturação do curso de mestrado, proporcionaram a diversificação das temáticas de estudo, acelerando o processo de incorporação de teorias da linguagem para responder aos problemas dos sistemas de informação do país. Contudo, o entendimento preciso da configuração brasileira não pode ser a única fonte de explicação do relacionamento interdisciplinar da Ciência da Informação com as ciências que levam a cabo o estudo da linguagem.

Além das tradições representadas pelos Estados Unidos e pela França, talvez seja possível encontrar outras escolas cujos temas foram e são convergentes e com soluções encontradas que se assemelhariam às encontradas no Brasil. Nesse sentido, uma contribuição à epistemologia histórica da Ciência da Informação seria pensar como se sucedeu a análise dos fenômenos semióticos nos processos informacionais em outros países, em especial, àqueles que guardam alguma relação temática com as pesquisas brasileiras. Presume-se que o conhecimento de novas realidades possa lançar luz a reflexão sobre a conduta da comunidade científica, em especial, a dedicada aos problemas relacionados ao tratamento da linguagem.

As inter-relações teóricas com outras disciplinas parece ser um elemento constitutivo da área. Por

exemplo, a análise documental de conteúdo no contexto da tradição otletiana é naturalmente uma linha que se interessa pelas questões teóricas associadas à linguagem. Os processos de redução de textos em resumos, de extração de palavras e conceitos principais, além da tradução entre códigos e o controle terminológico, são exemplos da necessidade de interlocução com outras disciplinas, com especial atenção à Linguística.

A interdisciplinaridade[3] parece ser um argumento imperante e um elemento constitutivo. De acordo com Linares Columbié (2010, p. 155), "Seu caráter interdisciplinar foi um de seus postulados iniciais, nem sempre adequadamente fundamentado e acordado." O que convida os pesquisadores a elaborar diagnósticos, quase que constantemente, sobre o nível de troca disciplinar e dos resultados conquistados pela comunicação de conceitos e teorias.

Isto posto, acudiu-se ao contexto espanhol da Documentação, o qual guarda estreita relação com os estudos do tratamento documental de conteúdo realizados no Brasil. As incursões às teorias semióticas no contexto espanhol mereciam uma análise que procurasse destacar as linhas, os teóricos e os conceitos semióticos mais pertinentes, os quais moldaram o desenvolvimento das relações disciplinares entre Semiótica e Documentação e, em especial, com a organização da informação e do conhecimento.

Sendo assim, cumpriu-se esclarecer neste livro quais teorias semióticas têm estado presentes no campo das Ciências da Documentação na Espanha, em especial, o projeto denominado Semiótica Documental, construído

pelo pesquisador espanhol Izquierdo Arroyo. Para tanto, foi necessário conhecer que conceitos semióticos foram aplicados aos problemas da organização da informação e do conhecimento no campo das Ciências da Documentação na Espanha. Com o mesmo nível de importância, foram identificadas as linhas dos teóricos da Semiótica.

Esta análise teve as seguintes hipóteses gerais associadas à Semiótica Documental: a explicação da orientação semiótica dos estudos espanhóis de Documentação ainda requeria um tratamento abrangente e sistematizado e; os fatores estritamente semióticos que condicionam o tratamento documental de conteúdo no contexto da organização do conhecimento necessitavam de um delineamento que distinguisse tais fatores de os contributos linguísticos amplamente conhecidos.

Em trabalhos anteriores, foi proposta uma leitura crítica dos fundamentos semióticos e pragmáticos da organização do conhecimento (ALMEIDA, 2010, 2011a, 2011c, 2012c), uma concepção de signo e a sua relação com a noção de conceito (ALMEIDA, 2012a), uma reflexão sobre a relação entre mediação e semiótica (ALMEIDA, 2012b) entre outros[4]. Não obstante, muitas teorias semióticas não puderam ser cotejadas, de maneira razoável, com a literatura revisada.

Defende-se que os temas relacionados à Semiótica, notadamente, a vinculada a figura do filósofo Charles Peirce (1839-1914), encontram foro privilegiado e contribuíram à linha de pesquisa produção e organização da informação. Por isso, pretendeu-se encontrar

referenciais teóricos e elementos conceituais para compreender o processo de introdução da Semiótica no universo das pesquisas em Espanha, os quais, sustenta-se aqui, têm influenciado a constituição epistemológica da organização da informação e do conhecimento no interior da Ciência da Informação no Brasil.

A análise da produção científica dos especialistas espanhóis permitiu conhecer as linhas da Semiótica mais presentes na Espanha, bem como a ideia da Semiótica Documental. Lembrando que, essa temática também foi objeto de interesse nacional de grupos de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação nos últimos anos. E, internacionalmente, esteve presente nos eventos promovidos pela *International Society for Knowledge Organizatio*n, cujos temas demonstram o interesse recente pela Semiótica[5]. A esses fóruns, a pesquisa oferece uma contribuição teórico-histórica.

A Espanha compreende uma comunidade de especialistas vinculada às ideias de Otlet e, consequentemente, às contribuições de Gardin à análise documental de conteúdo, além do papel destacado nos estudos internacionais em organização do conhecimento (GUIMARÃES; SALES, 2010). O sólido ambiente acadêmico espanhol ofereceu condições para a disseminação da concepção francesa de Documentação e de análise documental de conteúdo, o que poderá ser averiguado mais adiante neste relatório. Guimarães, Sales e Grácio (2012) analisaram as convergências e interlocuções temáticas entre os pesquisadores do Brasil e da Espanha, e destacaram que esses dois países sofreram influência

dos trabalhos de Gardin no que respeita, principalmente, a análise documental.

No caso da Espanha, a presença francesa é visível antes da década de 1990. Segundo Guimarães, Sales e Grácio (2012), López Yepes e Izquierdo Arroyo receberam mais influência otletiana, enquanto Moreiro González, Pinto Molina e García Gutierrez manifestaram um alinhamento mais gardiniano.

Considerando a natureza da análise proposta neste livro espera-se que esta possa contribuir para as novas interpretações sobre as relações disciplinares da Semiótica com o campo da Documentação na Espanha, e abrir espaço ao amadurecimento das questões semióticas pertinentes ao contexto brasileiro.

Isto posto, o objetivo central deste livro foi analisar as relações disciplinares e teóricas entre o campo da Semiótica e a Documentação na Espanha e sistematizar elementos para a compreensão da proposta denominada Semiótica Documental[6].

O livro está organizado da seguinte forma. Na sequência destas breves considerações introdutórias, apresenta-se no capítulo 2 um breve panorama das teorias semióticas. No capítulo 3, expõem-se algumas linhas para se compreender um pouco mais da Documentação na Espanha. Por sua vez, no capítulo 4, trata-se da introdução dos temas semióticos na Espanha. Relacionam-se no capítulo 5 as contribuições linguístico-semióticas na Documentação. Após o quadro contextual antecedente, no capítulo 6, trata-se finalmente da Semiótica Documental. Por fim, no capítulo 7, foram esboçadas algumas últimas reflexões. Além

das referências consultadas, insere-se também um breve posfácio que trata dos discursos sobre a interdisciplinaridade entre as áreas na Espanha.

2
O Campo Semiótico

Com os levantamentos em manuais e trabalhos sobre Semiótica, Semiologia e Linguística, nota-se o quão difícil é estabelecer linhas que separam um campo do outro. Não há domínios e objetos que pertençam a uma única disciplina nem mesmo a forma de abordagem, que seria uma atividade particular a uma ciência social, não se encaixa ao problema epistemológico da Semiótica. Considerando essa dificuldade patente, um estudo deste campo deve, em primeiro lugar, registrar as linhas que se pretende trabalhar, já que quase tudo sobre o simbólico pode ser de interesse semiótico e, em alguns casos, até mesmo o que está antes da fronteira da convenção social da linguagem poderia receber um tratamento semiótico. O objetivo deste capítulo é registrar em linhas gerais a definição de semiótica que se adotou neste livro.

Recorreu-se à noção de campo semiótico de maneira plural – teorias semióticas –, pois atualmente é insustentável uma visão semiótica que proponha uma teoria unificada, ainda que alguma se sobressaia à outra, dependendo do problema em análise ou do ponto de vista que se quer destacar. As teorias semióticas contemplam as principais abordagens sobre os signos, a semiose (ação dos signos) e a significação no contexto humano e

não humano. Desse modo, ter-se-iam propostas teóricas não antropocêntricas em que a semiose é investigada por abarcar o mundo natural, como, segundo Nöth (2005b, p. 201), o comportamento sígnico de animais na zoossemiótica e dos processos microbiológicos na biossemiótica. Nas aproximações antropocêntricas, o objeto de análise é a semiose no contexto humano e cultural.

Entre as diversas teorias semióticas estão as vinculadas aos teóricos Charles Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Louis Hjelmslev (1899-1965), Roman Jakobson (1896-1982), Roland Barthes (1915-1980), Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Charles William Morris (1901-1979), Yuri Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016), entre muitos outros comentadores contemporâneos com importantes aportações.

Segundo a análise de Nöth (2005b, p. 175), Eco separou o campo semiótico de outras disciplinas, considerando a distinção entre signos e coisas, e signos naturais e signos artificiais. Nesse sentido, o campo semiótico vislumbrado por Eco compreenderia apenas, ou de maneira fundamental, os signos convencionais e os códigos presentes no contexto sociocultural. A comunicação entre animais e os signos não convencionais só entrariam em cena no campo semiótico se manifestassem padrões de convencionalidade e comunicabilidade próximos ao cultural. Assim, na acepção de Eco, não se considerariam teorias semióticas não antropocêntricas. A ideia de campo parece muito bem acertada, embora a ênfase ao antropocentrismo

não seja adequada segundo o ponto de vista assumido aqui.

Desse modo, as teorias semióticas foram divididas em dois grandes grupos para a análise das contribuições semióticas na Espanha: teorias peirceanas, as quais recorrem à propositura teórica de Charles S. Peirce (1839-1914), e teorias não peirceanas, as quais não estão subjacentes os estudos peirceanos. Também se pode cogitar a existência de um terceiro grupo, que se denominou teorias semióticas híbridas, referentes às que se valem de elementos dos dois conjuntos anteriores para responder a demandas específicas ou por considerar que isoladas, as teorias peirceanas e não peirceanas, não responderiam aos problemas teóricos.

Considera-se, por outro lado, que essas teorias marcam tendências de análise e incursões conceituais em um campo específico, configurando assim em uma aproximação teórica – sem especificar a natureza inter ou multidisciplinar –, de outro modo chamada de abordagem. Assim, as *teorias peirceanas*, *teorias não peirceanas* e *teorias híbridas* quando atravessam as fronteiras e os contextos de produção originais e aportam-se em outro campo – como exemplo, a Documentação – seriam melhor entendidas como abordagens deste campo, isto é, rede de conceitos unida por um ponto de vista comum ou conjunto de pressupostos bem alinhavados.

Desse modo, ter-se-iam abordagens semióticas peirceanas, não peirceanas e híbridas no campo da Documentação. Aqui não há que se valorizar o nível de aplicação, ou mesmo o teor do contato disciplinar com a Semiótica – se terminológico, conceitual, teórico

ou metodológico, o que seria muito difícil –, apenas se manifesta tratar de uma abordagem tão-somente inclinada a um conjunto de pressupostos semióticos bem articulados.

Para justificar tal separação arbitrária é fundamental registrar a influência no campo semiótico do filósofo Peirce. Seu legado ainda está presente nos círculos acadêmicos, e muitos centros de investigação em Comunicação e Filosofia revisitam seus conceitos para explicar fenômenos associados à linguagem e à cognição humanas. Conquanto pareça generalizante, e inclinado a uma valorização intencional da teoria peirceana, a divisão mostra apenas as tendências mais globalizantes no trato dos temas.

Sendo assim, uma teoria não peirceana, pode valer-se de elementos conceituais variados, como os provenientes do estruturalismo linguístico, do funcionalismo ou da pragmática linguística, sem reconhecer ou registrar uma continuidade da linha teórica peirceana. Teorias semióticas contemporâneas podem se comportar desse modo, o que torna difícil classificá-las como estruturalistas ou pragmáticas. A divisão entre teorias peirceanas e não peirceanas marca uma generalidade para a categoria de análise, mas também permite o reconhecimento da coexistência de teorias híbridas, as quais se vinculam a mais de uma matriz conceitual, semiótica ou não. É o caso de abordagens que revelam ter encontrado base teórica na antropologia, na sociologia, na biologia etc.

Essas separações operacionais são importantes para compreender a consecução de alguns discursos.

Por exemplo, uma abordagem peirceana reconhece a centralidade do processo de evolução dos significados, o modelo tripolar do signo, o falibilismo constante na interpretação, entre outros tantos argumentos, ao passo que uma teoria não peirceana não compartilha ou até mesmo rechaça alguns desses pressupostos.

No que tange a teoria semiótica peirceana, cumpre esclarecer os vínculos entre Filosofia e Semiótica, compreendendo o pensamento do filósofo Charles Peirce[7] relacionado à teoria dos signos e aos demais contributos teóricos para a Semiótica, entre os quais: a Fenomenologia, as Ciências normativas e a Metafísica. Todas essas disciplinas compreendidas em sua divisão das ciências como ramos da Filosofia, classificada como uma Ciência da Descoberta, cujas diversas designações juntam-se a um propósito maior na condição de Ciências Teóricas.[8]

A Semiótica corresponde a um conjunto irrestrito de contribuições no sentido de teorizar sobre a vida dos signos, principalmente, os signos produzidos no contexto social e humano. Compreensão legítima, tendo como pressuposto a Semiótica enquanto uma ciência do homem; porém muito restrita, de acordo com o pensamento peirceano. Os signos não são exclusivos da mente humana, são produtos gerados por qualquer mente que possa aprender pela experiência. Por esse escopo, os animais e os outros organismos produziriam e interpretariam signos.

A Semiótica de Peirce está dividida em três ramos: a Gramática Especulativa, como a "doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que

tem o caráter significante", Lógica Pura ou Crítica, "a teoria das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos seus Objetos manifestos, ou seja, é a teoria das condições da verdade", e por fim, a Retórica Especulativa,

> aquilo que é conhecido pelo nome de metodologia ou, melhor, metodêutica. É a doutrina das condições gerais da referência dos Símbolos e outros Signos aos Interpretantes que pretendem determinar [...]. (PEIRCE, 2000, p. 29).

Muitos estudos foram e são realizados sob a égide de uma ou mais ramos elencados anteriormente. Entretanto, as principais contribuições provêm dos conceitos semióticos construídos na Gramática Especulativa. Sobre essa questão, é digna de nota a obra *Matrizes da linguagem e pensamento*, de Santaella (2005), que pode ser classificada como um trabalho de Gramática Especulativa, assim como *O método anticartesiano de C. S. Peirce*, da mesma autora (2004a), um trabalho que disserta sobre a Retórica Especulativa.

Sendo assim, a Semiótica seria mais bem a doutrina dos signos que objetiva investigar os signos utilizados por uma inteligência que aprende pela experiência. "Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para semiótica (*σημειωτική*), a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos" (PEIRCE, 2000, p. 45, CP 2.227). O signo, na visão peirceana, não é um fenômeno estático, tampouco se reduz a um produto da mente humana, em realidade, corresponde a tudo o que se possa imaginar, observar,

sentir ou pensar. Para compreensão global dos temas centrais da Semiótica de Peirce, sugere-se a leitura dos comentadores Silveira (2007, 2008a, 2008b), Santaella (2000, 2004a, 2004b, 2004c), Ibri (1992), Coelho Netto (1999), De Waal (2001, 2007), Deledalle (1996) e Marafioti (2005).

Entre as teorias semióticas não peirceanas destaca-se a vertente estruturalista. Na primeira metade do século XX, particularmente na Suíça, surgiu um movimento intelectual liderado por linguistas que buscavam sistematizar uma ciência para a linguagem. Os precursores modernos desta outra escola influente da teoria dos signos, a Semiologia (do grego *semeîon,* que quer dizer sinal ou signo, e *logía*, estudo ou ciência), foram Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Louis T. Hjelmslev (1899-1965).

A tradição linguística da semiótica, uma das mais utilizadas nas reflexões sobre a organização da informação e do conhecimento, examina a significação de um modo diverso à perspectiva semiótica de Peirce. Um signo deve possuir, para ser linguisticamente perfeito, um significante e um significado, isto é, uma modalidade de expressão e uma ideia que dê sentido ao significante. Os signos linguísticos são compreendidos apenas como entidades convencionais construídas pelos homens, já as ideias originadas e presentes em uma mente, quando estão fora da língua, são um complexo de pensamentos sem forma definida.

Essa definição, já instaurada e consagrada, é diferente de uma compreensão semiótica da dinâmica da significação, que se estabelece abaixo e além dos

resultados da simbolização. Para analisar a vertente estruturalista da Semiótica é fundamental o conhecimento das obras de Saussure (1970), Hjelmslev (1972, 1975), Barthes (1971, 1980), Greimas (1973, 1976), Lopes (1995) e Nöth (2005b).

O signo, vislumbrado pela Semiologia, foi definido anteriormente pela Linguística, isto é, composto de uma forma de expressão e de um conteúdo. Saussure (1970), apesar de enfatizar o papel da língua como sistema de signos privilegiado em relação aos demais sistemas, reconhece que este sistema representa uma parcela significativa dos sistemas de signos humanos (língua de surdos-mudos, signos militares, etc.). O argumento funciona como uma tentativa de aproximar os sistemas, segundo um ponto de visto único (o semiológico), que permitiu entrever os demais sistemas de signos a partir de uma matriz única e quase-homogênea. Os demais conceitos saussureanos serviram de aporte à teorização semiológica. Outros linguistas valeram-se do arcabouço teórico de Saussure e aplicaram-no a outros sistemas sígnicos, os mais diversos.

Os trabalhos de Saussure e Hjelmslev foram sucedidos pelos de Roland Barthes (1915-1980), Algirdas J. Greimas (1917-1992) e, de certo modo, Umberto Eco (1932-2016). A Semiologia, segundo Saussure (1970), está vinculada à Psicologia Social e tem como disciplina mais avançada a Linguística, da qual retira a maior parte dos conceitos operacionais: signo linguístico, significante e significado.

Além da contribuição estruturalista, sob a alcunha teorias semióticas apareceram, durante o início do século

XX, os trabalhos de Ogden e Richards, por um lado, e os esforços de Morris, por outro. Sob uma perspectiva não linguística, a síntese das teorias dos signos concebidas até início do século XX foi construída pela investigação de Ogden e Richards, na década de 1920. Ao lado da contribuição não estruturalista à teoria dos signos, encontram-se as ideias de Charles William Morris (1901-1979), que elaborou uma teoria semiótica por volta das décadas de 1930 e 1940.

Os fundamentos da teoria de Morris estão enraizados na Semiótica de Peirce, além do behaviorismo social e da teoria interacional simbólica de G. Mead, do pragmatismo americano, do empirismo e do positivismo lógico (NÖTH, 2005b, p. 181). Diversos conceitos de Morris estão fundamentados na doutrina dos signos de Peirce. Conceitos como semiose (ação dos signos) e interpretante (efeito interpretativo), além da matriz triádica do signo, remontariam à teoria de Peirce. Morris (1976, p. 13-15) explica que o signo é composto de um veículo do signo, um *designatum* e um interpretante para um intérprete. O veículo do signo é aquilo que funciona como signo, o *designatum* é aquilo a que o signo se refere, mas enquanto uma classe ou espécie de objeto. Por último, o interpretante é o efeito sobre um intérprete em virtude do qual as coisas em questão seriam um signo para este. A Semiótica de Morris é uma ciência interdisciplinar e, na medida em que as demais ciências se valem de signos, a Semiótica se constitui em uma meta-ciência (NÖTH, 2005b, p. 184).

Além de Greimas e demais autoridades da Semiologia indicadas anteriormente, devem-se incluir as

contribuições de Umberto Eco (2000), quem procurou fundar um campo geral da teoria dos signos. Presume-se que a função de Eco foi sintetizar um conjunto enorme de contribuições com o objetivo de erigir uma teoria unificada dos signos. Para tanto, Eco conseguiu reunir as duas principais escolas que deram origem à teoria dos signos no século XX, Saussure e Peirce.

Deve-se, pois, incluir também uma teoria marcadamente híbrida, a teoria semiótica da cultura ou Semiótica russa, a qual aceita a

> Concepção do texto como unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Nesse sentido, uma dança, uma cerimônia, uma obra de arte e muitos outros produtos e manifestações culturais são considerados texto. (MACHADO, 2003, p. 54).

A vinculação teórica da Semiótica da cultura é bem variada, compreendendo nada mais nada menos que Teoria Literária, Linguística Estrutural, Semiótica, Crítica de Arte, Cibernética, Teoria da Informação e da Comunicação, Lógica Matemática, Etnologia, Antropologia, Biologia Molecular, Neurobiologia, Neurolinguística e Ecologia cognitiva (MACHADO, 2003). Esse campo é constituído por teorias híbridas, como é o caso da Semiótica da Cultura, assim como a abordagem semiótica de Umberto Eco.

Obviamente, muitos outros teóricos mereceriam figurar nesta exposição, porém as perspectivas elencadas anteriormente subsidiam um panorama do campo da Semiótica. Os pesquisadores e os especialistas em Documentação reconhecem as principais relações teóricas do campo com outras

disciplinas e áreas do saber.

Contudo, pontos de interdisciplinaridade, ainda estão em pleno processo de desenvolvimento e precisam continuamente de análises cuidadosas com o objetivo de potencializar o diálogo com outros campos. Na sequência, apresentar-se-ão alguns detalhes do contexto histórico recente da Documentação em Espanha, o qual permitirá entender um pouco da origem e das características das abordagens semióticas e da Semiótica Documental.

3
A Documentação na Espanha

Na Espanha, assim como no Brasil, a incorporação das ideias de Otlet foi fundamental e tem marcado a configuração teórica dos estudos de informação, em especial, a preocupação com o tratamento da linguagem natural. A expressão "Ciência da Informação", como disciplina, área do conhecimento ou campo científico, que se ocupa do estudo da informação na sociedade, associadas à Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, não é muito comum na Espanha, pois a expressão mais representativo é *Ciencias de la Documentación,* ou para a área de conhecimento *Información y Documentación*. Neste capítulo, serão apresentados traçados gerais para se compreender a Documentação na Espanha.

A Documentação na Espanha seguiu *pari passu* o trabalho do movimento internacional dos documentalistas, em especial, a obra de Otlet. Os diálogos com a Documentação foram intensos e profundos na Espanha, assim como no Brasil pelo destacado trabalho de especialistas da Universidade de São Paulo na década de 1980, através de uma influência francesa da análise documental de conteúdo que impulsionou o interesse pela escola de Documentação e pelas obras capitais deste movimento profissional e científico.

A institucionalização da Documentação na Espanha deve ser vista sob o contexto histórico e educacional do país, sem esse detalhamento a compreensão das características do campo seria prejudicada.

Somente para relacionar alguns dados, antes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), o país não possuía um desenvolvimento substancial da educação de base. Segundo Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 153), em 1900, 63,79 por cento da população era analfabeta e em 1930, a cifra estava em 44,47 por cento. Apesar do avanço em três décadas, os dados representam apenas que as pessoas alfabetizadas seriam supostamente as que possuíam pelo menos o ensino primário. Destaca-se o ano de 1900, pois foi quando se instituiu na Espanha o Ministério de Instrução Pública e Belas Artes.

Outro fato a destacar é a presença feminina na universidade na primeira metade do século XX, o que indiretamente está conectado à formação profissional em Biblioteconomia. Em 1915, apenas 4 de cada 100 alunos matriculados no ensino superior eram mulheres, e em 1928, esse número se eleva um pouco, de 13 por 100 alunos matriculados (MARTÍNEZ RUIZ; MAQUEDA; DE DIEGO, 1999, p. 155). Curiosamente, a tradição formativa em Biblioteconomia e Documentação na Espanha projetou-se com a fundação, em 1915, da Escola Superior de Bibliotecárias, na Catalunha.

No que tange às áreas de formação, em 1930, do universo de alunos universitários matriculados 72,9 por cento eram de Direito e Medicina, e apenas 13,9 dos alunos dedicavam-se às profissões técnicas de Ciências

ou de Filosofia e Letras (MARTÍNEZ RUIZ; MAQUEDA; DE DIEGO, 1999, p. 155). Esse contexto do quantitativo de população alfabetizada e da distribuição do ensino universitário, concentrado nas áreas de Medicina e Direito, mostra a dificuldade de se estabelecer um campo profissional para áreas dedicadas às letras e à leitura pública.

Outros elementos podem ser ainda agregados para estimar a situação da política educacional dedicada aos ensinos primário, secundário e universitário. Por exemplo, citam-se os seguintes fatores: os sucessivos projetos de ensino desde o final da primeira metade do século XIX; o modelo universitário francês; a falta de recursos e a burocracia das instituições universitárias e, a participação de instituições privadas na oferta do ensino secundário, especialmente, as vinculadas à Igreja Católica, que atendiam dois terços do alunado, segundo registram Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 155). Essa configuração manteve-se até a década de 1960, quando a quantidade de universitários aumenta e o acesso de mulheres às universidades já era uma realidade.

O investimento em educação desde os anos 1940 foi aumentando gradativamente. De acordo com Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 155), em 1936, o orçamento do governo central destinado à educação chegava a 6,54 por cento, em 1950 já era 7,83%, até que praticamente dobra em 1970, subindo para 14,6 por cento. Isso também é acompanhado pelo incremento de alunos e professores em todos os níveis de ensino, além do crescimento do número de unidades escolares.

Esses dados devem ser interpretados recorrendo ao movimento da população espanhola. De 1940 até 1980, houve um claro crescimento populacional, representado pela elevada taxa de natalidade. Os anos que seguem a partir de 1980, o crescimento populacional derivado da taxa de natalidade diminuiu, em contrapartida, os dados de mortalidade começam a cair. Examinando os dados registrados por Martínez Ruiz, Maqueda e De Diego (1999, p. 209), constata-se que entre 1970 e 1981, a população cresceu em 3.790,213 pessoas, enquanto entre 1981 e 1991, o crescimento populacional desacelerou e chegou a 1.687,682 pessoas no período.

Também se deve acrescentar a este quadro que as áreas mais urbanizadas da Espanha começaram a destacar-se nos anos 1960, quando houve um verdadeiro êxodo rural que concentrou a população em grandes áreas metropolitanas (PRO RUIZ; RIVERO RODRÍGUEZ, 2013, p. 163), como nas comunidades autônomas da Catalunha, Madrid, País Vasco e Valência.

Por outro lado, as populações do interior da comunidade de Castilha e León e de Extremadura rumaram, principalmente, à região metropolitana de Madrid. Além disso, é digno de nota que houve um acentuado movimento migratório de andaluzes e murcianos para Catalunha. O que parece contraditório no movimento independentista catalão, pois parte relevante da população catalã pró-independência não é nativa, mas incorporada à comunidade devido ao êxodo iniciado em 1960.

A Documentação na Espanha desenvolveu-se sob esta estrutura educacional e demográfica e se

potencializou em momentos em que houve crescimento da população universitária, abertura de vagas para professores de ensino profissional, aumento do número de unidades escolares nos diversos níveis, instituições as quais incorporam entre seus serviços as bibliotecas. Também é possível afirmar que a Documentação se retraiu em momentos em que houve um fechamento ao contexto mundial – ditadura – e crise econômica. E, é claro, as profissões ligadas à Documentação, assim como outras profissões liberais, desenvolveram-se em regiões urbanas e economicamente mais favorecidas; não é sem razão que as principais escolas de formação profissional e pesquisa em Documentação estão em centros mais populosos, como nas regiões metropolitanas de Madri, Barcelona, Valência e Saragoça.

Depois da Guerra Civil (1936-1939), ergueu-se uma forte ditadura de alinhamento fascista liderada pelo general Francisco Franco (1892-1975). Esse acontecimento determinou o desenvolvimento das ações ligadas ao ensino na Espanha, e que se encerrou após a morte de Franco, em 1975.

Uma das principais etapas do desenvolvimento da Documentação na Espanha ocorreu na década de 1990, com a consolidação dos cursos de diplomatura[9]. Contudo, é necessário acrescentar uma nova etapa no desenvolvimento teórico e nas práticas de ensino em Documentação, que seria de 1993 até os dias atuais, marcada pelos novos cursos de licenciatura em Documentação. Talvez ainda se deva segmentar uma quarta etapa, que começaria em 2008 e que se caracteriza pelo impacto da crise econômica no ensino

profissional em Documentação. É claro que esta divisão precária não representa muita coisa além do intento didático, mas serve como parâmetro para a exposição a seguir.

Em uma análise recente, García Marco expõe que considera fases do desenvolvimento do ensino profissional em Documentação

> La historia de la enseñanza de la información y la documentación en España se puede sintetizar en cuatro grandes fases y cuatro grandes retos: - la formación de los conservadores capaces de abordar el reto de la conservación del patrimonio documental tras las desamortizaciones; - la formación de bibliotecarios capaces de promover la democratización de la sociedad; - la capacitación de técnicos al servicio de la administración moderna, la investigación y la industria; y - la adaptación a la revolución de la internet, en la que todavía nos encontramos inmersos. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 490).

Essas fases coincidem com outros trabalhos que discutem o assunto, e acrescenta o papel efetivo da primeira fase: que trata da formação de conservadores no século XIX que deveriam conservar os documentos sob a guarda do governo do Antigo Regime. Esse movimento, segundo pontua o autor (GARCÍA MARCO, 2013, p. 490), deu-se na Escola de Diplomática de Madri em que se fundaram diversas cátedras universitárias em Diplomática. A segunda fase, antes da Guerra Civil, teve uma repercussão social com a instalação e desenvolvimento de bibliotecas escolares e promoção da leitura pública. As demais fases indicadas pelo autor serão detalhadas a seguir para melhor compreensão do

contexto recente.

Segundo López Yepes e Ros García (1993), a introdução do conceito de documentação no âmbito espanhol surgiu no discurso de José Ortega y Gasset (1883-1955), *Misión del bibliotecario*. Por ocasião da abertura do Congresso Internacional de Bibliotecas, em 1935, Ortega y Gasset fez alusão ao problema da informação e à teoria da Documentação contemporânea. López Yepes (1995, p. 257) sugeriu que a exposição de Ortega foi importante porque apareceu um ano depois do surgimento do Tratado de Documentação de Otlet e apontava para os problemas gerais do documentalista na sociedade contemporânea. De certo modo, isto foi o prenúncio da necessidade de teorias documentais para a formação de especialistas em documentação na Espanha.

Além disso, os autores ressaltam que Javier Lasso de la Vega (1892-1990), colaborador do filósofo, seria o introdutor da Documentação. Os trabalhos de Lasso de la Vega, a partir de 1947, período em que a Documentação de Otlet começou a ser conhecida mundialmente. Lasso de La Vega foi uma figura importante no cenário da Documentação espanhola, e ao mesmo tempo muito contraditória, por sua relação com a ditadura franquista. Segundo López Yepes (1995), Lasso de La Vega estudou, com independência da Biblioteconomia, o fenômeno da Documentação, publicando em 1947 um manual chamando a atenção para a documentação científica e bibliografia[10]. Diferentemente do Brasil, a recepção da Documentação na Espanha passou por – além de uma corrente biblioteconômica de inclusão destas práticas ao rol das atividades bibliotecárias, tal como assevera

García Ejarque –, uma interpretação arquivística, em meados de 1960, por Sánchez Belda e Pescador del Hoyo (LÓPEZ YEPES, 1995).

Outros fatos de especial interesse sobre a Documentação na Espanha sucederam-se entre as décadas de 1960 e 1970, segundo López Yepes e Ros García (1993):

- 1961 – o surgimento da *Sección de Documentación* do *Boletín de la Dirección General de Archivos y Bibliotecas*;
- 1962 – o *Cuerpo de Facultativo de Archiveros y Bibliotecarios* que encararam a chegada dos conceitos da Documentação;
- 1962 – a realização de Mesa redonda sobre Documentação, em que Matilla afirma que Documentação é um novo campo de atividades;
- 1963 – o fato de as bibliotecárias catalãs Rovira y Rossel realizarem o processo dinâmico que representa a Documentação frente ao tradicional e estático do bibliotecário;
- 1963 – a realização da jornada do II Congresso Nacional de Bibliotecas;
- 1967 – a *Fundación Fondo para la Investigación Económica y Social de las Cajas de Ahorros Confederadas*, dirigida por José M. Desantes Guanter;
- 1969 – o surgimento do *Boletín de Documentación del Fondo para la Investigación Económica y Social*;

- 1969 – a publicação de trabalho de D. Juan Roger Rivière, um dos expoentes da corrente biblioteconômica-documental;
- 1971 – a publicação do trabalho de Vicentini, "el primero que trata de recorrer com gran minuciosidad todas las teorías y definiciones de Documentación em relación com las colidantes, ejercicio más resumido que acometía Ricardo Jereza Amador de los Rios em 1977" (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 138);
- 1972 – a publicação de um trabalho que influenciou a discussão, de autoria de Nuria Amat, professora de Barcelona. Seu trabalho intitulado *Sobre la Documentación y tratamiento documental*, contribuiu em dois aspectos principais: o redescobrimento da obra de Otlet e a introdução em Espanha das ideias americanas de Borko sobre *Information Science.*

Antes da consolidação do ensino de Documentação que ocorreu nos anos 1990, outras experiências formativas fizeram parte da história da Biblioteconomia na Espanha. É o caso, por exemplo, da criação da Escola de Diplomática em 1856 que concedia o título de Paleógrafo para atuar em arquivos e bibliotecas, também destacado anteriormente por García Marco (2013, p. 490).

Como já mencionado, a criação da escola de bibliotecárias da câmara dos deputados da Catalunha, em 1915, a formação em documentação oferecida pela escola de auxiliares em pesquisa pelo *Consejo Superior*

de Investigaciones Científicas, de 1942 a 1973, a escola de documentalistas com formação técnica para atuação como arquivistas, bibliotecários e arqueólogos, de 1952 a 1986 e, por sua vez, a escola de bibliotecárias da Universidade de Navarra, criada em 1967 e que teve as atividades encerradas em 1977, formando os próprios quadros profissionais para atuação junto a universidade (ORERA ORERA, 2002a, 2002b).

Infere-se pelo exposto que as ações formativas funcionavam isoladamente e não permitiram a constituição de um discurso único da categoria profissional, bem como a articulação dos professores em um plano comum para o desenvolvimento da Documentação, nos níveis acadêmico e profissional. Essa pressuposta desarticulação durou até início dos anos 1980 quando se iniciou um período de institucionalização do discurso documentalista junto às universidades.

As diplomaturas em Biblioteconomia e Documentação foram aprovadas efetivamente pelo Real Decreto n. 3104 de 1 de dezembro de 1978. O contexto deste dispositivo legal, segundo fundamenta o decreto, estava relacionado às mudanças no mercado de trabalho cultural e científico.

> Los efectos de la reforma educativa en los diversos sectores sociales, las necesidades del movimiento cientifico de nuestra epoca y las exigencias aparecidas como consecuencia del desarrollo de las distintas profesiones, asi como la politica de promocion socio-cultural a traves de la difusión del libro, aconsejan crear los cauces necesarios para la promocion de los estudios de biblioteconomia y documentacion que demandan los aludidos desarrollados culturales y cientificos. (ESPANHA, 1979, p. 368).

Um aspecto importante deste ato administrativo é que se estabeleceu que os cursos deveriam ser considerados como de educação universitária. Além disso, relacionou de modo político os campos de Biblioteconomia e Documentação, não aparecendo no cenário destas discussões como cursos independentes de Arquivologia, como ainda se configura. Outro elemento a destacar trata-se da responsabilidade na organização curricular, a saber:

> Las escuelas universitarias de biblioteconomia y documentación organizaran sus enseñanzas conforme a los planes de estudios elaborados por las propias universidades, que serán sometidos a la aprobación del ministerio de educación y ciencia, oida la junta nacional de universidades, de acuerdo con lo dispuesto en el articulo treinta y siete de la ley general de educación. (ESPANHA, 1979, p. 369).

A despeito de os avanços da legislação, poucos cursos universitários foram criados na sequência da aprovação do ato. Embora tenha ocorrido no período de expansão da população universitária, parece não ter seguido uma articulação do campo profissional. Em outras palavras, não se efetivaram, via sindicatos e órgãos representativos, ações que regulassem o mercado de trabalho, com vistas a permitir que os egressos – que em princípios de 1990 possuía um número elevado – se incorporassem obrigatoriamente em suas áreas de competência. Concorreu também para esta desarticulação, de uma maneira circunstancial pode-se dizer, a diminuição da população.

Em termos de concepção do ensino superior, até as reestruturações propostas pelo Plano de Bolonha, o

sistema espanhol estava dividido em ciclos formativos. A estrutura cíclica contemplava um primeiro ciclo, que atribuía o título acadêmico de diplomado, um segundo ciclo, em que se obtinha o título de licenciado e um terceiro ciclo, para a obtenção do título de doutor.

A Documentação não era conhecida como um curso universitário antes da ditadura. A formação profissional dava-se principalmente em serviço, isto é, no próprio local de trabalho e em cursos isolados. O monopólio da reprodução dos quadros profissionais era controlado pelas próprias corporações e organizações. Este fato começa a ser questionado com a ampliação de vagas docentes das universidades espanholas.

Os cursos universitários de documentação começaram a ser oferecidos na segunda metade de 1985, mas com dificuldades no que se refere à vinculação dos professores com a disciplina Documentação, haja vista que a maioria provinha de outras áreas, principalmente das humanidades.

A esse respeito, é esclarecedora a análise de López Yepes (2002c) sobre as teses de professores no campo da Documentação e a sua orientação temática. Segundo o autor, em 1971, foram defendidas as teses dele próprio, em Literatura espanhola, e de Félix Sagredo Fernández, em História; na sequência, em 1983, foi defendida a tese de Mercedes Caridad Sebastián em Documentação – a primeira nesta área segundo o registro de López Yepes (2002c, p. 48) – além das teses de Antonio García Gutiérrez, em 1984, também em Documentação, de José Antonio Moreiro González, em História, em 1984 e por Luis Fernando Ramos Simón, em 1987, na área de

Jornalismo.

Continua López Yepes (2002c) mencionando que, no princípio dos anos 1990, foram defendidas as teses de Féliz de Valle Gastaminza (1990) em Documentação e de Blanca Neves Espinosa Temiño (1992), junto ao departamento de Geografia e História. Exceto a tese de Moreiro, defendida na Universidad Nacional de Educación a Distancia, as demais foram depositadas na Universidad Complutense de Madrid, o que pode tê-la configurado como um primeiro núcleo de investigação e formação de pesquisadores em Documentação. Uma característica destacava-se nesta primeira geração de docentes, o fato de a formação em nível de graduação (diplomatura e licenciatura), estar vinculada às áreas de Letras, História e Filosofia, e em segundo lugar, Jornalismo, Direito, entre outras áreas.[11]

Os ensaios e as narrativas sobre as teorias do documento e Documentação surgem na Espanha na década de 1970, por uma razão muito particular, o oferecimento de vagas para professores em universidades que possuíam cursos de Documentação (LÓPEZ YEPES, 2002c, p. 68). Isso permitiu, entende-se, um amadurecimento teórico precoce em relação a outros países latino-americanos, em especial, a reflexão e a exegese sobre teóricos clássicos da Documentação, como Otlet, até este momento não traduzido para o português.

Nos anos 1980, o processo de consolidação da Documentação no sistema universitário consolidou-se e ampliou-se notavelmente. O Real Decreto n. 1497/1987, que regulava o ensino superior na Espanha, definia que

> El primer ciclo de las enseñanzas universitarias comprenderá enseñanzas básicas y de formación general, así como, en su caso, enseñanzas orientadas a la preparación para el ejercicio de actividades profesionales. (ESPANHA, 1987, p. 36640).

O Real Decreto estabelecia também a definição dos cursos de segundo ciclo, os quais revelavam a tendência de aprofundamento das especialidades

> El segundo ciclo estará dedicado a la profundización y especialización en las correspondientes enseñanzas, así como a la preparación para el ejercicio de actividades profesionales. (ESPANHA, 1987, p. 36640).

Em termos de duração dos cursos, de primeiro e segundo ciclos, media-se por curso acadêmico (ano escolar), o qual estava condicionado ao número de créditos mínimo e máximo anuais. Desse modo, um primeiro ciclo possuía três cursos acadêmicos de duração, enquanto o segundo ciclo de ensino universitário estava organizado em dois cursos acadêmicos, com exceção dos cursos de Medicina e daqueles que possuíam um primeiro ciclo de apenas dois anos, tais cursos poderiam oferecer a licenciatura com mais um ano acadêmico.

O Real Decreto n. 1497/1987 estabelecia também a duração dos cursos em créditos. Nesse sentido, a carga horária letiva girava em torno a 60 e 90 créditos por ano acadêmico, e também condicionava a natureza das matérias ofertadas durante a semana

> [...] oscilará entre veinte y treinta horas semanales, incluidas las enseñanzas prácticas [...] En ningún caso la carga lectiva de la enseñanza teórica superará las quince horas

> semanales. (ESPANHA, 1987, p. 36640).

Assim, o diplomado deveria cumprir entre 180 a 270 créditos, em três anos letivos, enquanto para ser licenciado deveria cumprir mais dois anos acadêmicos (ou três no caso de Medicina), ou o correspondente em créditos que variava entre 120 a 180 créditos.

A definição do Real Decreto de 1987 estabelecia como convenções básicas: plano de estudos, para o que se entende por estrutura curricular do curso, e crédito, que naquela época estava definido como

> La unidad de valoración de las enseñanzas. Corresponderá a diez horas de enseñanza teórica, práctica o de sus equivalencias. La obtención de los créditos estará condicionada a los sistemas de verificación de los conocimientos que establezcan las Universidades. (ESPANHA, 1987, p. 36640).

Também foram estabelecidas as disciplinas troncais ou disciplinas que se exigia nacionalmente para o titulado; estas eram obrigatórias, mas outras obrigatórias poderiam ser agregadas segundo a universidade, a qual também devia oferecer as optativas.

A maioria dos cursos de diplomatura em Documentação foi criada final dos anos 1980 e início dos anos 1990 nas universidades, como se pode observar: Barcelona (1982), Granada (1983), Salamanca (1987), Murcia (1988), Zaragoça (1989), Carlos III (1990), Complutense (1990), León (1990), Extremadura (1994), San Pablo (1994 e fechado em 2003), La Corunha (1996), Faculdade de Geografia e História de Valência (1996) e Vic (1998). Tais dados da diplomatura foram analisados por Orera Orera (2002a, 2002b) e parcialmente por Frías

(2008).

Na diplomatura, forneciam-se conhecimentos básicos para o exercício da profissão. Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994) explicam que a organização curricular da diplomatura estava disposta em matérias ou grandes áreas temático-curriculares, a saber: análise e linguagens documentais, arquivística, bibliografia e fontes de informação, biblioteconomia, documentação geral, técnicas historiográficas de pesquisa documental, tecnologias de informação e idiomas.

O processo de institucionalização, através da estruturação curricular, culminou no regulamento das diretrizes curriculares que definiu as grandes áreas de interesse da Documentação, e legitimou o nascimento da especialização, materializada na licenciatura de segundo ciclo e na sequência com o doutorado, de terceiro ciclo. De um ponto de vista histórico, é pertinente observar a reflexão de García Marco sobre o crescimento das instituições formadoras e do próprio campo da Documentação.

> El país se había desarrollado; las empresas, administraciones y los centros educativos y de investigación necesitaban gestionar una documentación siempre creciente; y parecía que habría dinero para acometer nuevas políticas y proyectos. Por otra parte, los estudios se diseñaron fundamentalmente ligados a las humanidades, pero con una perspectiva aplicada que ofrecía nuevas salidas profesionales en un ámbito con demasiados estudiantes y menguantes perspectivas de empleo. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 490-491).

A passagem dos anos 1980 para os 1990 foi marcada

pelo amplo crescimento do campo da Documentação na Espanha, talvez o período mais significativo em termos quantitativo. Uma das características passíveis de observação e que responde à peculiaridade da Documentação na Espanha, é expressa no perfil dos professores que assumiram postos de trabalho naquele período. Os contatos disciplinares da Documentação foram influenciados, sobretudo, pelas áreas de origem dos professores, isto é, do curso básico de graduação e porventura da pós-graduação dos novos professores que entraram durante o final de 1980 e início de 1990. Este fato foi determinante na configuração dos vínculos epistemológicos e interdisciplinares no campo da Documentação.

Um exemplo modelar é o fato de professores com formação profissional em Filologia e Linguística que tiveram que se voltar ao campo da Documentação, a ser construído, e nesse sentido, elegeram como disciplinas e linhas de pesquisa àquelas afinadas a seu domínio básico, como as disciplinas de classificação, de análise documental de conteúdo etc. Se não é possível generalizar sobre esta questão, pode-se tão-somente sugerir como uma hipótese explicativa das importantes contribuições linguísticas à Documentação dessa primeira geração de docentes.

Exatamente no início dos anos 1990 a situação se inverte em relação aos anos 1970, em que as estruturas formativas eram escassas e pouco articuladas. Em 1990, um número significativo de cursos foi criado e, consequentemente, potencializou-se a demanda por planejamento do campo. É formalmente o que procura

levar a cabo o Real Decreto n. 912/1992[12] que criou a licenciatura em Documentação, e que em 2008, já era oferecida em doze universidades, auge da formação – se é que se pode afirmar – nas universidades, a saber: Alcalá de Henares (1994), Autônoma de Barcelona (1999), Barcelona (1998), Carlos III (1994), Complutense (1996), Extremadura (1997), Granada (1994), Múrcia (1998), Oberta da Catalunha (1999), Politécnica de Valência (1997), Salamanca (1994) e La Corunha (2003). (FRÍAS, 2008, p. 70; ORERA ORERA, 2002b, p. 181).

Segundo Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994, p. 45), a licenciatura não significa a continuação da diplomatura, mas um complemento que garantia uma maior especialização. O acesso à licenciatura era garantido para o diplomado em Biblioteconomia e Documentação, além de outros diplomados, ainda que estes últimos devessem cumprir disciplinas básicas da área, o que também já estava disposto no Real Decreto n. 912/1992.

Isso garantiu a diversidade de formação dos licenciados para o exercício profissional, por exemplo, poderiam inscrever-se diplomados em Letras, Informática, Administração ou História para realizar a licenciatura em Documentação. De acordo com García Marco,

> La licenciatura abordaba fundamentalmente la formación en gestión —planificación, gestión y evaluación — y en las tecnologías de la información y la comunicación — sistemas, telemática, bases de datos, sistemas expertos. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 491).

A sequência formativa era concluída com o doutorado, que em 2002 era oferecido pelas universidades de Alcalá,

Carlos III, Complutense, Granada, Múrcia, Salamanca, Valência e Zaragoza. Esse talvez tenha sido o mais elevado estágio da consolidação da ciência da Documentação na Espanha, em todos os estratos formativos, da graduação ao doutorado. Contudo, alguns movimentos paralelos já sinalizavam o teor das próximas mudanças que se avizinhavam.

Em 1999, a situação da política científica e educacional se alterou com as convenções europeias para a integração do ensino superior, materializadas na Declaração de Bolonha. Essa declaração foi mais emblemática que outras, pois as discussões para um espaço europeu de ensino já se faziam presentes nas reuniões dos ministros, as quais resultaram também em declarações, como a de Sorbone (1998), assinada por França, Alemanha, Itália e Reino Unido.

A declaração de Bolonha nada mais fez que propor um conjunto de medidas que afetariam drasticamente os sistemas de ensino nacionais europeus, como o da Espanha, e previa alcançar altos níveis de equivalência nas titulações e certificações. Entre as principais medidas estavam: a) a adoção de um sistema de títulos compatíveis por meio de um suplemento europeu, b) adoção de dois ciclos formativos: graduação (mínimo de 3 anos) e pós-graduação (mestrado e doutorado), c) um sistema de créditos europeu que garantisse a mobilidade dos alunos e o reconhecimento de títulos, que representava entre 25 a 30 horas de atividade discente, d) mudanças associadas à mobilidade de pessoas e cooperação, pois que se referiria ao acesso aos sistemas de ensino, fluxo de pesquisadores e de pessoal administrativo

(DECLARACIÓN DE BOLONIA, 1999).

Ademais da circulação de mercadorias, o sistema deveria garantir a circulação das pessoas, principalmente dos especialistas, pesquisadores e profissionais. Em decorrência da circulação de pessoas em território europeu, em especial, profissionais bem formados e investigadores, a Espanha enfrenta nos últimos anos (a partir de 2008) um fenômeno que acompanhou a Europa em momentos de crise econômica, isto é, a saída de especialistas e cientistas a outros centros de excelência em que se oferecem melhores salários e condições dignas de emprego. Um exemplo, foi noticiado por Játiva, a respeito da situação espanhola.

> Para el coordinador del CSIC, "el comportamiento del Gobierno de España en estos momentos está generando un tsunami sobre el sistema de I+D+i español, del que solo se observan por ahora "algunos de sus desastrosos efectos". La verdadera dimensión del desastre se verá "cuando se retiren las aguas". (JÁTIVA, 2003, *on-line*).

Não somente no campo da ciência, mas em âmbito geral, a flexibilização dos sistemas de ensino facilitou a assimilação de profissionais espanhóis em países como Alemanha, Inglaterra e França, somente para citar países mais prósperos da União Europeia nos últimos anos. Nesse contexto competitivo, a Documentação teve que se refazer e tentar promover uma renovação curricular que a colocasse no mesmo nível de formação dos outros países da Europa.

Segundo a avaliação de Agustín Lacruz (2008a, p. 27), o processo de Bolonha não reuniu países semelhantes

em termo econômicos e de desenvolvimento educativo. Ao contrário, o processo ocorreu em condições diferentes segundo cada país. Desse modo, por exemplo:

> El estado del proceso muestra grandes diferencias a lo largo y ancho de Europa, países como Dinamarca, Islandia, Holanda, Gran Bretaña, Hungría, Alemania, Suiza, República Checa, Irlanda, Letonia o Polonia están situados a la vanguardia del proceso. Mientras tanto, Portugal, Grecia, Macedonia, Croacia, Andorra, Albania, Malta o Turquía están claramente ubicados em el furgón de cola de la convergencia. (AGUSTÍN LACRUZ, 2008a, p. 27).

Na Espanha, por exemplo, para dar prosseguimento às iniciativas do tratado de Bolonha, foi criado um conjunto de atos administrativos que alterou o sistema de ensino em vigor, como os reais decretos 1025/2003, 1044/2003, 1125/2003, 49/2004, 285/2004, 55/2005, 56/2005, 1393/2007, e leis orgânicas 6/2001 e 4/2007 (AGUSTÍN LACRUZ, 2008a, p. 28).

Foi elaborado um material de referência intitulado *Libro Blanco del Título del Grado em Información y Documentación* (2004) que tratou de realizar os estudos necessários para a construção de uma graduação adaptada ao Espaço Europeu de Educação Superior, em que contou com a participação da maioria das universidades que oferecia cursos de licenciatura e diplomatura em Biblioteconomia e Documentação. Em consequência, alterou-se a configuração existente entre ensino profissional básico e ensino especializado, garantido pela licenciatura, e propôs-se a unificação do primeiro e segundo ciclos desde então.

> La titulación que se propone – Información y Documentación – es el resultado de la integración de dos titulaciones: la diplomatura en Biblioteconomía y Documentación y la licenciatura de segundo ciclo en Documentación. (ANECA, 2004, p. 9).

Esse material de referência à formação na área de Documentação avalia a oferta de ensino na Europa, os modelos vigentes e sugere organizar o sistema em dois níveis: graduação e pós-graduação, tal como preconiza o tratado de Bolonha. Apresenta, sobretudo, um conjunto de conteúdos obrigatórios para a graduação em Informação e Documentação, destacando-se as áreas a que se referem e o total de créditos mínimos[13].

Tal processo realizado recentemente junto aos cursos de Documentação na Espanha consolidou a vinculação dos termos *información* e *documentación* como representativos para a denominação do campo, incluindo também os temas ligados aos arquivos e demais centros de documentação. De acordo com Frías,

> La nueva denominación quiere poner el acento em que la información y la documentación son los núcleos centrales que comparten todos los profesionales que trabajan en la gestión de la información y la documentación sin destacar ninguno de los ámbitos de trabajo. (FRÍAS, 2008, p. 76).

Em levantamento realizado junto a *Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación – ANECA* (2015), em 2015, constavam doze cursos de Graduação em Informação e Documentação na Espanha, nas instituições: Universidad de Extremadura, Universidad de Granada, Universidad de León, Universidad de Valência, Universidad de Complutense de Madrid, Universidad de

Murcia, Universidad Oberta da Catalunha, Universidad de Barcelona, Universidad de Alcalá, Universidad de Salamanca, Universidad de Zaragoza e Universidad Carlos III de Madrid. Segundo a ANECA, apenas as universidades Oberta de Barcelona, Murcia, Camplutense e Carlos III possuíam um programa de doutorado associado à área de Documentação. Contudo, no primeiro semestre de 2015 foi criado o doutorado em Informação e Comunicação, oferecido conjuntamente pelas instituições Universidad de Zaragoza, Universidad Autónoma de Barcelona e Universidad de Barcelona[14].

De maneira geral, em Documentação pode-se considerar que "[...] los objetivos del EEES están en buena parte conseguidos o, al menos, bien encaminados [...]" (GARCÍA MARCO, 2013, p. 493). Não obstante, alguns programas de formação ainda estão vigentes, especificamente os que estão em funcionamento em acordo ao Real Decreto 1393/2007.

No que se refere à ênfase do curso, pode-se destacar as palavras de García Marco

> En España el enfoque en la información y la documentación hemos visto que conecta más con el espíritu de la gestión de la información más que en el cambio digital; lo cual, paradójicamente, le proporciona un toque "retro" respecto al movimiento de los iStudies, que debe hacernos reflexionar de cara al futuro próximo, ya que los estudiantes y empleadores del futuro van más en esta última línea, sin descuidar sus grandes aportaciones. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 493).

Um fenômeno associado também aos programas de doutorado é o recente agrupamento de campos de

conhecimento. A título ilustrativo, um programa doutoral em Sociologia pode juntar-se a programas de Educação, Antropologia, Filosofia e Artes para formar um doutorado "guarda-chuva" em Humanidades. Desse modo, as diversas áreas do conhecimento na universidade espanhola têm sido organizadas como linhas de pesquisa em um doutorado "guarda-chuva", reduzindo drasticamente o número de cursos de doutorado e afetando a autonomia das áreas em questão. Além disso, para otimizar recursos financeiros e pessoal, as universidades espanholas estão organizando grandes doutorados interuniversitários (como é o caso do programa em Informação e Comunicação supracitado).

Essa tendência não é uma exclusividade das Ciências Humanas, mas está sendo praticada em áreas como Ciências Médicas, Ciências da Saúde, Engenharias e Ciências Exatas. Discute-se atualmente o fechamento, não apenas de cursos de graduação ou campos científicos, mas de algumas universidades públicas espanholas. Isso, acaso se concretize, terá supostamente uma repercussão na oferta de cursos em Documentação.

Tais elementos apresentados fornecem uma leitura contextual da questão da Documentação nos anos mais recentes. Nesse sentido, são esclarecedoras as palavras de García Marco,

> En España atravesamos un período de crisis de consolidación de los estudios, después de que un crecimiento muy intenso y acelerado se haya revelado insostenible, una especie de "burbuja" que se inserta dentro del proceso general que ha vivido España en los últimos años. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 494).

A análise da literatura permite verificar que em contraste à realidade brasileira, que está em amplo crescimento devido aos programas de ampliação da oferta universitária nas instituições federais de ensino, os especialistas espanhóis em Documentação estão conscientes do processo pelo qual estão passando. Segundo examina García Marco,

> Vivimos un cambio de época y es lógico que la enseñanza de la información y la documentación se vea afectada tanto en el ámbito internacional como en el español. Las últimas décadas han culminado en una economía mundial profundamente entretejida por la división del trabajo y los flujos comerciales y financieros; una enorme movilidad de la población, los productos y las ideas; y una red mundial de intercambio de información que da soporte a todos estos flujos, potenciada recientemente por las tecnologías sociales, y cuyas deficiencias, resultado de su espectacular crecimiento, empiezan a ser abordadas con nuevas iniciativas, como la web semántica. Esta nueva oleada de la globalización es una realidad insoslayable, y constituye a la vez una amenaza y una oportunidad. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 500).

Ortiz-Repiso, Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 506) relacionam um conjunto de elementos que são apontados para contextualizar a situação recente: o aumento rápido das matrículas entre os anos 1982 e 1999, a estabilização nos primeiros anos de 2000 e a queda vertiginosa das matrículas ainda sem se resolver; as opções profissionais; o desprestígio da profissão de documentalista; a situação socioeconômica inadequada; o número de bolsas de estudo disponível considerado insuficiente; o aumento dos preços das matrículas em vários níveis de ensino[15]; o oferecimento de titulações de

mestrado e especialização em Arquivologia e Museologia por outros departamentos etc.

Em contraste, contam os autores que a taxa de matrículas de mestrado e doutorado se mantêm, e dependendo do ano acadêmico avaliado até aumentou. Contudo, uma avaliação mais criteriosa sobre a nacionalidade dos pós-graduandos pode responder a questão da dimensão quantitativa da área na Espanha e o número de profissionais espanhóis realmente envolvidos com a pesquisa do campo da Documentação, pois é notório que as universidades espanholas têm uma taxa elevada de teses defendidas por estrangeiros, o que não implica a manutenção desses especialistas no mercado de trabalho ou na docência em cursos de Documentação na Espanha. Em outras palavras, a taxa regular de matrículas de doutorado não significa, em absoluto, manutenção do número de matrículas de profissionais espanhóis.

É possível que as modificações realizadas no contexto do plano Bolonha e as medidas para diminuir a taxa de procura pelos cursos de Documentação, não tenham obtido o resultado esperado ainda.

> Por los datos analizados, podemos concluir que este objetivo no se ha conseguido. Aunque se ha remontado algo, la matrícula de nuevo ingreso lleva, de manera general, un camino descendente y las tasas de abandono, más altas de lo deseado, contribuyen a aumentar ese descenso en niveles de sostenibilidad. (ORTIZ-REPISO; CALZADA-PRADO; APORTELA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 512)

A Documentação, em termos institucionais, experimentou após a ditadura franquista e a nova

constituição um amplo crescimento. O número de cursos se ampliou, os instrumentos jurídicos que padronizavam o ensino foram desenvolvidos e as vagas e os concursos para docentes (*oposiciones*) foram criados nos anos 1980. Esses concursos motivaram diversos especialistas de formações variadas a se dedicarem a pensar a Documentação na Espanha, e as principais contribuições à área talvez possam ter nascido neste período. Na década de 1990, a Documentação se especializa, os departamentos começam a oferecer a licenciatura, os primeiros programas de doutorado foram implementados e a primeira geração de doutores em Documentação sai das universidades. Nos anos 2000, a situação se altera, devido à diminuição do número de alunos e o desenvolvimento paralelo das políticas do processo Bolonha.

Nesse *boom* da Documentação na Espanha, alguns aspectos não foram resolvidos e que, se presume, manteriam a área mais robusta frente às mudanças perpetradas no contexto europeu. Um exemplo talvez seja o da regulação do exercício profissional que não se levou a cabo via instrumentos jurídicos de proteção dos profissionais e garantia de estabilidade. Nesse sentido, dezenas de alunos saíram das universidades sem uma segurança a respeito da área e dos postos de trabalho de documentalistas. Também se alia ao fato da entrada nos cursos não corresponder às necessidades do mercado, isto é, uma quantidade expressiva de alunos ingressou nos cursos na década de 1980, em alguns casos, em torno de 200 por curso, muito mais que o mercado poderia absorver, o que ampliou de uma hora para

outra o número de profissionais no mercado, os quais, se aposentariam após 30 ou 35 anos de trabalho. Isso, logicamente, dificultou o ingresso aos postos de trabalho dos novos egressos das universidades, o que, ao passar do tempo, afetou a procura pelos cursos.

Em pouco mais de trinta anos, a Documentação na Espanha desenvolveu-se, consolidou-se e na última década tem sofrido com a rápida diminuição em termos quantitativos, especialmente medido pelo número de alunos de graduação, mestrado e doutorado. Deve-se ter em mente esse movimento de abertura, ascensão e recente derrocada ou arrefecimento quando se avalia as relações disciplinares da Documentação.

Nesse mesmo período, os estudos de pesquisadores espanhóis em Documentação foram fundamentais para a abertura de novas linhas de investigação, especialmente via uma análise epistemológica e histórica da Documentação, como se discutirá a seguir.

Devem-se destacar alguns aspectos do conceito de Documentação, que se presume, incorporou-se à vertente espanhola. Entre as correntes da Documentação, Sánchez Belda e Pescador del Hoyo (1993, p. 137) mencionam: biblioteconomia tradicional, biblioteconômico-documental – esta vê as diferenças entre as disciplinas e considera a Documentação como instância que supera as técnicas anteriores –, a corrente arquivística, a qual as autores se incluem.

Foi fundamental para o conceito de Documentação o redescobrimento da obra de Otlet, a qual recebeu uma contribuição espanhola considerável de interesse à

história da Documentação, o conceito de documentação como disciplina independente, área de conhecimento e conjunto de ramos do conhecimento, como ciência e como técnica, tendo, pois, a informação documental como objeto e seu desenvolvimento no processo informativo (SÁNCHEZ BELDA; PESCADOR DEL HOYO, 1993, p. 138).

A criação do título universitário de licenciado em Documentação acelerou, de certo modo, a necessidade de considerar a "documentação" segundo uma perspectiva consensual.

> Documentación puede entenderse como conjunto de las disciplinas (Ciencias de la Documentación) relacionadas com el estudio del documento como fuente de información para obtener una nueva información o una toma de decisiones, disciplinas que son materia de estudio, por ejemplo, em una Licenciatura en Documentación (Archivística, Biblioteconomía, Bibliografía, documentación, Museología). (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 141).

A Documentação está estreitamente ligada ao desenvolvimento das ideias de Paul Otlet, assim como seu trabalho no Instituto Internacional de Bibliografia. A palavra "documentação" substituiu "bibliografia" devido a uma influência holandesa dentro da federação internacional de documentação, segundo López Yepes (2002b, p. 40).

Na Espanha, a despeito de o reconhecimento de Otlet e de sua visão integral da ciência e das atividades de documentação, López Yepes e Ros García (1993) aludiram há algum tempo às demais influências da Documentação em outras partes do mundo ocidental, especialmente, as

perspectivas Biblioteconômica – relacionadas à Bradford e Shera –, Ciência da Informação ou informativa – que alude à influência de Calvin Moores, *Georgia Tech*, *American Documentation Institute* e culminando no trabalho de Borko –, além disso, reconheceram a participação alemã e russa na Documentação internacional.

Essa forma de entender de maneira plural a Documentação oferece ao pesquisador um conhecimento contextualizado das perspectivas e narrativas epistemológicas. A categoria teórica chamada "perspectiva" é notadamente encontrada nos trabalhos de López Yepes (1995; 2002b) e serve para retirar da leitura da Documentação quaisquer tipos de caracteres transnacionais, isto é, visões que tentam fundar a Documentação sob uma doutrina coerente e unânime sobre as de outros países. Desse modo, os documentalistas espanhóis conseguiram entender seu estágio de desenvolvimento em comparação às demais perspectivas, versões ou narrativas da Documentação, sem imputar a todas uma única versão vencedora, isenta de referenciais históricos, políticos e sociais.

O termo "documentação" pode ser entendido de um ponto de vista abrangente como um campo científico que contempla diversas disciplinas:

> Como Ciencias de la Documentación, esto es, como el conjunto de las disciplinas que tienen por objetivo de estudio de un proceso informativo en el que se da una actividad de recuperación de mensajes emitidos en procesos anteriores y que, mediante análisis y tratamiento técnico, se comunican transformados con la finalidad de que sirvan de fuente de información para la obtención de nuevo conocimiento o para la toma de

> decisiones. (LOPEZ YEPES, 2002, p. 71).

Assim, a Documentação agregaria saberes da Biblioteconomia[16], da Arquivologia e da Museologia, além de outros interessados ao estudo do processo informativo-documental, como pivô da criação de novas estruturas cognitivas. Como sumariza López Yepes,

> [...] de modo más sintetico, documentación es la ciencias general que tiene por objeto el estudio del proceso de adecuación y transmisión de las fuentes para la obtención de nuevo conocimiento. (LÓPEZ YEPES, 2002b, p. 71-72).

Para entender a configuração terminológica das profissões da informação na Espanha, deve-se compreender que o uso dos termos "bibliotecário", "arquivista", "documentalista", "museólogo" ou "gestor da informação" está muito mais ligado à prática ocupacional ou ao local em que se trabalha que com a titulação obtida, uma vez que existe uma única área nas universidades – a de Informação e Documentação – que cobre os saberes destinados a distintas ocupações. Na verdade, é a prática ou ocupação que designará o nome da profissão, e não a instrução recebida; isto é, bibliotecário será o profissional que atua em biblioteca, como ou sem formação em documentação, o mesmo vale para o arquivista.

A esse respeito, profere as palavras López Yepes em seu intento conciliador e para evitar a diáspora das ocupações.

> Desde el primero de los supuestos, el término <<documentalista>> comprende de hecho el conjunto de profesionales y estudiosos que

> son sujetos emisores del proceso informativo-documental y que desempeñan su función en las distintas fases del mismo: producción, tratamiento y difisión de los diversos mensajes documentarios, y que aunque mantengan su antigua o nueva denominación tradicional (archiveros, bibliotecários, bibliógrafos, documentalistas ...), están ubicados en el marco más amplio del profesional de la Información y Documentación. (LÓPEZ YEPES, 2002b, p. 72).

Para matizar esta afirmação, deve-se ter em linha de conta que a área designada como "Ciências da Informação" está relacionada ao Jornalismo, Relações Públicas, Rádio, Publicidade e Audiovisual, como área "guarda-chuva". Nos últimos anos, este quadro vem se alterando e as faculdades dessas últimas profissões universitárias estão se autodenominando faculdades de ciências da comunicação. Isso coloca novamente a necessidade da discussão da nomenclatura da área de estudo, pesquisa e prática profissional.

Soma-se a esse fato que até a década de 2000, a terminologia que se figurava na Espanha era Biblioteconomia e Documentação, para referir-se a diplomas universitários. Contudo, começou já nos anos 1990 a substituição de "biblioteconomia e documentação" por "informação e documentação", como forma mais geral ao referir-se ao campo.

López Yepes teve que reconhecer este fenômeno que antecipou o problema terminológico no campo da Documentação, até então muito alinhado à perspectiva francesa:

> A la luz del cuadro subsiguiente y del conocimiento de la bibliografía, cabe estimar

> que los dos nombres más utilizados para designar el conjunto de las disciplinas que nos ocupan es el de Documentación y el de Información y Documentación. El uso del primero se manifiesta sobre todo en el título universitario de licenciado en Documentación. El uso del segundo viene marcado por la influencia de los institutos del CSIC y por el deseo manifiesto de dejar siempre patente el carácter informativo de la Documentación. (LÓPEZ YEPES, 2002b, p. 68).

Seguindo López Yepes, pode-se afirmar que o termo "documentación" se fortalece com a criação em 1992 dos novos títulos universitários, pois logo na sequência, um maior número de escolas incorporou esta terminologia para denominar seus cursos de graduação e, consequentemente, as disciplinas curriculares (*asignaturas*). Argumentou López Yepes (2002b) que "documentação" encontrou um número maior de defensores em relação a outras linhas, sem relacionar a proporção tomada pelos demais.

A narrativa implementada por López Yepes enseja a consolidação de um campo e foi objeto de trabalho nas últimas três décadas. Esses intentos produziram um quase amalgamento da concepção de Documentação, à moda espanhola, incorporando suas tradições em gestão e conservação de documentos históricos e as novas tecnologias digitais para o acesso à informação em uma sociedade preconizada como sociedade da informação. Essa motivação definitória está presente na seguinte concepção que recorre, substancialmente, a elementos já tratados antes:

> [...] Documentación es rama del saber integradora de todos los saberes y oficios relacionados con el documento; general e

> instrumental al servicio de todos los saberes y actividades sociales; informativa, por cuanto tiene como objeto de estudio un proceso de carácter informativo; especializada, cuando se hace operativa al servicio de una determinada rama del saber o actividad social, y, por último, científica, cuando sirve de apoyadura para la obtención de nuevo conocimiento científico. (LÓPEZ YEPES, 2002b, p. 71).

O rechaço à Biblioteconomia e à Arquivologia como disciplinas independentes tampouco foi comentado. Particularmente, esta última definição parece pouco consistente, pois não trata do ponto de vista científico, porém representa uma tentativa de justificar a importância da disciplina perante outros campos acadêmicos e profissionais.

Nesse sentido, não se vê a necessidade de tal fundamentação, pois se procura atuar em um nível ideológico, distanciando-se do teórico-explicativo. Talvez seja um sintoma mesmo da posição deste campo no cerne das demais áreas profissionais e disputas corporativas: a de constituir uma narrativa científica.

A Documentação nasce sem um referencial institucional anterior que rivalizasse a sua chegada, como, por exemplo, poderia ter sido – caso houvesse antes – a dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia e associações profissionais já montadas e com uma narrativa de existência estatuída. Sem potenciais raízes materiais (faculdades e cursos de graduação já consolidados) ou sem uma quantidade expressiva delas, a estruturação epistemológica da Documentação, no caso espanhol, partiu para uma narrativa agregadora, ampla, generalizante, o que, com efeito, pode ter

causado o próprio escasseamento do significado.

O problema terminológico ainda consiste, como pode ser notado no trabalho recente de García Marco,

> Es verdad que el término Biblioteconomía y Documentación presentaba muchos problemas para categorizar a nuestro estudios, pero al menos era reconocido por los estudiantes de enseñanzas medias de humanidades como una salida profesional y, por tanto, como una carrera a la que dedicar-se. Por otra parte, el término Información y Documentación es más abarcador e incorpora sin ambages la revolución de internet, pero no conecta — o al menos no lo hace todavía — con el antiguo público de estudiantes de humanidades. Es más, es posible que los títulos de las asignaturas incluso espanten a nuestros clientes tradicionales, pues aparecen claramente inscritos en los campos de la tecnología y la gestión. (GARCÍA MARCO, 2013, p. 497).

Essa dificuldade de estabelecer consensos se superdimensiona durante um período crítico para a Documentação na Espanha, no que se refere à configuração universitária. Em certo sentido, a carência de universidades públicas gratuitas pode significar um problema, juntamente com a falta de regulação do mercado – isto é, entrada regulada segundo a demanda do mercado e não de acordo com a capacidade formativa da universidade –, pois os campos profissionais com menos capital social e simbólico junto à população necessitam de iniciativas indutoras bem mais que outros campos. Nesse caso, a formação universitária pública, com exigência de taxas escolas, embora sejam baixas, impossibilita a formação de quadros com dificuldades financeiras que ocuparão uma vaga de trabalho.

Ainda que se considerem críticas às mudanças terminológicas e estruturais dos últimos anos na Documentação na Espanha, deve-se ressaltar a sua influência nas tradições bibliotecárias do Novo Mundo. A Documentação de raiz espanhola continuará sendo objeto de estudo em razão de sua forte influência otletiana e no caso da análise documental de conteúdo, da contribuição gardiniana. Seguirá como matéria de interesse geral, sobretudo, pela capacidade que tem demonstrado de gerar pensadores críticos sobre a teoria da Documentação.

Assim como a sua congênere brasileira, a Documentação na Espanha desenvolveu-se sob os princípios da interdisciplinaridade e criticidade, os quais requerem uma atitude revisionista constante para reinterpretar os elementos de seu desenvolvimento teórico e prático.

Observando a natureza dos problemas da linguagem da análise documental, pode-se supor que as teorias semióticas – vistas de modo amplo –, oferecem elementos teóricos e conceituais à Documentação e à Semiótica Documental na Espanha. A análise dessas abordagens será levada a cabo na seção seguinte.

4
A Semiótica na Espanha

Antes de listar o teor das contribuições semióticas na Documentação, faz-se necessário retomar ao quadro histórico então disponível[17] que serviu como base para o desenvolvimento do que está sendo denominado de abordagens semióticas.

A tradição espanhola no campo da Semiótica também guarda relação com a organização institucional dos movimentos de cientistas e pesquisadores. É o caso, por exemplo, da vinculação entre associações acadêmicas, como a *International Association for Semiotic Studies* e a *Asociación Española de Semiótica*.

A *International Association for Semiotic Studies*, principal instituição no campo de estudo da Semiótica, foi fundada em 1969, e contou com a participação de especialistas ilustres como: Algirdas Greimas, Roman Jakobson, Júlia Kristeva, Émile Benveniste, Thomas Sebeok e Yuri Lotman. A associação teve origem em 1966, ocasião da primeira Conferência Internacional de Semiótica realizada em Varsóvia, Polônia, e estabelecido como primeiro presidente, Émile Benveniste. A associação é responsável pela edição da revista Semiótica (*Journal of the International Association for Semiotic Studies*), publicado desde 1969 (INTERNATIONAL ASSOCIATION

FOR SEMIOTIC STUDIES, 2014)[18].

Pela análise da crônica sobre a fundação da associação espanhola, verificam-se os vínculos entre as associações que sedimentam o pensamento semiótico. Segundo Pozuelo Yvancos (1999), a *Asociación Española de Semiótica* teve seu início em 1983, quando se celebrou o Congresso Internacional de Semiótica e Hispanismo, em Madri. Durante as sessões do congresso a possibilidade de uma associação foi amadurecendo quando José Romera Castillo convocou uma assembleia para a constituição da associação. A assembleia contou com o professor Cesare Segre, presidente da *International Association for Semiotic Studies*. O primeiro congresso da associação foi realizado na cidade de Toledo em 1984. O primeiro presidente foi Garrido Gallardo e o secretário geral José Romera Castillo, o qual teve a ideia da constituição da associação (POZUELO YVANCOS, 1999). A associação é responsável pela edição da revista *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, desde 1992[19].

De acordo com a análise de Pozuelo Yvancos (1999), os temas dos congressos da Associação Espanhola de Semiótica durante os anos 1980 e 1990 estavam relacionados ao que se pode designar como Semiótica literária, em que se incluía sob este guarda-chuva abordagens tão diversas como a Semântica linguística, Semiótica do teatro, Semiótica dos meios de comunicação, Semiótica da ficção, Semiótica visual, Pragmática, Semiótica narrativa, Análise textual, Semiótica da cultura etc. Esse alinhamento estava condizente com a proposta teórica da Linguística espanhola por preocupar-se com os temas culturais que se manifestam nas diversas

linguagens.

Assim, entende Pozuelo Yvancos que

> [...] vla A.E.S. ha venido a entender la Semiótica cada vez más como campo de confluencia interdisciplinar de diferentes lenguajes que como un lenguaje científico uniforme o unidisciplinar. El concepto de signo se ha venido ensanchando, se ha concebido mucho más que como canal o como código, en el sentido global de comunicación de diferentes códigos y las ciencias que animan esos códigos y se han ido interpenetrando hasta llegar a unos Congresos que han perdido la especialización lingüístico-formal de la primitiva ciencia Semiótica y han devenido a la alternativa más imaginativa que el campo de la comunicación plantea; entender la semiótica como un lugar de encuentro de signos y códigos diferentes que generan una polifonía de mensajes. (POZUELO YVANCOS, 1999, p. 66).

Em outros termos, a concepção semiótica da principal associação do assunto em Espanha ainda não formalizou o espectro de atuação, assim há guarida para quase todos os temas não pertencentes à linguística formal ou à semiótica-lógica. Esse campo não representa ainda um espaço de convergência dos temas de Documentação, os quais não são tratados nos artigos publicados por sua revista Sigma.

Antes de propor-se qualquer relação entre uma abordagem semiótica e a Documentação na Espanha, deve-se, em primeiro lugar, perguntar-se qual horizonte de conceitos era possível em tal ambiente acadêmico. Segundo relata Lapesa (1986, p. 9), a escola linguística espanhola foi fundada por Menéndez Pidal e nasceu com a intenção de aplicar ao estudo da língua espanhola as concepções e métodos da linguística europeia originados

no século XIX.

> La superación de un diseño científico positivista hasta llegar a la concepción integradora de los hechos linguísticos, literarios e históricos, caracteriza como es sabido a la escuela de Meéndez Pidal [...]. (ABAD, 1986, p. 254).

Em outras palavras, Ramón Menéndez Pidal encontra-se entre a confrontação de positivismo dos fatos linguísticos que visavam o lógico e o descritivo dos fatos e o idealismo, como perspectiva que visa à compreensão e a individualização dos fatos linguísticos. Assim, parece ocorrer uma fusão entre a teoria linguística, *stricto sensu*, e os estudos literários, estilísticos, históricos e culturais do fenômeno linguístico.

Segundo aponta Lapesa (1986), vários foram os seguidores de Menéndez Pidal, como Navarro Tomás, Rubén Darío e Américo Castro. Na geração seguinte, apareceram os filólogos Dámasio Alonso e Amado Alonso. Dámasio Alonso, por sua vez, apresentava em seu curso de 1934 as teorias e os métodos de Ferdinand de Saussure, Bally e Secgehaye, do Círculo de Praga e dos formalistas russos.

> De este modo la escuela española acogió la noción y término humboltianos de la *forma* lingüística *interior*, contrapuso la visión del lenguaje con *enérgeia* a su consideración como *ergon*, reconoció la *función activa* que puede ejercer; incorporó las antinomias saussurianas *significante/significado*, *lengua/habla*, *diacronía/sincronía*, y con ellas *sintagma* y *morfema*, *distaxia* y *polisemia*, también de procedencia ginebrina; de Praga vinieron el concepto y nombre de *fonema*, la distinción entre *fonética* y *fonología* o *fonemática*, entre *oposición disyunta* y *oposición correlativa*, *marca de correlación*, *término marcado* y *no*

> *marcado*, *neutralización*, *archifonema*, etc.; em gramática proceden de Jespersen *término primario*, *secundario* y *terciario*, etcétera. (LAPESA, 1986, p. 11).

Essa terminologia já era familiar para especialistas espanhóis entre 1930 e 1945. Segundo se infere da revisão de Lapesa (1986), a linha teórica saussureana estava plenamente constituída antes da Segunda Guerra Mundial pelas comunidades acadêmicas de linguística na Espanha, bem antes dos estudos semióticos peirceanos que demoraram ainda algumas décadas até que fizessem parte definitiva do desenvolvimento da Semiótica na Espanha.

Um caso particular é o conceito de Semiologia, explicado em uma obra de 1962, por Amado Alonso, como a doutrina da significação, apesar de ser reconhecido que no conteúdo do significado há uma esfera lógica (apud ABAD, 1986, p. 212). É importante observar no material de Abad, que recompila os ensinamentos dos mestres da escola linguística espanhola, não figura o termo "semiótica", o que sugere que não era tão comum a perspectiva semiótica peirceana ou mesmo greimasiana entre os linguistas espanhóis no período em questão.

Contudo, um fato que chama a atenção é que em 1951, García de Diego já usava um conceito de signo de cunho triádico:

> La palabra no expresa una idea sino una realidad mediante una idea. Si digo *un toro* no quiero expresar la idea, sino la realidad *toro*. La palabra no es pues un díptico fónico-ideal, sino un tríptico fónico-ideal-objetivo; esto es, el elemento sonoro *toro*, mi idea y el animal toro [...]. (GARCÍA DE DIEGO, 1951 apud ABAD, 1986, p. 214).

Essa compreensão foi manifestada em um verbete sobre significação, contudo, referia-se ao conceito de signo, por esta razão se cogita que a concepção triádica de signo já era comum e usada entre os especialistas, mesmo que não houvesse uma nítida perspectiva sobre o vocabulário técnico de Semiótica e seus teóricos. Em síntese, presume-se que a concepção de Semiótica como campo de estudo de diversos códigos não era tão evidente, embora a concepção triádica de signo já fizesse parte do contexto acadêmico espanhol em 1950.

A noção de signo triádico convivia com o conceito estruturalista de signo. Dámasio Alonso sustentava em 1950 que o signo, assim como para Saussure, é arbitrário na medida em que não há nada que liga significante com coisa significada, e põe ênfase no sentimento de motivação do falante, isto é, ao contrário da afirmação de que o signo é imotivado e arbitrário, sugere haver uma motivação ou sentimento de dizer como fato linguístico (ABAD, 1986, p. 215).

Do ponto de vista das unidades de análise, nos anos 1960, a Linguística enfocava a análise das orações como um nível mais avançado em relação ao nível lexical (TORDESILLAS, 2000, p. 26). A Linguística sempre foi, do ponto de vista da Documentação francesa, um grande centro de busca de teorias. As obras de Gardin retomam frequentemente as concepções de signo linguístico e outras do jargão da Linguística Estrutural. Avaliando melhor seus impactos sobre a Documentação, deve-se reconhecer que a Linguística não apenas fornece conceitos que permitem operar com os códigos textuais.

Um pouco antes da introdução das problemáticas

semióticas como linhas de investigação paralelas à Linguística, ocorreu a sistematização dos problemas linguísticos na fundação da Sociedade Espanhola de Linguística, em 1970, formada principalmente por especialistas provindos de diversos campos, principalmente Filologia e Literatura. Esta sociedade edita a Revista Espanhola de Linguística[20]. O primeiro Simpósio desta sociedade ocorreu em 1971 e teve como tema central o problema da Semântica Estrutural, o que denota a influência da escola francesa na constituição do temático do evento. Nos anos 1970, segundo Tordesillas (2000, p. 25), a Linguística orientava-se à análise de algo mais que a oração, isto é, a análise do texto e do discurso.

O estreitamento da relação com a Semiótica também se deu nessa mesma década. Em manuais deste período, especialmente o de García Berrio e Vera Luján (1977), encontram-se a menção à Semiótica junto com o problema linguístico do significado, fato que é muito comum no contexto da Linguística, pois há a tendência a classificar e circunscrever o problema semiótico como um problema exclusivamente do significado. Os autores retomam a querela da presença-ausência de um objeto do signo na teoria – ou coisa extralinguística – para constituir a análise do significado, fazendo ressurgir o que consideram um problema, isto é, a própria realidade.

Sendo assim, não consideram como linguístico o que está à margem do simbólico. Assim, os autores criticam esta concepção de Semântica:

> La Semántica, de acuerdo con esta concepción del significado, se habría visto

> convertida en una ciencia realista, empeñada en último extremo en el análisis del mundo objetivo, de una realidad paradójicamente extralinguística. (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 136).

Em outra passagem ainda afirmaram que "[...] carece de sentido la pretensión de identificar la semántica con la ciencia que se ocuparía del análisis de los referentes extralinguísticos de los signos." (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 139).

A sustentação desse argumento é bem conhecida dos manuais de Linguística do período, recuperando as ideias de Greimas e de fundo, Saussure, pois, ao fim e ao cabo, o que importava era a imotivação e não a relação com o mundo "objetivo", tal como afirmaram. Desse modo, para García Berrio e Vera Luján (1977), a Semântica não é uma ciência realista capaz de fornecer informação detalhada sobre a realidade do mundo objetivo. Os autores procuram convencer o leitor que o mais importante é entender a Semântica como teoria da função comunicativa dos significados, e como eles funcionam; e esta não tem nada a ver com descrição do mundo.

Esta marca do pensamento linguístico interfere na compreensão de uma proposta semiótica erigida sob o realismo crítico. Considera-se que nesse período, final da década de 1970, a discussão ainda não estava apresentada de uma maneira ajustada, pois a teoria do significado não deve se esquivar do problema proposto pelo realismo crítico e não se deixar convencer pelo realismo ingênuo e relativismo, imperantes nas Ciências Humanas quando procuram contra-argumentar as

iniciativas de descrição do mundo dos sentidos.

No sentido de evitar isso, García Berrio e Vera Luján (1977) construíram o argumento contrário à visão etiquetada como realista do significado. Assim, erigiram uma noção, pode-se dizer anti-peirceana de significado, etiquetando as versões triádicas e realistas do signo como noções externas aos problemas linguísticos. Talvez esta leitura encontrada no quadro definitório da Semântica tenha retardado as considerações marcadamente semióticas, as quais demorariam alguns anos mais a surgir no âmbito institucional espanhol com uma comunidade científica voltada à Semiótica.

Verifica-se uma divisão entre Semiótica e Linguística que marcaria os interesses e os estudos da linguagem até nossos dias, ao passo que se concebia Semiótica, via García Berrio e Vera Luján (1977), como ciência cujas ramas são a Sintática, a Semântica e a Pragmática. Em outras palavras, e extrapolando a lógica corporativista, estar-se-ia ante um campo que inclui a Linguística, não somente através dos interesses conjuntos a respeito do significado, mas, sobretudo, pela abordagem sincrônica presente nas análises sintáticas e diacrônica na reconstituição do significado pragmático.

Para García Berrio e Vera Luján (1977), a Semiótica se encarregaria pela elaboração de uma metalinguagem de uso científico e seria fundamental para as pesquisas linguísticas. No nível sintático se ocuparia pela interação entre os significantes, no nível semântico se referiria à questão conceitual e no nível pragmático estaria vinculado aos sujeitos nos atos de linguagem (GARCÍA BERRIO; VERA LUJÁN, 1977, p. 148). Os autores recuperaram tal

definição prototípica de Semiótica do livro de María del Carmen Bobes, publicado em 1973. Não obstante, os avanços neste campo já se faziam constar nos trabalhos de Charles Morris na década de 1940.

Ademais da relação entre Semântica e Semiótica, García Berrio e Vera Luján (1977) expuseram de maneira clara os principais ramos da Semântica, o que é de interesse também das abordagens semióticas, uma vez que alguma delas podem se configurar como problemas semióticos, segundo conceberam. Assim, dividiram o campo da Semântica em: Semântica Externa ou tradicional (que busca as causas nos fatores linguísticos, históricos, sociais, psicológicos, entre outros), Semântica estrutural (vinculada aos trabalhos de Greimas, Pottier e Lyons), e Semântica Gerativa (de Chomsky). Evidentemente, deve-se considerar também que o modelo actancial de Greimas apresentado no bojo das teorias semânticas pertenceria também a Semiótica discursiva e textual. Ainda que não se possa generalizar, estes parecem ser dados comuns da Linguística na Espanha.

George Lakoff, quando entrevistado sobre o desenvolvimento das pesquisas linguísticas na Espanha, comentou que a vida intelectual sob o regime de Franco produziu retrocessos, não obstante em pouco mais de 20 anos desde a morte de Franco os linguistas espanhóis já estavam fazendo pesquisas de ponta em Linguística cognitiva e Linguística funcionalista, ao passo que estão levantando as mais relevantes questões, o que o deixou impressionado (MENDOZA IBÁÑEZ, 1997, p. 52).

A observação de Lakoff é coerente com alguns fatos, visto que é possível que as teorias linguísticas em

Espanha no citado período somente tivessem um ponto comum de referência ou núcleo: a Escola Francesa. Deve-se, assim, escrever mais algumas palavras sobre o papel crucial da Linguística francesa nos estudos linguísticos espanhóis.

De acordo com a análise feita por Tordesillas (2000, p. 24), as contribuições da escola francesa e o estudo da língua francesa, foram predominantes até 1975, o que até mesmo assegurou um corpo de investigadores de Linguística francesa na Espanha. Segundo avalia Tordesillas (2000, p. 23), "Nos atrevemos a asegurar que, en España, hemos tenido y tenemos numerosos y prestigiosos filólogos, no podemos decir lo mismo sin embargo de los lingüistas." O autor ainda menciona que entre os teóricos de referência para a Linguística espanhola estão Saussure, Jakobson, Hjelmeslev, Jepersen, Coseriu, Martinet, Tesnière, Bally, Greimas, Guillaume, Chomsky, Pottier, Gross, Wilmet, Mel'cuk, Joly, Austin, Benveniste, Ducrot, Anscombre, Culioli e Roulet (TORDESILLAS, 2000, p. 25).

Deve-se sublinhar um fato fundamental, que a escola francesa proporciona um conjunto de modelos para investigar a língua, muitos dos quais têm como base o estruturalismo. Presume-se que o desdobramento dos estudos linguísticos presentes na Espanha, antes da entrada em cena da Documentação, se organizou em torno, primeiro, à abordagem estruturalista e, em segundo, à gerativista. Nos dois casos, e dado o contexto histórico encontrado, a Semiótica ficou em segundo, ou mesmo terceiro plano, pois poderia muito bem ser abarcada e substituída pela Semântica linguística.

Nas palavras de Tordesillas (2000), a descrição do léxico volta a ser objeto da Linguística espanhola, como segue:

> En efecto, en el momento actual, tal y como ya hemos señalado, se produce un regreso a la descripción del léxico, pero esta vez, a diferencia de la lingüística saussureana y estructural que hemos descrito en páginas anteriores, tal retorno se lleva a cabo a amparo de las nuevas propuestas teóricas entorno a la semántica y a la pragmática, teorías que han llevado a una redefinición y reformulación de numerosos conceptos lingüísticos. (TORDESILLAS, 2000, p. 25).

Conclui Tordesillas (2000, p. 28) que a Linguística espanhola encontra-se no início do século XXI voltada às teorias semânticas e pragmáticas. Embora pareça difícil defender esse argumento, a Semiótica, segundo defende González (1986), em seu artigo sobre Semiótica na Espanha, nasce na Espanha no cruzamento com a Literatura, precisamente derivado do trabalho de Ramón Menéndez Pidal (1869-1968). Menéndez Pidal analisou com métodos linguísticos, históricos e filosóficos a conexão entre autor, obra e criação. Os discípulos de Menéndez Pidal trataram de constituir uma escola linguística espanhola voltada a temas como a análise literária e a estilística.

De acordo com González (1986), a Semiótica aparece mesmo é no início dos anos 1970 com a difusão do estruturalismo,

> Semiotics appeared in Spain at the beginning of the 1970s, in the wake of structuralism, which had been introduced and assimilated shortly before. As had been the case with structuralism, semiotics was applied

> principally in literary criticism, a field in which it stirred up controversy. (GONZÁLEZ, 1986, p. 474).

Por um lado, os estudos literários já dominavam o terreno da Linguística, por outro, a própria Linguística, tal como assinalado por Tordesillas (2000), estava comprometida com as teorias e o projeto linguístico-semiológico francês.

Com efeito, o aparecimento da Semiótica na Espanha, assim como ocorreu em outros países, estava condicionado pela institucionalização do estruturalismo na academia. Assim, faz todo sentido a argumentação construída por García Berrio e Vera Luján (1977) diante do problema da Semiótica, alinhada às dimensões da semiose de Morris.

Acaso se recorresse a uma panorâmica da Espanha, encontrar-se-iam diversas pequenas escolas de Semiótica em plena ebulição, mas que não se tornaram coesas em relação a seus métodos, conceitos, procedimentos e instituições. Em outras palavras, o que havia eram grupos heterogêneos em vários sentidos.

González (1986) recorreu aos estudos das distintas linhas e apontou a existência dos seguintes grupos de investigação semiótica que apareceram depois da escola pidalina. Um primeiro grupo esteve sediado em Madri com os seguintes especialistas: Fernando Lázaro Carreter, Manuel Alvar, Antonio Prieto, Pilar Palomo, José María Diez Borque, Luciano García Lorenzo, Jorge Urrutia, Francisco Rodríguez Adrados, Miguel Angel Garrido Gallardo, Francisco Abad Nebot etc.

O segundo grupo estava localizada em Oviedo, norte

de Espanha, e era representado pelos especialistas María del Carmen Bobes, Joaquina Canoa Galiana, Alberto Álvarez Sanagustín, Rafael Núñez Ramos, Antonio Gil Hernández e María Dolores Rajoy. Para González (1986, p. 476), este era um grupo mais homogêneo e teve contato com os autores Morris, Carnap, Propp, Jakobson, Barthes, Chomsky, além dos estruturalistas linguísticos.

Um terceiro grupo, o grupo de Valência, estava formado por Jenaro Taléns, Juan Oleza, José Romera Castillo, Antonio Tordera Sáez e Vicente Hernández Esteve. É desse grupo que sai a primeira publicação em Espanha destinada a abordar os trabalhos de Charles Peirce, de autoria de Antonio Tordera Sáez, intitulado *Hacia una Semiótica Pragmática*, de 1978.

O quarto grupo estava sediado em Málaga, por Antonio García Berrio e Agustín Vera Luján. Entre as bases teóricas do grupo homogêneo, segundo González (1986), figuravam os formalistas russos, ademais do estruturalismo e os temas de interesse eram o trabalho literário e a linguagem poética. Outro grupo associado à Linguística, foi o grupo de Zaragoza formado por Cándido Pérez Gallego e Alicia Yllera. Destacou-se pela ênfase em crítica literária e análise poética.

A respeito de esses grupos, tão díspares em vários aspectos como se pôde notar, González conclui que:

> The Spaniards combine semiotic theory with linguistic, sociological, and psychological theories, and apply these theories to the practice of literary analysis. Thus it can be said the Spanish semiotics consists more of adaptation than of creation. (GONZÁLEZ, 1986, p. 482).

Em menor medida, também se encontram as iniciativas espanholas em Semiótica desde o campo da comunicação, porém pouco representaram, pelo que se pode inferir do trabalho de González (1986). Contudo, seria útil revisá-las em outra oportunidade, haja vista que o trabalho da autora representa a situação encontrada nos anos 1980.

Embora a confluência com a Linguística pareça fundamental ao discurso semiótico espanhol, a qual se deveu estruturar de acordo com o estado de institucionalização das escolas linguísticas encontrado, por exemplo, nas linhas francesa e pidalina, devem ser registrados os percalços pelos quais passaram as ideias de Peirce e sua Semiótica ao entrarem na Espanha.

No que tange o pensamento de Peirce, deve-se registrar como a teoria peirceana apareceu no cenário espanhol. Em um texto de 1891, Ventura Reyes Prósper (1863-1922) estudou Peirce entre outros autores, em seu artigo intitulado "Lógica simbólica", em artigo publicado pelo periódico *Naturaleza, Ciencia e Industria* (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 206). Os autores atestam que os primeiros trabalhos que mencionaram a obra Peirce trataram da Lógica simbólica e da Lógica dos relativos. Como afirmam Nubiola e Zalamea:

> Los cuidadosos apuntes de Reyes Prósper sobre Peirce podrían haber abierto un filón de estudios peirceanos en espanhol, pero su ejemplo será caso del todo olvidado durante un siglo. (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 207).

A despeito de o protagonismo do matemático espanhol Reyes Prósper, na sequência de seu trabalho

sucedeu-se uma verdadeira lacuna no estudo do pensamento peirceano, em especial da Semiótica. Na mesma linha de conta, Reyes Prósper, em 1892, publicou o primeiro trabalho dedicado exclusivamente a Peirce, no periódico "El progreso Matemático", de Zaragoza, intitulado "Charles Santiago Peirce y Oscar Honward Mitchell" (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 206).

Reyes Prósper (1892, p. 171), afirmou que "Peirce sabe hallar curiosísimas conexiones entre cosas que a primera vista parecen no existir", ademais, demonstrou um profundo conhecimento dos trabalhos de Peirce sobre Lógica. Reyes Prósper foi um profundo admirador e conhecedor das teorias de Peirce, tal como se depreende de seu artigo:

> Reciba el Sr. Peirce, con las escusas por los errores en que haya incurrido, un testimonio de admiración sincera que desde el otro lado de los mares le envía un extranjero. (REYES PRÓSPER, 1892, p. 173).

No entanto, nos anos que se seguiram, os trabalhos sobre Peirce em Pragmatismo, Lógica, Semiótica e Fenomenologia foram desenvolvidos com mais intensidade em outros países de língua espanhola, como Uruguai, Argentina e México.

Esse distanciamento do interesse espanhol pelos estudos de Peirce parece ser surpreendente, se acrescentarmos o fato de que em 1870, Peirce, em razão de uma expedição da *United States Coast and Geodetic Survey*, visitou Espanha para fazer uma observação de um eclipse solar na Andaluzia, sul de Espanha, precisamente em Jerez de La Fronteira, na propriedade de um

comerciante de vinho chamado Richard Davies. Segundo o livro de Nubiola e Zalamea (2006), Peirce contava com 30 anos quando da viagem para observação do eclipse, em 22 de dezembro de 1870. Na oportunidade visitou também Málaga, Granada, Sevilha, Cádiz e Madrid.

Em entrevista realizada em 2014 com especialista espanhol em Filosofia e Semiótica de Peirce, pôde-se constatar as barreiras encontradas para a introdução do pensamento peirceano em Espanha no século XX, seja por razões teóricas ou ideológicas.

> Sí, desde que muere, en el 14, hasta mitad del siglo XX, hay ahí al menos 50 años en los que es prácticamente un desconocido, en parte por la dificultad que hubo para editarlo, para organizar sus papeles. Es que claro, cuando Peirce muere deja creo que fueron cien mil páginas manuscritas, ponte a ordenar eso. Fueron muy importantes las primeras traducciones, que fueron como tres volúmenes con recopilación de textos que se hicieron en Argentina en los años 70 u 80, no recuerdo exactamente la fecha. Fueron las primeras traducciones un poco sistemáticas de sus textos. Aquello fue importante porque era lo primero, no había nada más. A mí me parece que España no era muy abierta intelectualmente en aquella época, era un poco nacionalista en el mal sentido y, por ejemplo, se despreciaba un poco lo que venía de EEUU. Digamos que había ciertas ideas que se podrían considerar pragmatistas, pero Peirce era un desconocido, esa es la verdad. No había nada por la cerrazón de la época: se miraba lo de aquí y se potenciaba la filosofía española, creo yo. (ENTREVISTADO 18)[21].

Com efeito, Peirce era um desconhecido, apesar de as ideias pragmáticas estarem presentes em Espanha. O nacionalismo espanhol, tal como destacado também contribuiu para o afastamento da academia às ideias

provenientes dos Estados Unidos. Desse modo, o isolamento político e teórico apareceu como uma explicação razoável do distanciamento de Espanha em relação a outras escolas teóricas, em particular, as de Semiótica.

Após os trabalhos de Reyes Prósper, o nome de Peirce voltou a aparecer em 1920, na *Enciclopedia Univversal Europea-Americana*, depois no verbete "simbólica", na mesma enciclopédia, de 1933. Contudo, somente em 1978, quase 90 anos depois do primeiro aparecimento, é que um autor espanhol publicou um livro exclusivamente sobre a Semiótica de Peirce.

Como assinalado anteriormente, a obra de Antonio Tordera Sáez, um representante do grupo de Valência, *Hacia una semiótica pragmática: el signo em Ch. S. Peirce*, de 1978, trabalho originado de um estudo monográfico de final de curso de graduação (*tesina* de licenciatura na Universidad Central de Barcelona, em 1974), segundo observações de Nubiola e Zalamea (2006). No referido trabalho foram apresentados os conceitos de investigação em Peirce, Pragmatismo, Lógica, Semiótica, interpretantes, categorias e semiose. Como observam Nubiola e Zalamea,

> Sin embargo, el hecho de que el primer trabajo serio realizado sobre Peirce em español proceda de un estudiante de licenciatura es más indicativo de la pobreza generalizada de los estudios peirceanos hispánicos hasta la fecha, que de la inusual corrección misma del trabajo de Tordera. (NUBIOLA; ZALAMEA, 2006, p. 225).

Diante do contexto apresentado, os autores

reconhecem que a monografia de Tordera foi notável, considerando a escassa bibliografia hispânica sobre Peirce. A apropriação das ideias de Peirce ressoam no tardio e incompleto contato com a obra de Peirce, o que pode ter condicionado também, indiretamente, a falta de aproximação com os temas semióticos desta linha pela Documentação.

Nas últimas décadas, o conhecimento sobre a Filosofia de Peirce, em especial a Semiótica, tem sofrido um certo esvaziamento de interessados, isto é, poucos são os acadêmicos que estão comprometidos a levar a cabo uma pesquisa sobre o pensamento de Peirce. Segundo comenta um especialista em Semiótica e Filosofia de Peirce:

> Sí, quiero decir pues ahora ya como que hay mucho más interés, pero en España en concreto seguimos un poco en lo mismo. Creo que hay mucho más crecimiento proporcionalmente en Hispanoamérica que en España, aquí tampoco hay tanta gente, al final estamos nosotros que creo que somos el centro más importante, que somos los que estamos haciendo investigación y por lo demás, hay alguna persona que aisladamente hace cosas y luego el tema de la semiótica aparte, pero Peirce como filósofo yo creo que, aparte de lo que hacemos aquí, no hay mucho más [...] Sí, hablándote ya no de España en general, sino de nosotros en concreto en estos momentos no hay nadie que estudie a Peirce, o que esté haciendo una tesis sobre Peirce. Esa es la situación, no sé exactamente por qué, pero al final viene más gente de allí que doctorandos aquí. (ENTREVISTADO 18).

Nesse depoimento considera-se que os conceitos mais relevantes relacionados ao pensamento de Peirce são abdução e pragmatismo, os quais se relacionam

com os demais temas. No que respeita a sua área de aplicação, pelo menos em âmbito espanhol, considera que os campos da Administração, Ética empresarial, Comunicação, Direito, Teologia, Ciência, História da ciência, Metodologia e Lógica. Contudo, entre tais campos, o relacionado aos temas de comunicação ocupa um lugar de destaque.

> Creo que en comunicación, por ejemplo, Peirce también ha atraído a mucha gente porque al final está toda la teoría del signo y tiene mucho que ver con la comunicación, todo que ver. Entonces ahí hay una teoría muy importante que puede aportar muchas cosas. [...] Comunicación yo creo que es lo más importante y luego todo el tema de la Semiótica, pero esos ya van por libre. (ENTREVISTADO 18).

Se pelo lado da Linguística, os temas semióticos do estruturalismo francês demoraram a aparecer na agenda de investigação das universidades, pelo lado da Semiótica de Peirce não foi diferente, quiçá mais potencializado. Curiosamente, Peirce era conhecido por Reyes Prósper, o que demonstra que o protagonismo espanhol no final do século XIX nos temas de Lógica de Peirce deu lugar a um grande hiato no século XX, dado que o interesse por Peirce somente ressurgiu em meados dos anos 1980. A retomada dos temas semióticos por outro campo deve reconhecer as limitações do conhecimento possível para uma época e o nível de interpretação adquirido então.

5
Teorias Linguístico-semióticas na Documentação na Espanha

Passadas essas breves linhas introdutórias do contexto histórico da presença das ideias semióticas em Espanha, entrar-se-ão nas abordagens semióticas propriamente ditas, agrupando-as segundo níveis de análise e vinculações teóricas comuns. Assim, resumir-se-ão algumas das tendências identificadas na seguinte ordem: a) a presença da teoria dos signos de um âmbito geral; b) as abordagens mais propriamente linguísticas na Documentação, como é o caso da Linguística Documental e; c) as abordagens híbridas que se voltam ao tratamento de documentos não convencionais.

5.1 Abordagens Gerais

Destacam-se nesta seção duas fontes que revisam, de um ponto de vista genérico, a teoria dos signos. Em primeiro lugar, encontra-se o conceito de signo presente nas normas de documentação. Em segundo lugar, utiliza-se este expediente para fundamentar conceitualmente o tratamento e a recuperação da informação. Essas linhas se entrecruzam em um ponto, pois o recurso à Semiótica é meramente enciclopédico, conquanto, é sugestivo para

se pensar o contexto de aplicação. Esse tratamento é ilustrativo de outros empregos similares.

As normas espanholas são exemplos da presença de concepções semióticas no âmbito da Documentação. A norma UNE 50-115-91, em sua segunda parte, precisamente na introdução, apresenta o seguinte objetivo:

> Esta norma se basa en la utilización habitual de los términos, que pueden encontrarse en vocabularios nacinales relevantes, así como en documentos de la ISO y outras organizaciones internacionales (IFLA, FID, CIA, UNESCO y OMPI) y normas nacionales, tanto publicadas como en proyecto. (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 24).

A seção segunda que trata dos termos e definições arrola um número razoável de conceitos básicos de disciplinas afins, tais como comunicação e informação, informação e documentação, e de organismos ou instituições. O fundamental para esta análise será a compreensão dos conceitos afetos à Semiótica.

Nesse sentido, destacam-se os seguintes termos: signo, significado, conceito e linguagem. Por signo definem "Cualquier fenómeno físico suscetible de interpretación convencional o subjetiva que, habitualmente, depende del contexto." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27). Em consequência, figura o conceito de significado como "Interpretación de un concepto asociado a un signo" (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27).

A definição de "concepto" está marcadamente associada à Teoria do Conceito de Dahlberg, a saber:

"Cualquier unidad de pensamiento". Em nota, consta ainda que "Un concepto se utiliza para estructurar el conocimiento y la percepción del mundo que nos rodea, sin que haya de ser expresado." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27). A união dos signos para formar um código é o que se entende por linguagem, isto é, um "Sistema de signos utilizado para la comunicación que consta, generalmente, de un vocabulario y unas reglas." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 27).

As noções de signo e de linguagem utilizadas vinculam-se a uma perspectiva não peirceana, notadamente associada à abordagem semiológico-linguística de Saussure. Isso se deve, em parte, à influência da tradição estrutural na Espanha, como aludido anteriormente.

Deve-se entender que o peso de um termo em uma norma é diferente do apresentado em ocasiões diversas como aulas ou palestras em congressos, pois aí estariam sendo discutidos e analisados. Nas normas, os termos tornam-se elementos representativos de um consenso e regulam o entendimento de uma comunidade científica e profissional. Neste caso, os conceitos estandardizados consolidam uma visão semiótica, ou semântica, como assim se encontra.

Um fato digno de nota na análise dos conceitos básicos presentes nas normas é que o termo "documentación" é definido como conjunto de documentos reunidos para um fim, como também processo de tratamento da informação registrada (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y

CERTIFICACIÓN, 1997, p. 30). Contudo, não figura como ciência ou campo de pesquisa, o que sucede com os termos "archivística", "biblioteconomía" e "museología". As duas primeiras aparecem como exemplos da "ciencia de la información", e a última como estudo da organização dos museus.

A expressão "ciencia de la información" é definida como "Estudo de las funciones, la estructura y la transmisión de la información [...], así como de la gestión de los sistemas de información." (ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 1997, p. 31). Esse fato demonstra uma distância entre a terminologia adotada pelas normas e o uso dos termos cientificamente, pois é notória a tradição da Documentação, enquanto ciência em detrimento da expressão "ciencia de la información", reservada a outros campos. O mesmo fato é percebido na definição do termo "bibliografía" que está restrito à técnica e descrição de documentos, bem como organização das descrições. Apenas "bibliología" figura como campo de estudo das técnicas de produção e distribuição de livros.

A norma UNE 50-113-92, parte 1, apenas define os termos associados aos documentos, a sua tipologia e aspectos físicos de publicação. Para se inferir à concepção semiótica presente, deve-se olhar também as definições dos processos documentais de análise, associadas à organização da informação. Salienta-se que as normas têm um uso prático no campo profissional e nem sempre são dinâmicas ou refletem os avanços da literatura especializada de um campo.

De modo geral, as ideias presentes nas normas

apontam a uma visão voltada à Linguística, decorrente da natureza das influências semióticas encontradas na Espanha. Porém, o conteúdo enciclopédico para o tratamento dos conceitos semióticos peirceanos e não peirceanos, pode ser encontrado também fora das normas.

Os temas de semiótica foram tratados de maneira panorâmica junto à discussão dos fundamentos teóricos para o tratamento e recuperação da informação. García Marco (2008) contribuiu ao debate oferecendo uma leitura geral dos principais conceitos que os alunos e os profissionais deveriam possuir em matéria de tratamento da informação. Nesse sentido, o autor explica a natureza das disciplinas Semiologia e Semiótica, apresenta os conceitos de signo, os modelos de análise (bipolares e triangulares), as classes de signos, os códigos e os sistemas semiológicos, linguísticos e não linguísticos, e os níveis de análise da língua. Para um aluno de Documentação, trata-se de um inventário de conceitos básicos das disciplinas relacionadas à linguagem, não apenas a Linguística e Semântica, mas a Semiótica como um todo. Com efeito, é uma apresentação objetiva da disciplina Semiótica para os propósitos básicos da Documentação. O recorte mais importante à Documentação é sem dúvida a noção de código. Como assevera o autor:

> El estudio de los códigos es crítico para el documentalista. Como veremos en la siguiente unidad didáctica, un recurso fundamental del documentalista a la hora de servir a los usuarios es precisamente, la normalización de los códigos verbales naturales para hacer la comunicación documental más eficaz.

> Sin embargo, es impensable normalizar los códigos sin conocerlos bien. El estudio de los códigos es el ámbito de la ciencia de los signos: la Semiótica. (GARCÍA MARCO, 2008, p. 33).

O autor abre espaço para a Linguística, além da Semiótica e da Semiologia, indicando os conceitos, as teorias e as disciplinas associados à análise dos códigos, com o objetivo dos alunos terem conhecimentos da extensão desse campo, o qual está relacionado com várias disciplinas, tais como: Semiótica Literária, Cinésica, Proxêmica, Prosódia, Paralinguística, Gramática Transformacional, Gramática de casos, Morfologia, Lexicografia, Etimologia, Fonologia e Fonética.

Na perspectiva do autor, a Semiótica é:

> La ciencia que estudia los signos – la teoría de la comunicación simbólica – se denomina Semiología en la tradición europea – fundada por el lingüista suizo SAUSSURE – o Semiótica en la tradición anglosajona – a partir del filósofo norteamericano PEIRCE –. En la tradición europea la palabra Semiótica se suele reservar para el estudio de conjuntos de signos específicos. (GARCÍA MARCO, 2008, p. 34).

A concisa revisão de literatura que passa pela explicitação da Semiótica geral, é concluída com a ênfase ao tratamento linguístico do significado pela Documentação, especialmente, a estruturação do plano do significado, tomando como categoria a unidade de análise deste e a sua conformação de acordo com as relações semânticas previsíveis. Nesse sentido, o problema da Semiótica geral não se converteria em uma questão para a Documentação, pois as soluções encontradas e o ferramental utilizado para a precisão

terminológica desse campo decorrem da Linguística. Esse fato confirma o nível contextual e estrito em que a Semiótica é explicada, além de um uso consciente de seus conceitos para compreender os problemas da Documentação.

O nível de profundidade das abordagens elencadas possui uma característica comum, a de informar acerca dos conceitos semióticos, mas não construir sobre eles uma vertente propriamente documental. As abordagens apresentadas na sequência, identificadas entre os especialistas em Documentação, são mais propositivas a este respeito, promovendo o entrelaçamento entre as teorias semióticas e os problemas diagnosticados no tratamento documental do conteúdo e na organização do conhecimento.

5.2 Da Linguística Documental aos Estudos Críticos da Linguagem

Conforme proposto no segundo capítulo deste livro, as teorias semióticas foram organizadas em grandes grupos: teorias peirceanas, teorias não peirceanas, que não se vinculam estritamente à Semiótica peirceana, e teorias híbridas. Entende-se a Semiótica enquanto um campo abrangente com diversas nuances que compreendem Linguística, Semiologia – em suas várias matizes estruturais –, Semiótica da Cultura, Semiótica Peirceana, Semântica, Pragmática etc. Sob essa perspectiva, faz sentido sistematizar uma abordagem não peirceana mais voltada à Linguística, ainda que

recorra a outras teorias que podem muito bem ser classificadas como semióticas.

Na sequência, serão apresentados os caracteres básicos do que ficou conhecido como Linguística documental, além das tendências linguísticas semântica, computacional, cognitiva e das voltadas aos problemas de representação cultural.

A Linguística documental é uma "disciplina" fundamental para compreender a influência semiótica na Documentação Espanhola. Com alguma reserva utiliza-se a palavra "disciplina", pois não é consensual a sua posição diante da Documentação, ou mesmo da Linguística.

Uma das obras mais influentes sobre o assunto foi levada a cabo por García Gutiérrez, em 1984, que propôs a Linguística Documental como uma "interdisciplina de lenguajes documentales", ou melhor,

> [...] una disciplina impregnada de outros campos científicos, como son basicamente la Lógica, la Estadística, y la Informática y más concretamente, la Lexicología, la Archivística, la Biblioteconomía y la Telemática, bajo los imperativos específicos de ámbito del saber que va a ser controlado por un lenguaje documental. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 138).

Esta disciplina vale-se de um conceito de linguagem documental que, segundo o autor, é seu principal objeto. Por linguagem documental entende um sistema de signos naturais ou artificiais para a identificação dos documentos, empregados na análise e recuperação dos documentos. Essa linguagem funciona como meio de expressão criado para, de um lado, o controle, por outro,

para a comunicação, isto é, uma função intermediária.

Chama particularmente a atenção, a acepção de linguagem. Nesse sentido, linguagem seria um sistema de signos inscritos em um documento.

> El sistema de signos escritos en el documento es lenguaje humano pero el sistema de signos naturales o artificiales utilizados para identificar ese documento, entre un conjunto de ellos, es lenguaje documental, aunque éste no pueda existir si el documento carece del contenido que le otorga la acción intelectual humana. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 136).

A linguagem é um sistema de signos, fato que contrasta com a definição estruturalista de linguagem que se aduze em Barthes e Saussure. O dispositivo de execução da linguagem – fala ou outro mecanismo de expressão – está ausente nesta definição de García Gutiérrez. Deve-se sublinhar ainda que esta compreensão de linguagem, que focaliza o sistema e o código, tem sido amplamente aceita na literatura da Documentação, dentro e fora da Espanha.

O conceito de Linguística empregado pelo autor é sintetizado pela fórmula – ciência que estuda a linguagem humana. De um ponto de vista aplicado, García Gutiérrez (1984, p. 139) enumera os conceitos derivados ou relativos ao cruzamento disciplinar com a Linguística, a saber: descritor, ou unidade significativa mínima da mensagem documental; frase documental, que se entende por conjunto de descritores ligados ou não por relações sintáticas artificiais e resumo documental, um produto resultante da aglutinação de mensagens de um documento que são expressáveis em

linguagem controlada.

Estas novas aplicações, propriamente novas acepções conceituais, parecem ser realmente resultados concretos da comparação teórica entre as disciplinas em questão, utilizando como parâmetro os termos especializados da Linguística para explicar fenômenos afeitos à Documentação. De uma maneira mais específica, esta explicação resolveria a lacuna da definição de linguagem que se tem adotado, pois não seria apenas um sistema de signos, mas um código que pode ser combinado e executado, mesmo que não seja por obra de um falante do "documentês".

Retomando aos objetivos desta seção, a proposta de García Gutiérrez ampara-se em uma linha semiótica não peirceana, ainda que se distancie de uma superficial aproximação à Linguística, pois seu trabalho é criterioso com a armação conceitual adotada.

Também é importante registrar o debate sobre linguagem científica e técnica que é entendido pelo autor (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 140) como um léxico especializado, empregado por uma comunidade em uma disciplina ou setor científico. Como a ciência depende da comunicação entre várias comunidades científicas, o documentalista, assim como linguistas e terminólogos, seriam guardiães da língua (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 141). Essa linguagem é um léxico, pois não é diferente da língua dominante, uma vez que extrai dela a estrutura, a despeito do uso de um distinto vocabulário (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 140).

O autor defende que as linguagens documentais não podem ser apenas vocabulários técnicos, como assevera

Trujillo (apud GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 144).

> Este razonamiento no es válido con el de los lenguajes documentales, en los que, si bien a niveles simples, se dan relaciones semánticas entre los conceptos e incluso sintácticos, por tanto hay que hablar de lenguajes dinámicos frente al estatismo interno de un vocabulário. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 144)

O autor defende a tríade documentação-terminologia-normalização. O que se procura argumentar com a afirmação é que o documentalista deve ter conhecimentos de terminologia e normalização (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 147). Assim, as teses gerais da Linguística documental colocam-na em um espaço de encontro entre disciplinas, cujo propósito nem sempre foi contemplado pelas tradicionais abordagens.

De acordo com García Gutiérrez (1990a), o processo documental excede a natureza lógica e mecanicista, mas possui elementos linguísticos por natureza. Além disso, a Linguística documental não deve ser vista como uma Linguística aplicada, mas como uma genuína teoria da documentação cujo método está centrado na noção de estrutura e sistema relacional, para compreender a estrutura da documentação, enquanto conjunto de dados e informações sobre um dado tema. Essa natureza epistemológica da Linguística documental que precisa ser aclarada, isto é, saber até que ponto se está sendo processado um salto qualitativo na proposição de teorias ou simplesmente se aplica termos que apenas sofisticam a argumentação e defesa da Documentação. No constante à estrutura da documentação, é sugestiva a citação:

> La estructura de la Documentación, como organización de contenidos codificables y decodificables, es el objeto de la Lingüística documental en un doble sentido: 1) La estructura de la producción de información, la formación, organización y presentación de las ideas por parte del productor, como corpus de observación y descripción; 2) La estructura de la representación del discurso del productor, a la que se accede mediante formulaciones metodológicas y modelos de síntesis y traducción. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990a, p. 24).

Em teoria, tanto a análise documental de conteúdo quanto a linguagem documental deveria compreender assuntos pertinentes à Linguística documental como disciplina nos currículos dos cursos de Documentação na Espanha. Pode-se argumentar, com antecipação, que a Linguística documental, exclusivamente no quesito oferta acadêmica, configurou-se como um fato isolado na Espanha.

As bases teóricas gerais da Linguística documental, arroladas por García Gutiérrez (1990a), são provenientes da Linguística Geral, da Semântica, da Linguística Textual, da Sociolinguística, do Estruturalismo, do Gerativismo, da Teoria da Comunicação e da Informação, da Teoria do Contexto, da Teoria da representação e da Teoria da Tradução. Sem perder a sua individualidade e suposta autonomia diante destes campos, a Linguística Documental recorre a essas abordagem para cobrir aspectos de interesse à Documentação.

A Semiologia e a Semiótica aparecem aqui como disciplinas indiretamente relacionadas à Documentação, ora como contexto geral à descrição da Linguística Saussureana (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990a, p. 44), ora

como teoria vinculada à Semântica, Comunicação e Teoria da Representação. É sugestiva a seguinte citação:

> Sin embargo, el documentólogo no está especialmente interesado por las funciones simbólicas (terreno de lingüistas y semiólogos) o por las funciones simbólicas (terreno de psicólogos). (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990a, p. 46).

O fato semiótico (recorrendo ao referente), assim como o fato semiológico (referindo-se ao sistema em uso), é um simples adendo às necessidades das linguagens documentais. Passa-se pelo foro da especulação teórica em torno do significado, enquanto a Linguística responderia à principal fonte de conceitos à Linguística Documental. Nesse sentido, reconhece:

> Aceptamos la Lingüística general como Ciencia de mayor influencia sin menoscabar las aportaciones de otros campos cuyas conexiones y afinidades con la LD trataremos de establecer a lo largo del trabajo. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990a, p. 30).

A rigor, a concepção semiótica predominante está condicionada pela visão estruturalista, pois prescinde da relação triádica e pragmática, para concentrar-se nos sistemas de significação e do sentido produzido, por exemplo, por um texto. Desse modo, um alinhamento possível com a Semiótica deva dar lugar à aproximação com a teoria dos códigos de Eco, mais que uma teoria lógica do significado que, embora rechaçada, é reintroduzida quando se propõe à organização das relações entre os conceitos no interior de uma linguagem documental.

A demarcação desses campos como aportações

teóricas gerais à Linguística Documental, que se quer independente, não configura, em absoluto, uma autonomia frente à explicação dos problemas de ordem linguística: polissemia, relações conceituais, univocidade, linguagem natural e linguagem artificial, linguagem e contexto social etc. Esses, por sua vez, requerem ainda outros campos disciplinares, e a Linguística Documental, que se restringe ao tratamento do discurso científico e especializado plasmado em um documento, volta-se ao conteúdo sintético e à sua representação em sistemas de recuperação da informação.

Conquanto os comentários estejam voltados à documentação científica – quando se confronta com o período mais recente em que urge a necessidade de métodos capazes de tratar o conteúdo de documentos dos mais variados suportes, os quais exigem procedimentos linguísticos que estejam compatíveis com a variação das narrativas e a conexão entre os códigos e suportes – as linhas de pesquisa e as teorias relacionadas à Linguística Documental deixadas por García Gutiérrez merecem uma detida análise diacrônica que reconheça a tarefa de sistematização já realizada e alce as matizes importantes para contextualizar a proposta.

Nesse sentido, tal abordagem semiótica na Documentação espanhola continua sendo uma potente frente de inovação a instituir a questão pragmática no centro das preocupações do documentalista, isto é, o uso dos documentos pelos sujeitos e o contexto linguístico como referentes para a descrição das mensagens e sistematização de linguagens documentais.

Na esteira das ideias de García Gutiérrez, López Yepes e Ros García (1993) reconheceram que existe uma concepção linguística da Documentação, para tanto, mencionaram a influência da Linguística Documental como uma área que proporciona conceitos à Documentação.

> Como se sabe, en el análisis documental en sentido amplio, cobra especial relevancia el uso de los lenguajes de clasificación y de indización. Su estudio profundo. Riguroso y eficaz ha dado lugar a la formación de una asignatura denominada Linguística Documental o Lenguajes documentales. (LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 121).

López Yepes e Ros García (1993, p. 121-122) também afirmaram que García Gutiérrez foi pioneiro neste campo, e nesse sentido, consideram que a Linguística poderia dar base à formulação teórica da Documentação, o que ocorreu, com bem lembram os autores, com as obras de Sagredo e Izquierdo Arroyo. Para García Gutierrez (apud LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 122) a linguagem está em quase todos os lugares e formas, assim, não é possível emitir mensagens sem linguagem, a informação é linguagem, os meios são linguagens, e a própria documentação é um dispositivo linguístico, bem como suas soluções aos problemas de conteúdo são obviamente linguísticas. Esse tipo de análise desperta o interesse por uma consciência semiótica, agora urgente à Documentação.

García Gutiérrez, segundo a compilação feita por López Yepes e Ros García (1993, p. 122-123), afirma que:

> La Documentación es fundamentalmente información (objeto) y lenguaje (proceso), por lo que su investigación se incardina primordialmente em las denominadas Ciencias de la Comunicación y em la Teoria Linguística.
>
> El análisis documental de contenido y los instrumentos que lo hacen posible, los lenguajes documentales, deben encontrar fundamentación teórica y metodológica em las disciplinas linguísticas (morfosintaxis, lexicología y semántica).
>
> La tesis general defendida aquí es que, sin ánimo de ignorar esos outros elementos y teniendo en cuenta el objetivo pragmático de la Documentación escasamente concordante com el de la Teoría linguística, la impregnación de la Documentación por el lenguaje y su estrutura permite, si así es reconocido previamente, la elaboración de una teoría documental desde la aproximación linguística pero com autonomía de su objeto de investigación y de los fines establecidos. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1989 apud LÓPEZ YEPES; ROS GARCÍA, 1993, p. 123).

Contudo, a obra de García Gutiérrez atravessou as fronteiras das assim chamadas Ciências da Documentação e tem contribuído para os campos das Ciências da Comunicação, em que se encontra investigando este distinto autor.

Do ponto de vista da reflexão linguística dos problemas da Documentação, García Gutiérrez (1992), examinando o discurso do Jornalismo, destacou os métodos de extração de conteúdo documental, separando as contribuições nesse campo em três grandes grupos: métodos baseados na representação formal, métodos baseados na significação e demais metodologias. Os

métodos de representação formal mais conhecidos incluem: a indexação por unitermos e descritores livres, o cálculo de frequência requerido por procedimento automáticos, e os métodos baseados em léxicos, os quais recorrem também a conceitos. Os demais métodos incluem os conectivos lógicos, as análises sintáticas e os métodos de análise de relato, tal como destacou García Gutiérrez (1992). Contudo, os métodos fundamentados na significação trazem questões semióticas centrais para os estudos da Documentação.

> Los métodos que seguen, la mayoría completamente ajenos a la Documentación en sus objetivos, hasta épocas recientes, ofrecen un común denominador: pretenden captar o explicar textos grandes o pequeños, literários o técnicos, son diferentes variables formales, desde el plano de la significación. Son métodos que proponen una aproximación al texto para obtener resultados válidos en sus respectivas disciplinas. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1992, p. 136).

Em outras palavras, estes métodos têm como unidade de análise, não mais a unidade de conhecimento defendida por Dahlberg, tal como o conceito, mas uma nova categoria, mais versátil, de difícil tratamento, e ao mesmo tempo mais representativa da realidade do conhecimento, plasmada nos documentos e acessada pelos usuários. Essa unidade – a palavra "unidade" tampouco ajuda – ou configuração teórica é chamada de "significação", isto é, a indexação se basearia no conjunto dos significados e nas relações que eles dispõem.

Estariam nesse grupo, segundo García Gutiérrez (1992), a análise logicista (Gardin), o modelo de Lasswell (quê, quem, como, onde, quando, por quê,

para quê), o modelo de casos (Fillmore e Pottier com as categorias instrumento, agente, objeto, modo, lugar, produto e finalidade), o modelo facetado e de campos conceituais, o modelo de análise do discurso (Van Dijk), o método quantitativo-semântico (Guiraud) e o método das modalidades (Greimas).

A análise desses métodos de tratamento do significado pode converter-se de interesse à Documentação, estes deveriam ser analisados partindo-se do trabalho deixado por García Gutiérrez. Quiçá esta seja uma maneira de recuperar a linha de análise dos métodos linguístico-semióticos que podem reincorporar a Documentação na Espanha à ponta dos debates sobre a linguagem, posto recentemente tomado pelas ferramentas e soluções informáticas para organização do conhecimento.

Está em aberto ainda, a construção do estatuto epistemológico da Linguística documental, bem como a sua incorporação efetiva nas escolas e cursos de Documentação que, ao fim e ao cabo, não parece ter logrado êxito, pois as discussões de configuração deste campo ficaram a cargo das disciplinas já existentes, tal como a de "Linguagens documentais".

Nesse sentido, corrobora-se à afirmação de Tálamo e Lara:

> O corpo de conceitos da Linguística Documentária não goza, até o momento, de estabilidade. Há ainda uma variação denominativa muito grande que expressa o estágio embrionário dos contornos desse domínio. Essa é, no entanto, apenas uma característica de estruturação do campo. (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 210).

Lara e Tálamo têm realizado uma excelente contribuição na explicitação à comunidade brasileira sobre o conceito de Linguística Documental e até mesmo estabeleceram espaços epistemológicos de atuação.

A Linguística Documental foi considerada um subdomínio da Documentação, e tem características de interdisciplina, pois se apropria de conceitos da Linguística Estrutural, Semiótica, Terminologia e Lógica Formal. O objeto principal são os produtos documentais, assim:

> [...] cabe à Linguística Documentária compor os quadros de referência para a análise, avaliação e construção da linguagem documentária, entendida como linguagem de informação, associando os níveis sintático-semântico-pragmático [...]. (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 206).

Entre os temas de análise estão as estruturas simbólicas da documentação, as questões linguísticas da relação produtores e consumidores de informação, a elaboração de linguagens documentais e, a análise das operações com as linguagens documentais. Lara e Tálamo (2007) entendem que o trabalho de García Gutiérrez remonta às iniciativas de Jean-Claude Gardin, assim como a de muitos autores brasileiros.

Contudo, dissentindo das autoras em um aspecto, acredita-se que não é o fato apenas de estar em um estágio incipiente de desenvolvimento, mas que os problemas que a Linguística documental têm procurado solucionar, com o ferramental disponível, talvez não tenham sido os mais pertinentes. Uma confrontação das ideias associadas à Linguística Documental e à Semiótica

Documental pode sustentar a tese de necessidade de deslocamento dos problemas, da Linguística à Semiótica.

A Linguística documental foi planejada para munir de teorias e conceitos algumas técnicas já constituídas e com reconhecido prestígio em Documentação, como foi o caso da análise documental de conteúdo. Esse campo, por seu turno, segmentava-se em níveis de análise do conteúdo. Gil Urdiciain (1994, p. 81) argumentou que a indexação de assunto tem adotado diversas metodologias ao passar das décadas, se antes as unidades de análise eram as matérias gerais representadas por temas, depois passaram aos unitermos representados por palavras do texto, recentemente a atenção parece estar voltada à unidade denominada descritor, representada por conceitos, e não mais palavras isoladas que potencialmente refletiriam o conteúdo. O que importa é o que transcende o documento, o conhecimento.

Gil Urdiciain (1994) menciona que os métodos levados a cabo pela análise da significação, tal como menciona García Gutiérrez, põe ênfase no contexto. Nesse sentido, a indexação baseada na significação, como unidade de análise - muito diferente das unidades temas, palavras e conceitos -, seria mais ampla e eficiente na hora de capturar o contexto pragmático. Esse ponto de vista deveria ser explorado para avançar na compreensão da indexação de assunto, voltada demasiadamente à discussão transcendental do conceito como uma supracategoria da realidade.

Examinando a obra de Moreiro González (2011), nota-se que a Linguística também ocupa uma posição central. Dentro do processo de tratamento da informação,

segundo Moreiro González (2011), encontra-se a análise documental e a recuperação documental. A análise documental subdivide-se em análise formal e análise de conteúdo. A formal dedica-se, como se sabe, à catalogação e à elaboração de referências. Por outro lado, a de conteúdo compreende os processos de indexação e de elaboração de resumos. A indexação separa uma etapa linguística de outra etapa denominada sistemática. Em Linguística encontram-se o trabalho com as palavras-chave, listas de termos, esquemas taxonômicos e grupos de relações, enquanto a sistemática ocupa-se das classificações (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 14).

A força da abordagem linguística é notada, por outro lado, na concepção do processo de conteúdo. Soma-se a este fato, a perspectiva linguística do documento apresentada pelo autor (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 15), a qual está dividida em níveis: estrutura morfológica e estrutura semântica. Seguindo esta perspectiva, a estrutura semântica ocupa-se da tipologia documental (superestrutura), da indexação e do resumo (macroestruturas). É de notar-se que a linha estrutural é marcante nesta concepção, a qual se alia às demais díadas erigidas desde o discurso das linguagens documentais. O conceito de signo, como elemento mínimo à representação da informação, é registrado por Moreiro González (2011, p. 16), assim como suas faces significado e significante para compreender a noção de conceito, no primeiro caso, e palavra e termo, no segundo.

Assevera Moreiro González (2011) sobre a participação das Ciências da linguagem, pensando no

caso dos novos vocabulários controlados e das formas de organizar o conhecimento na Web:

> As novas linguagens documentárias oferecem uma grande complexidade disciplinar e de uso que obrigam a abordar a sua compreensão a partir de fundamentos conceituais provenientes de diversos campos, como a Lógica Formal e a Estatística, a Computação, a Retórica, a Linguística do texto, a Semiótica ou a Lexicografia. (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 17).

Contudo, esta explicação refere-se às contribuições gerais dessas disciplinas na concepção dos termos mínimos à estruturação do campo das linguagens documentais. Quando o caso seja a análise do texto, outros referentes deveriam ser convocados para dar suporte teórico à Documentação. É a condição, por exemplo, da Linguística textual.

Alinhado à perspectiva de García Gutiérrez, em termos de intenção geral, Moreiro González (1993, p. 13) propôs algumas reflexões sobre o campo da Linguística e a sua relação com a descrição substancial ou de conteúdo. Contudo, dentro da Linguística, pretende ele enfatizar os estudos do texto – pois entende que "partimos de y llagamos a un texto" – e dispende atenção à noção de texto, muito além dos fatores que estão fora do texto. "Para lograr nuestro fin nos situamos en el cruce entre la Linguística aplicada a los documentos y la Linguística del Texto." (MOREIRO GONZÁLEZ, 1993, p. 14).

Moreiro González atesta, na sequência, a supremacia do texto ante outros sistemas de signos:

> Hay que valorar el texto, y las proposiciones que plantea. Y éstas serán las mismas fijadas a un documento audiovisual, sonoro o gráfico. Si bien se deben tener en cuenta tanto la diversidad como la disposición a la hora de generar y aplicar las diferentes técnicas procesuales. Además, no cabe duda de que es el texto la vía de expresión argumental preferida por la comunicación científica, como en general por cualquier outro tipo de comunicación humana. (MOREIRO GONZÁLEZ, 1993, p. 14).

A análise do texto para fins documentais deve seguir uma estruturação, pelo menos uma que sirva para os textos científicos em que a sequência lógica é previsível. Desse modo, Moreiro González (2011) resume os níveis de estruturação relacionados ao campo linguístico de análise, a saber:

Quadro 1 - Níveis de Análise

Unidades de significação		Dimensões da macroestrutura
Estrutura superficial	Microestruturas. Sintaxe e semântica das frases e parágrafos.	
Estruturas intermediárias	Macroestruturas parciais. Estruturas semânticas parciais. Superestrutura. Ordem das macroestruturas no texto.	
Estrutura global	Macroestrutura geral. Estrutura semântica global.	Sintática Semântica Pragmática

Fonte: Moreiro González (2011, p. 26).

Deve-se sublinhar o caso da última coluna que agrupa as dimensões sintática, semântica e pragmática como relacionadas à estrutura global, quando, em concreto, as estruturas anteriores e inferiores necessitam dessas

dimensões, pelo menos a sintática e a semântica. Assim como apontou em seu estudo, Moreiro González havia destacado as dimensões da macroestrutura como algo já estabelecido. Essas dimensões vinculam-se à figura de Morris, como se sabe, e referiam-se anteriormente às dimensões da semiose, claramente marcadas pela influência da Semiótica peirceana. Sucede que o translado à Documentação projetou o mais relevante, neste caso, uma versão resumida do espectro dos estudos da linguagem que seria compreendida pela Sintaxe, Semântica e Pragmática, como campos da Linguística.

O que se denota é um processo de estabelecimento das matrizes semiótico-linguísticas, em que se configuram como linhas estruturalistas, abarcando fenômenos para os quais têm poucos ou escassos recursos teóricos. É a situação do problema pragmático-semântico como uma abertura que compreende interesses de várias disciplinas. Para especificar, sempre que possível, deve-se costurar o conceito de Semântica com uma definição, pois, ter-se-iam abordagens em disputas, para as quais nem sempre a Documentação está aberta. É o caso da Semântica linguística (esta sim, incorporada pela Documentação como representante da totalidade do fenômeno do significado), Semântica lógica e Semântica psicológica.

Desde um ponto de vista conceitual, que recorre aos problemas linguísticos assomados à Documentação, Gil Urdiciain (1994), ao explicar os níveis de análise documental de conteúdo, forneceu elementos indispensáveis para se pensar a questão das teorias linguísticas. Antes, porém, explicou como complicado

ainda é definir análise documental, e separá-la de análise de conteúdo ou de outros tipos de análise. Segundo a autora,

> Hablar de análisis de contenido puede generar falsas interpretaciones por su posible acepción a otros análisis de este tipo, tales como el análisis semiótico o el análisis de contenido entendido como técnica de investigación.[22] (GIL URDICIAIN, 1994, p. 78).

Conquanto não se saiba muito bem o que se pretendeu com análise semiótica, o importante é que houve uma distinção operativa que cumpre defender, em que a análise documental de conteúdo está voltada às questões de Documentação, isto é, representar o conteúdo para a recuperação e transformar o texto retirado e distingui-lo do original. Assim, defende Gil Urdiciain (1994) que a análise documental de conteúdo deve ser vista em dois níveis: o primeiro nível dedicado à indexação e o segundo nível à condensação.

Nesse sentido, apresentou como fundamental o papel da Linguística, pois conhecer o conteúdo do texto requer noções da estrutura, bem como conhecimento de redação para compor uma síntese, o resumo. Nesse sentido, a autora relaciona processos fundamentalmente associados ao conhecimento linguístico: leitura do texto, processo de inferência do assunto, reconhecimento da morfologia, da terminologia e da lógica da estrutura textual, diálogo entre autor-leitor, reconhecimento das regressões e vocalizações no texto e captar a estrutura interna do texto (GIL URDICIAIN, 1994, p. 79).

Todavia, uma afirmação capital foi que

> Ni semántica ni sintaxis son suficientes para llevar a cabo el análisis del texto con exactitud, lo hacen por aproximación; bien es cierto que eliminan ambigüedad, pero para profundizar en el contenido del documento se precisa trabajar a nivel de contexto. (GIL URDICIAIN, 1994, p. 81).

Assim, considerando tal afirmação modelar, parece que os estudos semânticos, bem como sintáticos, já se revelavam na primeira metade dos anos 1990 como parciais em relação ao grande propósito que era organizar a agenda das investidas da Documentação sobre o que afetava o conteúdo da informação.

No contexto espanhol, mesmo com os desenvolvimentos conceituais da Linguística Documental de García Gutiérrez e da aplicação linguística à elaboração de resumos de Moreiro González, também se deve notar que os temas relacionados ao assunto foram assumidos pela ideia pouco sistematizada de Semântica Documental. Nessa mesma direção, pode-se citar a visão de López-Huertas Pérez. A autora trabalhou as questões ligadas à Semântica linguística e as relações semânticas em diversos trabalhos (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, 1999) e complementa a linha linguística no campo da Documentação. Contudo, sob uma abordagem muito mais específica, trabalhando da aplicação da Semântica e da Terminologia à Documentação.

Em sua análise das relações semânticas na composição de tesauros e outras linguagens documentais, López-Huertas Pérez argumentou que as relações utilizadas para organizar e representar o conhecimento são ineficientes e não se baseiam na

linguagem e nas categorias correntes que emanam dos usuários. Alude a uma "Semántica documental" que

> cumpla adequadamento sus funciones de representación y representación del conocimiento a través de las estructuras conceptuales de los lenguajes, estos incrementarán las capacidades de comunicación de los sistemas a los que sirven, haciendolos así más eficaces. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 58).

Aqui nota-se um mesmo espaço de interesse a ser disputado pelos projetos de disciplinas Linguística documental e Semântica documental.

Entre as tarefas da Semântica documental estaria justamente a de trabalhar com as relações semânticas das linguagens documentais. A tese reconhecida que a autora procura contestar é a de que:

> [...] según ha quedado estabelecido, las estructuras conceptuales de los lenguajes documentales deben representar y organizar el conocimiento a través de la semántica de los textos, las relaciones semánticas que unen todo esse entramado conceptual deben también originarse o basarse en los textos fundamentalmente. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 60).

Esta tese procura defender que quando um autor transmite um conhecimento via texto, logicamente, está comunicando as categorias mentais diretamente ao usuário-leitor e repassando informação relevante à construção das relações semânticas. Esse material deveria ser levado em conta na construção de linguagens documentais.

O exemplo utilizado pela autora derivou da definição de instrumentos musicais, que considera a literatura

especializada, porém demonstrou ter muitas outras relações (procedimento de som, meios, carácter musical, gêneros, orquestras, lugar, tempo, compositores, intérpretes etc.), que as relações identificadas que costumam ser simplificadas e agrupadas em categorias hierárquicas e associativas.

O que Lopez-Huertas Pérez buscou apresentar é que a Semântica das relações entre conceitos deve obedecer à organização do conhecimento do domínio, e estes devem ser voltados ao contexto, e não a uma formalização transcendental pouco ou nada relacionada à prática de recuperação da informação pelo usuário. Desse modo, a linha de pensamento ou orientação metodológica adotada é indutiva, na medida em que procura alcançar às categorias através de um cotejo das relações presentes entre os comunicantes dos conceitos.

O que resulta como determinante é pensar como fazer este processo, alterá-lo para que ele seja menos rígido, distanciado do contexto do usuário. Isto é, o caminho sugerido foi recorrer aos textos produzidos por autores do domínio em questão. Argumenta López-Huertas Pérez,

> En los tesauros al uso las relaciones semánticas se suelen trazar de acuerdo con lo que sugiere el vocabulario, y de acuerdo con una nutrida lista de relaciones conceptuales, que existen ya estabelecidas, para el caso de lo que se vienen llamando relaciones asociativas. En qualquier caso, quien hace el tesauro decide las que son y cómo son. Muy al contrario, en el ejemplo que comentamos en ese trabajo, la fuente son los textos o documentos especializados, que son usados directamente para identificar los nexos conceptuales. (LÓPEZ-HUERTAS

PÉREZ, 1999, p. 62).

Isso significa que, por meio de livros, artigos, capítulos de livro, relatórios etc. extraem-se as categorias semânticas mais pertinentes e exaustivas. Na sequência de seu exemplo, López-Huertas Pérez (1999, p. 63) ilustrou com o conceito de *violão* e *nota*. Avaliando as listas de cabeçalhos de assuntos da Organização dos Estados Americanos de 1985 e da Biblioteca do Congresso Americano de 1991, constatou que nos dois casos o termo foi agrupado junto ao termo geral *instrumentos musicais*, em comparação com as mais de dez relações semânticas encontradas utilizando seu método.

Consciente de que a sua proposta estava em sintonia com as tendências atuais de representação e organização do conhecimento, especialmente a teoria do domínio de conhecimento, da qual compartilha a tese principal, isto é, as categorias conceituais devem sair do contexto e não prematuramente seguindo propriedades esotéricas, com pouca vinculação à prática.

> Por eso creo poco útil la enumeración universal apriorística de relaciones conceptuales, del tipo: relación entre los objetos y sus propiedades, relación entre las cosas y sus disciplinas objeto de estudio, etc. No es que no es pueda o se deba hacer una lista de posibles relaciones conceptuales asociativas, de hecho es la forma habitual de proceder. Lo que digo es que por sí solas son poco útiles para la recuperación de la información porque no representan con precisión las necesidades de nexos conceptuales de una determinada disciplina, sino que, por el contrario, están pensadas para que sean válidas para cualquiera de ellas. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1999, p. 64).

Em consequência, para o campo de análise e construção de linguagens documentais um sistema de organização do conhecimento pode ser ao mesmo tempo exaustivo e pertinente, contradizendo uma tese já enraizada no campo de que estes valores são inversamente proporcionais.

Nesse sentido, para construir um tesauro é necessário observar que no campo das metodologias de desenho das linguagens documentais tem-se uma corrente positivista e outra que toma como ponto de referência os usuários. Segundo López-Huertas Pérez,

> El producto que se obtuvo a partir de dichos supuestos diseñadores fue un tesauro que actualmente se reconoce como poco expresivo, rígido si cabe, poco versátil, con evidentes incapacidades para la representación adecuada de un campo temático y con unas relaciones semánticas que ahora se consideran como bastantes monocordes e insuficientes para expresar la riqueza semántica inherente a cualquer campo temático. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, p. 88).

Esse novo paradigma, designado por López-Huertas Pérez (1997, p. 90) como "paradigma cognitivo" deveria impactar no desenho de tesauro de uma maneira fundamental, pois seguiria uma perspectiva indutiva mais próxima das categorias utilizadas pelos usuários. Contudo, reconheceu a autora que, ainda em 1995, data da apresentação de seu trabalho em um congresso, a realidade dos sistema de informação com respeito à prática de desenvolvimento de tesauros pouco foi alterada. Nessa nova perspectiva,

> [...] la armonización de las necesidades de

> información del usuario y de los contenidos documentales del sistema de información es la pieza clave para conseguir lenguajes documentales más eficaces. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, p. 90).

O método proposto para responder a essa tendência, a López-Huertas Pérez (1997) estruturava-se em alguns passos: a recuperação de termos em 4 a 6 dicionários do tema; a análise de textos para verificar o contexto em que se apresentam os termos no que se refere à frequência e constância; a retirada das categorias dos textos para compor a estrutura do tesauro; a organização das categorias, respeitando o critério de frequência, isto é, da mais frequente forma dos termos gerais a menos frequente.

O que se verificou com essa abordagem foi a urgente necessidade de estudos do uso da linguagem do usuário, uma nova forma de estudo de usuário que se diferencia do estudo geral dos usuários com respeito à necessidade da informação ou de satisfação em relação aos serviços de informação. Segundo López-Huertas Pérez,

> [...] creemos que se conseguirá un tesauro más eficaz para la recuperación de la información, porque podrá representar las dos partes principales que una petición de información incluye. (LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, 1997, p. 97).

A proposta da Semântica documental, tal como preconizada, tem como base a Linguística estrutural, ou mais especificamente, a Semântica linguística, e como segunda contribuição, os procedimentos da Terminologia, e com mais vigor a corrente comunicacional. Contudo, não foi realizado um trabalho de síntese da disciplina, pois

as alusões a uma Semântica Documental são esparsas e não há uma sistematização a partir da abordagem da Linguística Documental e com a aplicação linguística à elaboração de resumos. Isso sugere a descontinuidade da formulação do projeto linguístico documental em detrimento de aportações específicas. Por exemplo, acentuaram-se mais as preocupações com a composição de metodologias pontuais de origem semântica – evidente ou remota – em lugar de consolidar uma corrente, um projeto ou um paradigma linguístico-documental. Uma narrativa epistemológica da Linguística documental poderia ter sido erigida com o objetivo de incorporar o que se entendia por Semântica documental, que ficou carente de um nó ou ajuste em face da proposta de García Gutiérrez.

Em consequência, deve-se reconhecer que toda proposta que se baseie na Terminologia recorre, como fundamento, a um conceito triádico de signo, pois, supõe-se que deva explicar o que é um conceito. Na ciência a presença do referente é algo fundamental, sem a qual não é possível falar de conceito algum que se preze.

Em um estudo sobre a estrutura semântica dos tesauros espanhóis, Gil Urdiciain (1998, p. 195) centrou atenção especial nas características semânticas e estruturais dos tesauros de diferentes áreas: biologia animal, eletrotécnica, meio ambiente, mulher, psicologia e assuntos sociais. O trabalho, resultado de sua tese sobre a evolução histórica dos tesauros, defendido em 1997, identificou um baixo número de relações semânticas entre os termos dos tesauros e

ambiguidades em razão da falta de notas explicativas.

Contudo, os tesauros possuíam uma consistência interna ou reciprocidade entre relações sintagmáticas e paradigmáticas, além da uniformidade da forma e do número de palavras (GIL URDICIAIN, 1998, p. 197). Ao final do trabalho, a autora (GIL URDICIAIN, 1998, p. 198) citou como exemplo o tesauro de Patrimônio, coordenado por García Gutiérrez, em que foi aplicada a teoria linguística da Gramática de Casos e em que se considerou o tesauro como um texto, isto é, valorizando-o predominantemente como linguagem associativa. Essa concepção levou-o a considerar as linguagens documentais como uma linguagem epistemográfica.

Aqui a Linguística aparece geneticamente relacionada à criação de tesauros, pois os problemas da linguagem foram objeto da Linguística sincrônica saussureana. A noção de estrutura, de relações entre conceitos, de significado em contexto, de valor linguístico, de formalização da linguagem, entre outros procedimentos, sempre estiveram presentes quando se planejava ou mesmo se avaliava a eficácia dos tesauros. Contudo, os tesauros estão relacionados mais à abordagem linguística, ainda que estejam influenciadas por alguma teoria lógica, assim como preconizou Gardin, o qual teve grande aceitação na teoria da análise documental de conteúdo na Espanha.

O trabalho de categorização, tão presente nas incursões documentalistas à Semântica, pode ser percebido nas análises realizadas por Peset et al. (2001) sobre a organização da informação artística em portais. As autoras examinaram as categorias e as

classes que organizavam as informações em portais horizontais (genéricos) e portais verticais (temáticos) da área de artes que incluíam música, literatura, dança, arquitetura, escultura e pintura entre outros gêneros. De acordo com o referido trabalho, as categorias presentes nos portais do campo das artes mesclavam gêneros diferentes, não apresentavam uma estrutura entre as classes, não havia explicitação de critérios de hierarquia, nem notas e remissivas que justificassem as escolhas e não se baseavam em divisões expostas na literatura ou manuais do assunto. Um caso tipo, por exemplo, foi o portal "Arte en la Red" que separava centros de arte, museus e galerias, bem como estas categorias da categoria difusão.

Foram identificadas outras incongruências e em razão disso, Peset et al. (2001) propuseram uma classificação mais coerente e que não sofreria da falta de rigor na disposição de categorias neste setor.

> A través de todas estas fuentes de conocimiento se estableció una clasificación orientada al usuario general de información artística. Su objetivo no era clasificar el conocimiento en abstracto [...] Pero tampoco se ha limitado a clasificar las páginas web concretas que aparecen en la red, pues para ello ya funcionan los portales. Se acercaba en muchos casos a las personas y organizaciones que operan en el espacio artístico, pero incluye información que puede resultarles de interés, como los sectores productivos de todos los ámbitos. (PESET et al., 2001, *on-line*).

Nesse sentido, notam-se as variáveis pelas quais se pautam os profissionais documentalistas, incluindo tanto a questão orgânica do relacionamento entre

os conceitos quanto os usuários que estão envolvidos com os problemas práticos de uso da informação. Essa proposta de classificação para portais, mais bem um incipiente tesauro, é uma das atividades que deve levar a cabo os documentalistas no contexto da Internet, propondo soluções para organização e recuperação do conhecimento que não se baseiam meramente na razão probabilística dos buscadores Web.

> En definitiva, la información artística en sentido amplio se compone no sólo de unas ramas del saber, clasificadas generalmente por los lenguajes documentales que se utilizan para la indización de material documental, sino también de unos agentes que operan en el campo artístico, individuales o institucionales, que suelen ser recogidos en obras del tipo biográfico o de directorio. También, por último, incluye los sectores de actividad, del tipo formación, distribución, transformación, producción… difícilmente recogidos en ninguna fuente de información tradicional excepto si hablamos únicamente de sus datos de directorio y no de sus actividades (planes de estudio, materiales docentes o servicios o productos ofertados, precios…), que suelen suponer el know-how de los profesionales del ámbito artístico. (PESET et al., 2001, p. X).

De um ponto de vista semiótico, essa atividade está calcada nas teorias semânticas do conceito, sejam elas de fundo lógico ou linguístico. Tendências às quais os documentalistas não precisam tomar partido, apenas extrair a melhor compreensão e encontrar o uso mais adequado. As contribuições práticas do uso da Semântica para organizar o conhecimento na Web, também poderiam ser uma oportunidade para reedificar o projeto de Linguística Documental, contando com mais colaboradores, contribuições conceituais e não apenas

depender de um teórico tomado isoladamente.

A Linguística Documental, tal como entendida no projeto de García Gutiérrez, deu lugar ao passar dos anos a incontáveis contribuições de natureza assumidamente linguística, porém sem uma sistematização que incorresse em coerência teórica, formação discursiva-epistemológica, precisão conceitual e exemplos materiais dos problemas involucrados à linguagem enfrentados pela Documentação.

Essas abordagens semióticas não peirceanas, particularmente, linguísticas e semânticas, colocam-se ao lado da Terminologia. Reunidas na confluência das bases teóricas linguísticas e terminológicas, encontram-se as preocupações de Espelt (1995), autora que arrola as bases conceituais para o ensino de linguagens documentais. A partir do conceito de Otlet de Ciência da Documentação, a autora aproximou as dificuldades conceituais desta disciplina com outra de vertente linguística, a Terminologia:

> Para la correcta aplicación de los lenguajes documentales en la indización y recuperación de la información será especialmente útil el conocimiento de los sistemas de conceptos y de los métodos aplicados en la definición de términos. (ESPELT, 1995, p. 127).

Para Espelt (1995, p. 127), da terminologia é importante a aportação à construção de tesauros, especificamente a metodologia de delimitação dos conceitos com as operações: classificar (determinar gênero e estabelecendo o descritor), distinguir (diferenças específicas do mesmo sistema de conceitos), precisar (determinar características próprias). A

Terminologia proporciona divisões, que, no fundo, são também linguísticas, as quais são importantes para a construção de sistema de organização do conhecimento, isto é, palavra e termo, denominação e noção, unidade gráfica e unidade de significado aplicados aos textos e discursos técnico-científicos. É desnecessário mencionar que são dicotomias derivadas da Linguística geral e estrutural.

De um ponto de vista pedagógico, para assimilar os conceitos da Terminologia, devem-se adotar exercícios práticos, segundo recomenda a autora (ESPELT, 1995, p. 128), a saber: análise de textos científicos, especificando os conceitos simples compostos e relações; elaboração de definições e listagem de termos de um mesmo campo buscando as relações do sistema de conceitos.

O contexto do movimento de busca de fundamentos teóricos para o ensino em Documentação no princípio dos anos 1990 foi o nascimento dos cursos de licenciatura na Espanha. Nesse sentido, sobressaía-se a discussão sobre quais disciplinas contribuiriam mais que outras no ensino profissional, e cientificamente, com a teoria da Documentação. O comentário de Espelt é bem sugestivo desta questão histórica:

> Todos estamos de acuerdo en que la iniciación de la licenciatura de segundo ciclo debe ser inminente, pero a pesar de tener aprobadas las directrices de los estudios, hay todavía muchos interrogantes sobre cuales son las tareas profesionales que requieren una licenciatura, y por tanto, cuales deben ser los contenidos del segundo ciclo. (ESPELT, 1995, p. 126).

A questão dos conteúdos passava também por uma

articulação da Linguística Documental, caso fosse um movimento consistente, coerente e tivesse presença garantida nos currículos como disciplina teórica, e não, como se concebeu, apenas como espaço curricular para ensinar a empregar determinadas linguagens documentais. Essa tendência linguística nem sempre se refletiu nos currículos, salvo uma exceção, o curso oferecido pela Universidad de Murcia.

Nesse sentido, o emprego da Terminologia e da Semântica não tinha como pano de fundo uma Linguística geral única. É possível que essa característica tenha impulsionado o aparecimento de outras abordagens semiótico-linguísticas que não derivadas da teoria linguística clássica. Presume-se também, que as abordagens mais aplicadas, quase sempre relacionadas à Informática, tenham obtido mais êxito, em razão de sua resposta efetiva às demandas informacionais. De todo modo, a abordagem semiótico-linguística voltada à informática está presente nos estudos recentes na Espanha. Mas o trabalho de sistematização conceitual e de elaboração de uma narrativa coerente no decorrer do tempo ainda não foi levado a cabo.

Nesse sentido, encontram-se os trabalhos de Carmen Galvez (2006, 2008, 2012) que tem desenvolvido uma reflexão teórica e estudos aplicados no campo da Linguística computacional. Essa abordagem semiótica que tem uma relação com a Linguística textual e a Linguística descritiva está se consolidando dentro da Documentação. Dentro do tema de mineração textual e de dados, a autora destaca a importância destas técnicas para a análise de dados e informações

biológicas, nesse sentido, a mineração textual e a mineração de dados procuram descobrir padrões de correlação entre conhecimentos nas grandes bases de dados na área médica.

> La minería de datos (data-mining) y la minería de texto o minería textual (text-mining) surgen como tecnologías emergentes que sirven de soporte para el descubrimiento de conocimiento que poseen los datos almacenados. La minería de datos se define como el descubrimiento de conocimiento, a partir de patrones observables de datos estructurados, en bases de datos relacionales, se le denomina comúnmente Knowledge-Discovery in Databases (KDD). La minería textual se orientada a la extracción de conocimiento a partir de datos no-estructurados en lenguaje natural almacenados en las bases de datos textuales, se identifica con el descubrimiento de conocimiento en los textos y se le denomina comúnmente Knowledge-Discovery in Text (KDT). Tanto la minería de datos como la minería de texto son técnicas de análisis de información. (GALVEZ, 2008, p. 3).

Para tanto, a mineração textual necessita de técnicas de recuperação da informação automática, de processamento da linguagem natural e de extração de informação, as quais versam sobre identificação, classificação, visualização, extração de padrões, análise e agrupamentos automáticos de dados, segundo seu grau de semelhança (*clustering*). A base linguística está calcada na utilização das unidades de análise da Morfologia no sentido de ajudar a formatação dos dados a serem recuperados. Por exemplo, a normalização de termos a serem recuperados exige a conformação de unidades linguísticas representativas, tais como palavra, raiz, afixos, sintagmas etc. Com essas unidades

estabelecidas, as quais são fundamentais em uma perspectiva da Linguística estrutural, é possível voltar ao computador e desenvolver programas de recuperação de dados, segundo a estrutura da língua que se pretende tomar como objeto de análise.

> En relación con lo anterior, la minería de la literatura constituye un campo de investigación de la lingüística computacional que combina diversos procedimientos y técnicas de análisis de textos con el propósito de establecer relaciones entre entidades biológicas (como relaciones gen-gen, gen-enfermedad, gen-proteína, o gen-drogas) para interpretar funciones biológicas o formular hipótesis de investigación. La información textual, como la que se encuentra en MEDLINE, es una fuente infrautilizada de información biológica para los investigadores. Por esta razón, cada vez son más los sistemas dedicados a analizar resúmenes de MEDLINE para ofrecer servicios de información bio-relacionada. (GALVEZ, 2008, p. 4).

No exemplo utilizado para o estudo, que tratou da mineração textual em biologia molecular, acrescentam-se as funções das técnicas (ou o que poderia ser temas de estudo) que, segundo Galvez (2008, p. 5-7) poderiam ser: identificação e etiquetagem de entidades biológicas, extração e normalização de sinônimos, homônimos e abreviaturas; identificação de relações entre entidades biológicas através de redes formadas a partir da literatura; geração de hipóteses e descoberta de conhecimentos nas bases de dados textuais; genômica funcional ou estudo dos genomas em que poderia desenvolver a mineração de relações, as redes de genes baseados na literatura e a extração de conhecimento a partir do conjunto de dados.

Tais tarefas utilizam processos conhecidos como da intersecção da Ciência da Informação com outros campos, entre os quais Ciências da Linguagem, a saber: categorização de dados, indexação de assunto, estudos métricos, classificação, visualização da informação, normalização, padronização terminológica, estudo de correlações entre termos. Concluiu Galvez,

> No obstante, y a pesar de estas limitaciones, nos encontramos ante un prometedor instrumento de análisis de información en el que confluyen, debido la complejidad propia del dominio de conocimiento, diversos campos de la biomedicina, la RI y el PLN. (GALVEZ, 2008, p. 10).

Em outras palavras, a recuperação da informação e o processamento da linguagem natural são processos que andam juntos. Entre os desafios lançados por esta abordagem linguística que implementa novas tecnologias e procedimentos automáticos de análise da linguagem, estão: relacionar os conhecimentos da Documentação com domínios do conhecimento que passam por problemas de organização do conhecimento e tratamento da linguagem nas fronteiras da ciências, como a biologia molecular e genômica; pensar em alterativas para a recuperação da informação que se baseiem em conhecimento efetivo da linguagem humana; não apenas organizar a informação em bases de dados com ferramentas automáticas já consolidadas, mas a partir das análises das relações entre conceitos e propriedades em uma base de conhecimento, sugerir hipóteses de pesquisa a serem realizadas.

Em outras palavras, com base nas contribuições

da Linguística computacional, ademais de outras colaborações, deve-se propor formas de compreender e atribuir significado a tudo o que se está gerando nos grandes bancos de dados de genoma e de outras áreas médicas, indicando correlações entre os dados que podem sugerir alguma tese para o pesquisador.

Em relação ao problema da unificação dos conceitos, Galvez analisou a aplicação de procedimentos de unificação de termos para a recuperação da informação. Esse procedimento fundamentou-se em conceitos linguísticos básicos, a maioria proveniente da Morfologia e da Linguística estrutural, como a noção de paradigma. Para tanto, foi proposta a aplicação da informática para a análise léxica, a qual deve basear-se em um algorítimo de unificação de termos, o qual pressupõe a conexão interdisciplinar entre Linguística e Informática, abrindo um campo repleto de possibilidades para a Documentação.

> La unificación de términos se podría definir como un procedimiento computacional a través del cual se agrupan las variantes de un mismo término, que son semánticamente equivalentes, a una forma unificada. (GALVEZ, 2006, p. 67).

O procedimento de unificação de termos requer, como suposto, o reconhecimento dos afixos, e deve basear-se em um banco de dados que, na prática, seria um dicionário com lista de termos e palavras. Naturalmente, os problemas a serem resolvidos estão relacionados à análise flexional, conjunção verbal, pronomes enclíticos, paradigmas, categorias e estruturas simples ou complexas. O modelo proposto pela autora denomina-se

método de estado finito para o controle terminológico.

> De forma sintetizada, un transductor es un sistema de representación computacional que comprende un conjunto de estados y una función de transición, que define el cambio de estado. La función de transición se etiqueta con un par de símbolo que constituyen el alfabeto del input y el alfabeto de output. Este mecanismo se puede representar en la forma de un diagrama o gráfico de estado-finito. (GALVEZ, 2006, p. 69).

Esse procedimento pode adotar diversas tecnologias ou programas de análise e padronização da linguagem, e seria aplicado a diferentes contextos, em especial, em áreas especializadas que disporiam de grandes bancos de dados com uma literatura científica extensa e de refinamento da estratégia de busca na recuperação da informação com o objetivo de propor hipóteses de conexão entre resultados de pesquisas. Como conclusão da arquitetura do sistema, Galvez (2006) utilizou como *corpus* de análise os registros da base de dados ISOC-Biblioteconomia e Documentação que reúnem revistas e anais de congresso. No que se refere aos resultados da aplicação dos analisadores léxicos de tecnologia de estados-finitos para unificação de termos, a autora explicou que:

> Primera, los analizadores léxicos consiguen reducir las variantes de términos a su radical o formas normalizada en un 26.4%, y este resultado se puede considerar satisfactorio. Segundo, los analizadores léxicos unifican las variantes con una alta precisión. Tercero, los analizadores desarrollados con técnicas de estado-finito tienen una limitación sólo agrupan las variantes que se puedan vincular a una sola forma normalizada, y en caso de ambigüedad no lematizan. (GALVEZ, 2006, p. 73).

A despeito de avanços, a contribuição da Linguística teórica no desenvolvimento destes sistemas de tratamento da linguagem ainda é bem limitada, ajudando, no máximo, com as categorias morfológicas e semânticas, neste último caso, restritas às relações entre conceitos. Os demais desenvolvimentos nestes campos parecem que têm exigido o trabalho de profissionais da Computação, o que sugere uma falta de integração efetiva com a Documentação.

Díez Carrera (1993), por sua vez, analisou as diversas modalidades pelas quais as Ciências da linguagem podem ser aplicadas ao tratamento da informação. Defende a autora que as pesquisas em Linguística geram produtos, os quais formam parte de uma indústria, chamada "indústria da língua". Segundo Díez Carrera (1993, p. 139), esses produtos linguísticos – que naquela época previa-se que estariam nos centros de informação – serviriam para: uso a língua natural como meio de comunicação com a máquina; armazenar e recuperar oralmente a informação por sistema de reconhecimento de voz; tradução automática de documentos e, por fim, elaborar sistema de indexação.

> Los productos linguísticos se desarrollan, como ya dije, dentro de las denominadas industrias de la lengua, las cuales surgen de la unión de la linguística con la informática, de la linguística informática o computacional: los elementos de la lengua (fonemas, morfemas, palabras, oraciones, textos) comienzan a sistematizarse para ser informatizados, consiguiéndose con ello realizar automáticamente tareas linguísticas, no aún con la profundidad deseada ni en todas las disciplinas linguísticas (fonética-fonología, morfología, sintaxis, semántica y

pragmática) pero sí asistiendo de momento a los hombres. (DÍEZ CARRERA, 1993, p. 139-140).

O trabalho de Díez Carrera sobre produtos linguísticos sublinhou a relação, nem sempre manifesta, entre a Linguística teórica e as aplicações técnicas que constituem produtos. Assim, dispôs, em princípios dos anos 1990, de uma relação das disciplinas linguísticas tradicionais com seus produtos vinculados. É uma análise que deve ser retomada para a compreensão das relações interdisciplinares entre Linguística, Computação e Documentação, em que pese o distanciamento dos teóricos em análise documental de conteúdo com os de processamento da linguagem natural e de informática. A seguir, apresenta-se o quadro composto pelas disciplinas linguísticas relacionadas ao produto no contexto da indústria da língua.

Quadro 2 - Tratamento automático da linguagem natural

DISCIPLINAS	UNIDADES	PRODUTOS
Fonética-Fonologia	Fonema-Alófono	Geração e Síntese de Voz
Morfologia	Morfemas-Palavras	Analisador morfológico
Sintaxis	Oração	Analisador sintático
Semântica e Pragmática	Significado	Analisador semântico

Fonte: Díez Carrera (1993, p. 140).

A autora continua a análise expondo a conformação de novas disciplinas a partir da relação básica entre Linguística e Informática. Assim, listou os temas de estudo em Fonética informática, Morfologia informática, Sintaxe informática e Semântica informática.

A tese de Díez Carrera, defendida em 1993, versou sobre estas mesmas indústrias da língua e a interação

entre Linguística e gestão da informação. Díez Carrera (2012, p. 126) constatou que as tecnologias associadas à língua são consideradas matéria-prima da tecnologia, algumas vinculadas ao tratamento do texto (redação, correção, edição, tradução, consulta e recuperação) e outras voltadas ao tratamento da fala (interação oral entre homens e máquinas). Esses problemas deveriam ser considerados no entorno da biblioteca digital, pois são, segundo define a autora, "medio de comunicación y difusión de la información".

Desse modo, deve-se considerar imprescindíveis às tecnologias linguísticas, os produtos e as disciplinas associadas à língua. Tais disciplinas seriam na visão da autora, a Linguística informática ou computacional, a Engenharia linguística (conhecimentos linguísticos para desenvolver sistemas informáticos que processam a linguagem humana) e o campo que trata do processamento da linguagem natural.

> El objetivo es que la máquina automatice los procesos linguísticos que un hablante nativo hace de manera natural, tales como la adquisición, comprensión y producción de la lengua; con el fin de que ella misma pueda emular esta capacidad humana. (DÍEZ CARRERA, 2012, p. 131).

Essa relação interdisciplinar está mais próxima da Linguística que da Documentação, pois os produtos linguísticos são resultado do trabalho de equipes multidisciplinares formadas por linguistas e informáticos, os quais compõem o espaço ocupacional da indústria da língua. Nesse sentido, os documentalistas, segundo o que se pode presumir, são consumidores dessas tecnologias

linguísticas para uso nos sistemas de indexação.

Seguindo a contribuição de 1993, Díez Carrera (2012) assevera a necessidade de conhecimentos linguísticos para a recuperação da informação. A autora aponta que a Linguística descritiva, dividida em níveis de descrição (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático), cada qual com a sua unidade de análise, contribui ao processamento da linguagem até alcançar o significado contextual. Díez Carrera (2012) explora a divisão da linguística, aprofunda as constatações feitas em 1993, a respeito da produção da língua associada às disciplinas. Assim, a autora relaciona os produtos vinculados à Fonologia e Fonética (*optical/intelligent character recognition*, dicionários, hifenizadores, silabadores, corretores ortográficos e outras tecnologias da fala para reconhecimento e síntese de voz); ao campo da Morfologia (essencial para elaboração de estratégias de busca, truncagem de palavras, analisadores/geradores morfológicos, *taggers*, lemantizadores, flexionadores, etiquetadores entre outros); à área da Semântica e Pragmática (analisadores, geradores, dicionários morfológicos, sintáticos, desambiguadores, dicionários de língua, bilíngues e plurilíngues, dicionários especializados, indexadores de conteúdo, corretores ortográficos, gramaticais e de estilo, resumidores de conteúdo, buscadores, tradutores, processadores de texto, sistemas dialógicos etc.).

Como afirma Díez Carrera (2012, p. 138) "Cada vez son más las empresas españolas que se dedican al desarrollo de estos." Nesse caso, cita as empresas Eleka, Bitext e Linguaserve como desenvolvedoras de diversas

tecnologias.

> Los linguistas, asistidos por otros profesionales, elaboran productos lingüísticos que están o estarán presentes en los centros de información, y que serán de utilidad tanto para los documentalistas como para los usuarios. (DÍEZ CARRERA, 1993, p. 145).

Esse aspecto é de grande interesse às futuras pesquisas linguísticas em Documentação, porque reconhece que infelizmente o desenvolvimento de tecnologias não está vinculado a este campo, o qual se apresenta apenas no papel de ente consumidor. Contudo, as necessidades dos usuários de sistemas de organização do conhecimento e de sistemas de recuperação da informação e de bibliotecas digitais constituem-se problemas relacionados à indústria da língua, muitos dos quais estão sendo resolvidos por empresas. Entre os problemas e os desafios está na fronteira linguística encontrada pelas bibliotecas digitais, segundo Díez Carrera (2012, p. 139), a informação precisa ser acessada independentemente do idioma do conteúdo do documento.

As tecnologias e as técnicas associadas ao tratamento da linguagem seriam genericamente: web semântica, tradução automática, tradução assistida, sistema de reconhecimento automático da fala, sistema de sintetização de voz e sistemas dialógicos que relacionam homem-máquina. Esses desenvolvimentos, mais ou menos conhecidos dos documentalistas, em especial, o primeiro, têm buscado processar a linguagem textual ou oral e repercutido no desenvolvimento de sistemas de informação.

Assim, projeta-se como fundamental estar consciente das disciplinas linguísticas, até seus níveis mais elevados de teorização – como é o caso da Semântica e da Terminologia –, os quais poderiam aportar soluções aos especialistas em documentação no desenvolvimento de sistemas de recuperação da informação. Além disso, é evidente a necessidade de um conhecimento da língua em questão e de técnicas estatísticas e informáticas para seu processamento.

Os conhecimentos do campo semiótico voltados às línguas naturais e à sua sintetização serão de grande auxílio ao desenvolvimento de sistemas e poderão promover uma maior integração dos especialistas, os quais deixarão de participar desse ciclo apenas como consumidores de sistemas e produtos da indústria da língua.

Um fato que não se deve esquecer é que em relação a outros países, a Espanha tem uma demanda fundamental a solucionar, que é a questão das diversas línguas cooficiais. A Espanha possui uma língua oficial (castelhano) e três línguas cooficiais (catalão, basco e galego), além das não oficiais como aragonês, asturiano, estremenho, aranês. No caso das não oficiais, todas possuem um alto nível de formalização, com gramáticas e materiais voltados ao ensino, com o objetivo de preservar a língua. São elementos partícipes das políticas linguísticas e da indústria da língua que impactam no desenvolvimento de tecnologias e dos sistemas de informação e documentação.

Também no contexto das contribuições relacionadas à automatização do processamento da linguagem,

não se poderia apartar os estímulos à criação de linguagens documentais. Nesse sentido, os autores Gil Urdiciain e Sánchez Jiménez (2014) aplicaram técnicas de recuperação da informação para a criação de um tesauro sobre comércio exterior. Os autores criaram um procedimento semiautomático para criação de tesauros, e ressaltaram a eficácia de algumas técnicas utilizadas em outros campos que agilizam o processamento da linguagem, mais especificamente, os termos e as suas relações semânticas hierárquicas e associativas que compõem um tesauro.

Os autores comentam que a geração automática de tesauros reparte-se em duas linhas: uma que considera os tesauros como ferramentas linguísticas e outra que entende o tesauro como ferramenta de recuperação da informação (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 20). O projeto de responsabilidade dos autores desenvolveu o tesauro de comércio Exterior para o Instituto Espanhol de Comércio Exterior da Espanha (ICEX). O tesauro cobre 20.000 documentos eletrônicos, 3.600 documentos textuais e 10.000 fotografias que formam a base de dados do instituto. Para tanto, utilizaram como método os procedimentos de seleção do léxico, estabelecimento de campos temáticos, indicação de descritores a campos semânticos e desenvolvimento de relações. Para captação do léxico foi aplicado *Term Frequency and Inverse Document Frequency* (TFIDF) que responde a uma indexação automática e a indicação de candidatos a descritores. Contudo, a validação dos descritores foi revisada manualmente e verificada se representavam os conteúdos da coleção.

Em termos de unidades linguísticas trabalhadas, foi necessário utilizar outro indexador *Keywords and Keyphrases* (KEA), tal sistema deveria reconhecer sintagmas, verbos, substantivos, adjetivos, entre outras partículas (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 21). Conquanto, foi necessário ainda filtrar o conteúdo com um programa de *Dimensionality Reduction* e utilizar analisadores morfológicos seguindo padrões para a terminologia. Na sequência, verificou-se uma redução, de 10.000 para 4500 termos, a qual foi completada com a extração de termos disponíveis em outras linguagens documentais, dicionários, glossários e outras fontes. Com esse cotejamento, foi possível chegar a um conjunto de termos e de relações mais concretos. Não obstante, seria fundamental, como visto, combinar técnicas manuais e procedimentos automáticos, e chegar a um processo semiautomático ou assistido.

O estudo dos autores demonstrou como é difícil automatizar todo o sistema de criação de tesauros, porém se deve reconhecer que trazem agilidade. A teoria do campo semântico está relacionada à técnica de *clustering* (agrupação), tal técnica utiliza probabilidades de relacionamento e de identificação de semelhanças entre os termos. Uma técnica especial, *clustering blanco*, por exemplo, aceita um grau de incerteza na hora de construir o agrupamento. Segundo os autores "el clustering blanco asume que un mismo objeto puede pertenecer a varios grupos al mismo tiempo" (GIL URDICIAIN; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, 2014, p. 23). Assim, notaram que já existem técnicas que superam a dicotomia presente na lógica clássica e a inclusão do terceiro excluído, isto é, em

que há níveis de incerteza no momento de atribuir um qualificativo ou buscar as similitudes entre os termos agrupados. Contudo, as relações obtidas ainda são entremescladas com as preferenciais, as hierárquicas e as associativas.

Sobre esta linha de contribuições, pode-se concluir que a atribuição de relações entre os conceitos ainda é um procedimento não totalmente automatizado, o que requer saberes de diversos especialistas que atuam no arranjo do sistema de informação. A indexação automática, a associação de termos em porcentagem de coocorrência para facilitar a atribuição de categorias de relacionamento, isto é, a combinação de técnicas na criação assistida de tesauros, revela-se de grande auxílio às atividades do documentalista.

Em âmbito geral, a Linguística computacional, ou melhor, a fusão de conhecimentos da Computação e da Linguística, tem constituído uma linha alternativa às aportações Linguísticas clássicas à Documentação e, pelo que se verificou, tem obtido bons resultados e terá mais êxito nos próximos anos em razão de sua aplicabilidade, abrangência, economia e produtividade.

Nesse sentido, este núcleo de contribuições coloca em pauta o questionamento das teorias linguísticas clássicas associadas à Documentação, uma vez que os resultados dos procedimentos manuais, com a sua base em categorias e conceitos da Linguística Estrutural e Textual, são muito limitados em relação ao volume de informação que pode ser tratada. Pertencente ao campo semiótico, acredita-se que este núcleo de interesses se antecipará à organização da informação e do conhecimento na

constituição de uma Semiótica Computacional aplicada à Documentação. Podem-se agregar nessa perspectiva os estudos e as aplicação de Figuerola et al. (2003, 2004), Gil Leiva (1997, 2003), Zazo, Figuerola e Alonso Berrocal (2007) e Sánchez-Cuadrado et al. (2007).

Coincidindo com os trabalhos linguísticos aplicados em Documentação, mas que não têm a pretensão de constituir-se como um disciplinar autônomo, encontram-se os estudos em Linguística cognitiva. De papel ainda minoritário, segundo um ponto de vista quantitativo, estão os trabalhos realizados em Linguística cognitiva, entendida como um ramo das Ciências cognitivas que problematiza e testa hipóteses sobre a linguagem humana. A Linguística cognitiva traz questões cruciais ao futuro da Documentação, ainda que não esteja configurada como uma corrente de estudos independente. A Linguística cognitiva está associada aos trabalhos de Lakoff e Langacker em que

> [...] se aboga por una concepción enciclopédica del significado en la que existen sistemas de modelación del conocimiento ligados a varias formas de convencionalización que dan como resultado modelos cognitivos de varias clases. (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 80).

Enquanto a Linguística computacional manifesta uma relação com a Estatística para criação de modelos, a Linguística cognitiva radica, além das Ciências cognitivas, na Psicologia experimental, na medida em que é a partir dos estudos cognitivos e psicológicos que extrai elementos para conceber os modelos e as teorias que melhor explicam o funcionamento da linguagem

humana.

Uma das propostas levantadas em 2000, por Mendoza Ibáñez e Pérez Hernández, é que a modelação do conhecimento depende da anotação de primitivos semânticos, isto é, unidades de significado indecomponíveis. A consideração dos primitivos semânticos leva à composição de uma metalinguagem. Segundo Jackendoff (apud MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 81) seriam exemplos de primitivos semânticos: coisa, evento, estado, ação, lugar, caminho, propriedade de quantidade. Esses primitivos semânticos poderiam chegar a compor uma lista de até sessenta itens, tal como em Wierzbicha (apud MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 82). Nesta linha de conta, poderiam ser incluídos como primitivos semânticos substantivos, predicados mentais, fala, ações, eventos, movimentos, existência, vida, determinantes, quantificadores, avaliadores, descritores, tempo, espaço, conectores, operadores entre orações, meta predicado, intensificador, taxonomia, partonímia, similaridade, entre outros.

Há uma certa semelhança entre os primitivos semânticos e a gramática de casos de Fillmore (agentivo, instrumental, dativo, factivo, locativo e objetivo), que é também considerado um dos fundadores da Linguística cognitiva. Ademais da patente semelhança com os trabalhos lógicos sobre as categorias, a exemplo de Aristóteles. A diferença consiste em manejar estes primitivos semânticos para testar modelos cognitivos que organizam as relações entre os conceitos a partir de domínios de referência. Os modelos cognitivos

permitiriam definir o significado de conceitos e de metáforas. A partir dos modelos cognitivos poder-se-ia compreender as relações semânticas entre as expressões linguísticas.

A título ilustrativo, os autores explicam que os primitivos semânticos – como parte, inclusão e localização – estão vinculados a modelos cognitivos genéricos de estrutura topológica, isto é, usam esquemas de imagens (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 92). Nesse sentido, buscam uma concepção entre esquemas cognitivos e de imagem como as relações semânticas estabelecidas entre os conceitos, de modo que um domínio de referência ou de um contexto relacional mobilizado, no instante de definição do sentido de um sintagma, atribua valores, tais como metáfora ou não metáfora.

A Linguística cognitiva, seguindo as contribuições de Lakoff, pode converter-se futuramente em uma nova abordagem semiótico-linguística em Documentação para a melhoria de sistemas de organização do conhecimento, baseando-se nos modelos cognitivos testados e a sua vinculação com as relações entre conceitos. Resultará em uma melhoria das interfaces de recuperação da informação.

Não obstante, atualmente, os sistemas de processamento da linguagem natural estão a cargo dos engenheiros e informáticos que utilizam os estudos aplicados da Linguística cognitiva para o desenvolvimento de sistemas. Nesse sentido, considera-se que a Documentação já esteja alijada das recentes descobertas desse campo, bem como de suas aplicações

mais consolidadas.

Contudo, os autores reconhecem a importância dos modelos para a área: "Asimismo, hemos examinado la relevancia de postular modelos cognitivos genéricos para una teoría de la organización del conocimiento." (MENDOZA IBÁÑEZ; PÉREZ HERNÁNDEZ, 2000, p. 95). Resta à Documentação espanhola voltar-se à teoria cognitiva e utilizar as aplicações existentes para fazer avançar uma suposta teoria linguística que se quer propriamente documental.

Outra fronteira com aportações teóricas e aplicadas importantes à Documentação, caso seja de fato objeto de análise, é o desenvolvimento de sistemas que trabalhem os discursos e expressões metafóricas, decorrente de estudos oriundos da Linguística cognitiva. Isto é, deve-se considerar que a fronteira do tratamento da linguagem científica já foi alcançada pelas técnicas tradicionais e automatizadas, e se está consistentemente avançando com as aplicações dedicadas aos textos completos.

Não obstante, a linguagem ordinária ainda não teve tratamento adequado pelos sistemas de informação. Por exemplo, não se consideraram quais relações semânticas uma narrativa de ficção estabelece com o usuário no momento da busca, pois não há tratamento robusto para os textos literários e de conteúdo polissêmico ou metafórico. Apesar disso, existem propostas de tratamento desses textos no campo da Linguística cognitiva, as quais mereceriam uma avaliação por parte dos especialistas em organização da informação e do conhecimento. A Linguística cognitiva pertence, logicamente, aos interesses semióticos que

utilizam diversas matrizes teóricas, porém resolveu-se apresentá-la nesta seção pela vinculação genética com a Linguística geral.

Soma-se às aportações linguísticas não peirceanas à Documentação, reflexões com pouca sistematização, mas que têm em comum uma análise dos conflitos sociais que geram a linguagem. Essa, talvez tenha sido e continuará sendo nos próximos anos uma das mais promissoras correntes relacionadas ao estudo da linguagem na Espanha aplicada à organização da informação e do conhecimento. Ela estabelece interlocução com um campo semiótico mais sociocultural, o que não configura ainda, em absoluto, um alinhamento à Semiótica da Cultura.

Dentre os problemas da organização da informação e do conhecimento, encontra-se a propositura de soluções linguísticas para representar a diversidade cultural existente nas diversas regiões do planeta. Sabe-se que a União Europeia, em sua motivação de integração, teve que encontrar espaço à diversidade linguística. Nesse sentido, muitos programas governamentais foram e têm sido criados para preservação das línguas. Lloret Romero (2001, p. 61) cita o programa de promoção e conservação de línguas e culturas minoritárias como formas de preservar línguas autóctones presentes na União Europeia, a exemplo do aragonês, bable, bretão, catalão, corso, galês, basco, frísio, gaélico, galego, occitano, franco-provençal, sardo etc. Claro está que parte das línguas citadas encontra-se em território espanhol (aragonês, basco, galego e catalão), o que, em si mesmo, já significaria uma questão a resolver em

política linguística, a qual, ao fim e ao cabo, interferirá no acesso à informação.

Decorrem também desse debate os estudos sobre as representações da mulher, da homossexualidade, de grupos étnicos e de minorias nos sistemas de informação, em seus instrumentos de organização da informação e do conhecimento. Essas categorias de conhecimento expressam um conjunto de valores. Da mesma forma, o trabalho de tradução de instrumentos como as tabelas de classificação e os tesauros, deve levar em conta a diversidade linguística e a conservação de valores de uma comunidade.

Nesse sentido, encontra-se aberta a questão da linguagem enquanto instância que representa a realidade social e reifica uma visão de mundo, uma cultura e um conjunto de valores. A língua não é mais vista como neutra ou uma barreira, mas condição de independência, autonomia cultural e meio para manifestação de liberdades. Nesse particular, destacam-se os trabalhos de Caro Castro e San Segundo Manuel (1999), Rodríguez Bravo e Morán Suárez (2001), San Segundo Manuel (2007), Rodríguez Bravo (2007). As teorias linguísticas somam-se aos estudos antropológicos, etnográficos, sociológicos, culturalistas e de gênero. Essa também é um tema relevante da abordagem semiótico-linguística e que parece ainda manter interessados no interior da Documentação na Espanha.

A Documentação não deixou de refletir essa conexão entre língua, linguagem e sociedade. Ademais da Linguística, esses estudos encontram guarida na Sociologia, Antropologia e Filosofia da Linguagem e

podem significar uma perspectiva da Documentação em sentido externo.

Em síntese, as abordagens semióticas não peirceanas aqui resumidamente retratadas, longe de se constituírem uma trama coesa, representam a pluralidade dos temas linguísticos em Documentação, conformando-se na mais consistente via de interlocução. Desde as formas mais sistematizadas, alçando a estruturação de uma disciplina documental, como foi o caso da Linguística documental, passando por aplicações pontuais voltadas à elaboração de resumos, análise de textos, criação de categorias e redes semânticas, metodologias para definição de termos científicos, até alcançar as contribuições cognitivas e sociológicas sobre implicação da linguagem na Documentação, essas abordagens revelam uma riqueza de teorias empregadas, de técnicas aplicadas ao processamento da linguagem natural e de reflexões sobre os problemas da tradução de instrumentos de organização do conhecimento.

Se não se pode assumir a tese de que são desdobramentos coerentes sob uma mesma linha teórica, deve-se concordar com a ideia de que tratam, segundo se entende neste livro, da principal expressão teórica de aplicações semiótico-linguísticas da Documentação Espanhola, especialmente, à organização da informação e do conhecimento. Matizando as palavras de López Yepes e Ros García (1993), poderia ser dito que não há uma acabada concepção linguística da Documentação, mas que estas formam parte da principal abordagem semiótico-linguística da Documentação.

5.3 Outras Contribuições Linguístico-Semióticas

Na esteira dos estudos linguísticos em Documentação, devem-se apontar as alternativas de análise documental de imagens como diretamente relacionadas a códigos não linguísticos. Os trabalhos nessa direção podem ser muito bem classificados sob o rótulo de abordagem híbrida, pois utilizam elementos conceituais que pertencem às abordagens anteriores e que também podem estar relacionados a outras disciplinas, como Estética, Artes etc. Nessa seção serão apresentados os temas da análise semiótica de imagem que constituem, no que se entende aqui, uma abordagem híbrida que incorpora tanto abordagens não peirceana quanto peirceana, por estas estarem, ao fim e ao cabo, demasiado comprometidas com o código verbal.

Essa é uma das contribuições mais crescentes no âmbito da Documentação e que influenciará a discussão futura de uma teoria da linguagem nos termos da proposta de uma Semiótica Documental. Em outras palavras, a produção de documentos cujos códigos não são verbais (especialmente as imagens) cresceu nas últimas décadas em termos quantitativos, e os sistemas de informação que se viam acumulando experiências bem-sucedidas com a linguagem verbal – especialmente no campo da organização da informação e do conhecimento – fizeram poucas aportações nesse sentido, às vezes, por considerarem os códigos não verbais como traduzíveis

ao verbal. Não é sem-razão que os documentalistas especializados em tratamento de imagens tiveram que buscar fundamentos conceituais e procedimentos analíticos em outros campos, pois pouca coisa havia sido elaborada do ponto de vista conceitual sobre esta matéria.

Os estudos do tratamento de imagens em Documentação, com objetivos de recuperação da informação, estariam posicionados dentro das abordagens híbridas, pois se fundamentam em teorias tão diversas como Semiótica, Arte, Antropologia, Fotografia, Estética, Comunicação, Linguística e Documentação. O que se tem produzido em Documentação passa desde a completa ignorância às peculiaridades dos códigos não verbais até a adaptação dos procedimentos e técnicas linguísticas aplicadas à indexação de textos e seus respectivos documentos. Entre o leque de opções, podem-se incluir a fotografia, a pintura, o som, o audiovisual etc. Há uma variedade de contribuições na Documentação na Espanha que, baseando-se em outras fontes semióticas, e não mais na linguística, tem levantado uma questão estritamente Semiótica.

Entre os vários enfoques para um tipo de documento imagético, por exemplo, a fotografia, Agustín Lacruz (2015) encontra o enfoque informativo documental, o qual entende o registro dentro de um sistema de informação e estuda a gestão de coleções de informação icônica para geram representações secundárias. Segundo a autora, os enfoques são muito diversos: enfoque historiográfico, enfoque da história

das técnicas fotográficas, enfoque filosófico, enfoque artístico, enfoque antropológico, enfoque sociológico, enfoque psicológico, enfoque semiótico-semiológico (em que se destacam os nomes Barthes, Dubois, Joly, Santaella, Noth, Zunzunegui, Gubern etc.), enfoque educativo e, por fim, enfoque informativo-documental. Os autores que mais se destacaram no enfoque documental, segundo Agustín Lacruz (2015), foram Felix del Valle, Joan Boadas, Cécile Kattnig, José António Moreiro, Jesús Robledano, Juan Francisco Torregrosa, Carmen Agustín, José Miguel Sánchez e Javier Marzal. Os teóricos aportados são, em sua maioria, espanhóis.

Essa corrente de estudos, se é que se pode designar assim, em Documentação, não deve excluir, em seu laborioso trabalho, o tratamento da imagem para fins de recuperação da informação, bem como a busca de fundamentos semióticos para ler as imagens. Leitura essa que supõe as noções semióticas de código, índice, ícone etc. O propósito principal é ler a imagem, atribuir significado a ela, e, por conseguinte, organizar coleções e facilitar a recuperação desses documentos. Esse tema abre espaço para a questão: até que ponto os documentalistas estão preparados para conhecer e tratar informação em outros códigos, sobretudo, as imagens?

Um código imagético, por exemplo, requer uma estrutura conceitual vinculada à Semiótica, mesmo que seja de uma derivação da linha semiológico-estrutural. As propostas de análise documental do conteúdo imagético desenvolvidas no contexto da Documentação merecem uma análise mais ampla de seus fundamentos teóricos. A título ilustrativo, Agustín Lacruz assevera:

> Que as Ciências da Documentação, através de um enriquecedor diálogo disciplinar com outras ciências como a Semiótica e a Iconologia, possam incorporar as imagens artísticas como um de seus objetos de estudo, ampliando seu elenco tradicional. (AGUSTÍN LACRUZ, 2006b, p. 45).

No caso específico, tratava-se de imagens artísticas, resultado da produção de quadros por um pintor consagrado. O que se sucede é um descompasso entre o discurso teórico-progressista da Documentação, e as técnicas que desenvolve, ainda devedoras das formas linguísticas de produção e tratamento do conteúdo dos documentos.

A imagem é uma entidade polissêmica, há várias possibilidades de interpretação para a mesma imagem, dependendo do sujeito e do contexto cultural. Deve-se analisá-la segundo vários níveis e formas. A esse respeito, Agustín Lacruz (2006b) discute a utilização de documentação bibliográfica e informativa tradicional no processo analítico do conteúdo para complementar as informações não diretamente presentes na imagem, a exemplo do caso dos retratos de Francisco de Goya.

O texto artístico – noção que deve ser reintroduzida no debate em Documentação – é também uma evolução teórica que pode ampliar a noção de documento. Segundo Agustín Lacruz,

> Essa contribuição epistemológica procedente da Semiótica alcança uma grande relevância para as Ciências da Documentação, pois possibilita que, estas considerem as obras artísticas como produtos culturais cujo valor documental possa ser convertido em objeto de estudo. (AGUSTÍN LACRUZ, 2006b, p. 26).

Apesar da observação da pesquisadora, deve-se ressaltar a necessidade de delinear os fundamentos de extração semiótica à Documentação. Entre os conceitos semióticos e linguísticos utilizados e que se referem à análise de imagem, pode-se citar os seguintes: código, código icônico, código verbal, denotação, conotação, conteúdo, expressão, símbolo, ícone, índice, referente, signo semiológico, contexto de produção e texto visual.

Relativamente ao contributo semiológico à análise documental, é preciso mencionar Greimas, teórico que investigou os mecanismos necessários para analisar o discurso como um todo, e procurou identificar as ações que os agentes executam na dinâmica de uma narrativa. Segundo Nöth (2005b, p. 145), o modelo greimasiano influenciou diversas áreas de aplicação, entre elas a Documentação. Pinto Molina (1993, p. 52) argumentou que Greimas contribuiu com o estabelecimento de aportes conceituais para o estudo do discurso científico, formas e tipologias discursivas, além da teoria das modalidades que facilita a compreensão dos modelos actanciais, em especial, a relação sujeito *versus* objeto.

A Semiologia de Greimas aplicada à análise do discurso propõe tratar globalmente os diversos textos, e não apenas os científicos, os quais se apresentam como principais, segundo a análise documental. Os textos narrativos de ficção, por exemplo, em oposição aos textos científicos, não procuram evidenciar de imediato seu assunto principal, não são obedientes à estrutura do texto científico, com problema, hipótese, objetivo etc. A despeito de seu vínculo germinal com o estruturalismo

linguístico – principalmente na defesa implícita da tese de que há uma estrutura subjacente a todo texto, a qual regula as ações dos personagens e os movimentos no interior de qualquer narrativa, como a hipótese a qual se referia Hjelmslev –, a semiologia greimasiana mostra-se nestas aplicações como uma alternativa para superar uma lacuna da análise documental de conteúdo: o tratamento dos textos narrativos de ficção.

O objetivo da análise da imagem para fins documentais é atribuir significado por meio da análise dos códigos. Nesse caso, caminha-se no terreno da Semiótica e da Linguística em que se propõe a noção de código, enquanto um sistema de signos qualquer. Tanto para Linguística quanto para Semiótica, o código é uma unidade básica de análise e necessário a conhecer e avaliar quaisquer mensagens. Nesse caso, para fins documentais, dividem-se os códigos em níveis ou áreas para se extrair o conteúdo da imagem e representá-lo através de representações sintéticas, como descritores, termos e assuntos.

Agustín Lacruz (2015) menciona uma estratificação dos códigos necessária à Documentação quando se pretende analisar a fotografia. Como modelo de documento não verbal, a autora sublinha os seguintes códigos: código especial, código gestual, código indumentário, código cenográfico, código lúmico, código cromático e código compositivo. No caso da Documentação, o que a alija de outras formas de análise semiótica é que esta não se apropria unicamente da mensagem visual; seu interesse volta-se também ao conhecimento da autoridade e do contexto no

momento de representar a informação. Sendo assim, as informações textuais do fotógrafo e do contexto de produção da mensagem são agregadas para compor a representação da informação.

Ademais de os códigos, exige-se para a leitura da fotografia, como documento do tipo não verbal, segundo considera-se aqui, habilidades e competências adicionais, tal como atesta Agustín Lacruz. São necessárias ao documentalista as competências: iconográfica, narrativa, estética, enciclopédica, linguística-comunicativa e modal. Consequentemente, essas competências deveriam estar presentes nos cursos de formação, contudo, seu vínculo com as técnicas linguísticas tradicionais de tratamento do textual não permite incluir estas questões fundamentais para o acesso à informação de um número cada vez maior de pessoas. Em linhas gerais, o contributo da semiótica à Documentação, em suas diversas perspectivas, é amplo e merece uma sistematização mais detalhada. Na mesma linha dos trabalhos anteriormente apontados, devem-se examinar as contribuições de Agustín Lacruz (2006a, 2006b).

Também vinculado às linguagens não convencionais tratadas pela Documentação, desde um ponto de vista semiótico, acrescenta-se o trabalho de Peset (2001) que analisa a transposição de elementos artístico na rede, citando as principais ações que tratam de promover o acesso a museus e exposições virtuais como forma de atrair o público ao mesmo tempo em que oferece uma relação visual com a obra de arte. De acordo com a autora, "Al contrario de las exposiciones de algunas piezas de los museos tradicionais, suelen estar concebidas únicamente

para su contemplación en línea." (PESET, 2001, p. 117).

A autora continua a sua análise e cita como exemplos, as exposições de Goya pela Universidad de Zaragoza, as exposições de Velázquez, as exposições do Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico e a exposição de Joan Brossa para Universidad Oberta de Calaluña (PESET, 2001, p. 117-118). Peset concluiu que as bibliotecas devem assumir a gestão desse processo para atender as necessidades dos usuários. Para tanto, recomenda-se o conhecimento do conteúdo audiovisual – como também se depreende de Agustín Lacruz – e dos recursos multimídia para proporcionar guias artísticos. A biblioteca deveria, por consequência, utilizar os recursos desenvolvidos em outros contextos artísticos para provocar um impacto no usuário.

De modo geral, Peset parece reconhecer as limitações do discurso promovido pelas bibliotecas, na medida em que enfatiza os códigos verbais registrados em comparação a outras formas de relacionamento com as mídias e obras de artes. Os códigos engendrados nessas obras são superiores e muito mais avançados em termos de compreensão da percepção humana e da criação de conhecimento.

Nesse caso, para difundir informação pelos ambientes virtuais, dada a diversidade de tipos de informação, segundo os códigos disponíveis, uma biblioteca não pode recorrer aos serviços já estabelecidos no contexto impresso. Para tanto, necessita-se vislumbrar o que estão realizando outras instituições, é o caso dos museus, os quais estão na vanguarda no que diz respeito ao tratamento semiótico de seus documentos, isto é, já

reconhecem que os meios de interação com os objetos, e de organizá-los, recobrem um âmbito não verbal.

Por essa razão, o apelo de Peset (2001) encontra respaldo em uma abordagem semiótica disposta a reconhecer a diversidade de linguagem e promover os sistemas de mediação à informação mais adequados às expectativas dos usuários. Contudo, supõe-se que tal consciência semiótica, seja para ressignificar o ambiente da biblioteca ou para reestruturar a arquitetura dos portais, fato que ainda não se fez presente nas bibliotecas e nos centros de documentação.

Pensar os objetos artísticos como formas semióticas que serão acessadas como informação encontra-se em um ponto em que se entrecruzam as competências da Documentação e das Ciências da Comunicação. Presume-se que os especialistas espanhóis, pelo que se investigou até aqui, já se deram conta que as novas mídias são, em realidade, uma fonte de oportunidades, problemas e dificuldades práticas para os processos de tratamento e organização da informação e do conhecimento.

De um ponto de vista semiótico, concretizaram-se a justaposição entre as linguagens, isto é, valorizar os distintos códigos. Nesse sentido, destaca-se o trabalho realizado por Lloret Romero e Canet Centellas (2008a), da Universidad de Valencia, que teve como objetivo realizar uma análise descritiva dos serviços disponíveis em rede que oferecem conteúdos e serviços audiovisuais, relacionando novas tendências para a difusão da informação audiovisual, como transmissão de eventos ao vivo, a transmissão de programas, o serviço de vídeo sob demanda e os serviços de entretenimento.

De acordo com Lloret Romero e Canet Centellas (2008a),

> Programas televisivos, retransmisión de eventos en directo o en diferido, las webcams al servicio del exhibicionismo y del vouyerismo colectivo, y el vídeo bajo demanda, son entre otras una representación de las posibilidades audiovisuales que la red está poniendo al servicio de sus usuarios. (LLORET ROMERO; CANET CENTELLAS, 2008a, *on-line*).

Nessa mesma linha, inclui-se o trabalho das autoras Lloret Romero e Canet Centellas (2008b).

Essas possibilidades devem ser tomadas também pelos documentalistas como mais um de vários exemplos que atestam que uma visão estreita da informação voltada exclusivamente aos documentos tradicionais (impressos e de registro verbal), pode não oferecer o subsídio teórico e a contribuição aplicada necessária aos usuários e à sociedade.

Em decorrência disso, exige-se uma base semiótica geral, tampouco presente na exposição dos autores, que os integraria sob um mesmo pano de fundo que percebesse os códigos e os processos de semiose que ocorrem dentro e fora da Web e que envolveria o tema dos códigos híbridos. A seguir, apresenta-se a principal proposta estritamente peirceana no campo da Documentação: a Semiótica Documental.

6
A Semiótica Documental

> [...] hay que reconocer con Castillejo que, a consecuencia de una acumulación de desgraciados avatares circunstanciales, a menudo contrarios a la expansión del pensamiento libre, un gran número de instituciones originales y de innovaciones mentales surgidas en España no se han podido desarrollar normalmente y con continuidad; así, éstas han pasado al extranjero, de donde con frecuencia han vuelto posteriormente a sus orígenes hispánicos primeros, pero bajo una forma más acabada. (GUY, 1985, p. 10).

Seguindo a observação sobre a filosofia espanhola, pode-se afirmar, guardando logicamente suas matizes, o mesmo sobre a Semiótica na Documentação na Espanha. Guy (1985) fez esse comentário em relação às diversas correntes inovadoras da filosofia ocidental que tiveram a sua origem distante na Espanha, como exemplos citou o socialismo cristão de Arnau de Vilanova, a lógica simbólica de Llull, o pacifismo de Vives, a ética internacional de Vitoria e Suárez, o existencialismo trágico de Unamuno, entre outros. Essas correntes filosóficas retornaram a Espanha, segundo sustenta Castillejo e avalizado por Guy, em uma forma mais acabada, construída amiúde no exterior.

É possível inferir o mesmo sobre a Documentação, especialmente os estudos linguísticos e semióticos que

têm emplacado os sumários das principais revistas internacionais em Ciência da Informação (um exemplo é a revista *Knowledge Organization*), porém apareceram com grande efervescência nos primeiros anos da década de 1980 na Espanha.

Como pode ser observado nas páginas seguintes, essas tendências teóricas nasceram e se expandiram rapidamente, chegando mesmo a propor uma grande resposta da Documentação Espanhola ao problema do tratamento da informação, bem como à organização do conhecimento. Diferentes de tradições do pensamento da Documentação em outros países, as abordagens semióticas na Espanha não contaram com um contexto teórico favorável, segundo o que se entende aqui, pois as relações com as tradições linguísticas e semióticas não foram muito intensas antes de 1980, como verificado.

Por outro lado, a emergente Documentação dos anos 1980, que recebeu profissionais e docentes com diferentes formações universitárias, talvez tenha funcionado como laboratório para a construção de um novo campo, e desse modo, chegaram a propor formas originais de lidar com os problemas linguístico-semióticos. Sob as bases das tradições francesa e americana de Documentação foram produzidos muitos intentos explicativos e discursos próprios sobre os problemas que recobrem os saberes necessários ao tratamento da linguagem: a Linguística Documental foi um exemplo.

Assim como a Linguística Documental, os trabalhos no sentido de uma Semiótica aplicada à Documentação ou Semiótica Documental surgiram na década de 1980.

O problema da teoria semiótica peirceana é que

se apresenta como muito geral, o que nem sempre resulta fácil adaptá-la às questões específicas de um campo. Nos últimos anos, foram muitos os trabalhos que tiveram como objetivo aproximar os estudos da informação à Semiótica, mas não necessariamente no campo da organização da informação e organização do conhecimento. Hjorland (2003, p. 98), por exemplo, aludiu a uma Semiótica social, a qual defende que significados, signos e documentos são construídos em função das práticas padronizadas em comunidade. Em outros termos, a abordagem semiótica sustenta que as comunidades discursivas ditam o tom da significação, e toda forma de impor uma diretriz de organização dos significados externa à comunidade implicaria em desconsiderar a dinâmica própria da produção social dos signos. Raber e Budd (2003), por outro lado, defenderam que o conceito de informação pode ser elucidado com o conceito de signo. A junção entre forma e conteúdo, cuja abordagem semiótica está fundamentada na orientação estruturalista, subsuma-se à união perfeita e inseparável entre significado e significante. Por sua vez, Abreu e Monteiro (2010) analisaram a aproximação das matrizes da linguagem com a indexação da informação no ciberespaço.

De um ponto de vista mais próximo à organização da informação e à recuperação da informação, Moura (2011, p. 167) argumentou que a interoperabilidade (comunicação de padrões e protocolos comuns) no contexto digital requer como referência a representação estrutural, sintática, semântica e lógica. Também podem ser citados os trabalhos de suma importância de Moura,

Silva e Amorim (2002), Moura (2006, 2007) e Lara (1993, 1999, 2003, 2006). Especificamente no campo da organização do conhecimento, tem-se o trabalho de Friedman e Thellefsen (2011), os quais cotejaram as ideias semióticas de Peirce e a teoria do conceito de Dahlberg. Friedman e Thellefsen (2011) concluíram que a teoria semiótica analisada é fundamental para os sistemas de organização do conhecimento porque é abrangente na explicação da representação, servindo de modelo a ser aplicado a teorias mais focalizadas, como é o caso da teoria representacional do conceito erigida por Dahlberg. Na mesma linha de conta, foram de fundamental importância os trabalhos de Thellefsen (2002, 2003, 2004), Thellefsen e Thellefsen (2004) e Mai (1997a, 1997b, 2000, 2001). Contudo, em que pese a influência conceitual de Peirce em muitos desses trabalhos, não foi oferecida por estes autores uma proposta disciplinar que congregasse Semiótica e Documentação.

As ideias de maior destaque nessa direção foram as de Izquierdo Arroyo – autor pouco conhecido no Brasil –, que cunhou a expressão "Semiótica Documental", utilizada desde final dos anos 1980. Em uma publicação de 1992, Izquierdo Arroyo destacou as pesquisas que então desenvolvia e cujo teor já indicava a preocupação com a estruturação da Semiótica Documental.

Izquierdo Arroyo (1992) procurou esquematizar uma agenda de pesquisas em quatro grandes eixos: a) para uma teoria da representação documental; b) ensaio histórico de Semiótica Documental; c) a ciência da busca secundária; d) concepção lógico-linguística da Documentação. Os dois últimos eixos foram iniciados e

contam com publicações na literatura especializada. Mas são os dois primeiros que revelam a linha de análise e os fundamentos da Semiótica Documental erigidos sob a Semiótica de Peirce[23]. Izquierdo Arroyo (1992, p. 39) dividiu a sua proposta de estudo em: descrição indicativa, esquema-sumário e referências adotadas. Ele sumarizou os tópicos centrais dos estudos, identificando capítulos e seções detalhadamente, possibilitando sublinhar até as matrizes teóricas escolhidas.

No tocante à Semiótica de Peirce, no eixo que trata da representação documental, o autor pontuou como primeiro trabalho necessário "Um marco semiótico para a teoria da representação". Em outros termos, apresentou uma exposição completa dos principais conceitos da Semiótica peirceana, expondo a divisão da Semiótica em Gramática Especulativa, Retórica Pura e Lógica Geral (IZQUIERDO ARROYO, 1992, p. 39-40). Isso revela uma preocupação em articular seriamente os conceitos semióticos de Peirce com a Documentação, longe de propor uma suposta e superficial interdisciplinaridade, que apenas recebe e procura aplicar o que seja possível.

A base da teoria da representação a ser estudada ancora-se na Semiótica de Peirce. Contudo, no segundo trabalho em curso, "Análise de conteúdo e representação documental", não indicou as possibilidades de síntese com a Semiótica, preferindo pôr ênfase às contribuições do Gerativismo, Semântica Estrutural, Análise do Discurso e Linguística Textual.

O segundo eixo de trabalho trata dos estudos históricos agrupados na expressão Semiótica Documental. Izquierdo Arroyo (1992, p. 44-51) relacionou

como discussões da história da Semiótica Documental a origem das seguintes problemáticas: a organização de textos, as operações de análise e síntese, a indexação, a descrição textual, a catalogação, a construção de repositórios bibliográficos, a classificação científica, a organização alfabética, a produção de glossários, dicionários, enciclopédias e tesauros, a hierarquização temática e o estabelecimento das relações associativas. Em resumo, o ensaio histórico da Semiótica Documental trataria de estabelecer um diálogo com os principais temas da análise documental de conteúdo.

No entanto, a formalização da Semiótica documental apareceu pela primeira vez no projeto docente de Izquierdo Arroyo – documento a ser apresentado em concurso público seguindo o disposto no Real Decreto n. 1427 de 1986 – redigido para admissão como professor da Universidade de Múrcia. Em entrevista concedida em 2014, Izquierdo Arroyo esclareceu que quando estava escrevendo os "Esquemas de Lingüística Documental", entre os anos de 1989 e 1990, deparou-se com o enfoque agregador da Semiótica:

> Pero el hilo conductor de mi propuesta era ya la Semiótica peirceana. Para la elaboración del trabajo Sobre la transducción, había reunido en Burgos bastante material de Semiótica y Semiología. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 111).

Conquanto, é possível inferir que seu contato com o pensamento de Peirce mais dedicado foi no final de 1970.

> Instalado en la Filosofía del Lenguaje (de

> corte más bien analítico) y en la Semiótica – acababa de leer a Peirce –, consideré que la aproximación más adecuada sería la lógico-linguística (término este que ya empezaba a aparecer en algunas publicaciones recientes de entonces). A ello obedeció el titulo y orientación del libro Concepción lógico-linguística de la Documentación. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 111).

O contato com a obra de Peirce deu-se prematuramente em uma disciplina durante os estudos de graduação (licenciatura) em Filosofia, na Universidade Pontifícia de Salamanca, entre os anos de 1962 e 1965, precisamente no ano de 1963, pelo professor Delgado. Segundo relato de Izquierdo Arroyo em entrevista concedida em 2014:

> [...] Delgado, nos daba un curso de Peirce en el año 63, o sea, ya te lo digo todo, o sea, era un adelantado, era un adelantado." Izquierdo Arroyo defendeu como monografia de final do curso de Filosofia, um trabalho sobre ontologia e sistema categorial de Nikolai Hartmann. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 112).

Em 1981, defendeu a tese de doutorado na Universidad Complutense de Madrid sobre história da lógica medieval, trabalho intitulado "Lógica proposicional sumulista: bases histórico-textuales", infelizmente ainda não publicado.

Antes de ingressar na Universidade de Múrcia, Izquierdo Arroyo lecionou as matérias de Literatura e Crítica Literária em Burgos, entre 1975 e 1985, depois rumou à Málaga, donde lecionou Lógica e Filosofia da Ciência na Universidad de Málaga, de 1985 a 1989.

Em 1989, foi aprovado no concurso para professor

em Documentação na Universidade de Múrcia. O concurso foi convocado através do ato administrativo da referida universidade, Resolução n. 1309, de 10 de janeiro de 1989, para formar parte do grupo de professores titulares para a Diplomatura em Biblioteconomia e Documentação. O concurso foi para a área (matéria) Análise e Linguística Documentais, contando com as disciplinas *Análisis documental*, *Lingüística documental I* (10 créditos) e *Lingüística documental II* (5 créditos). Foi este o contexto da elaboração deste projeto docente, redigido em Málaga no ano de 1989 e que nasceu uma clara definição da Semiótica Documental.

As disciplinas *Lingüística documental I* e *Lingüística documental II*, segundo consta em seu livro "Esquemas de lingüística documental" (IZQUIERDO ARROYO, 1990), juntam-se a outras disciplinas em que se trabalhavam os temas semióticos, a saber: *Seminario de Estudios I*, *Seminario de Estudo II*, *Trabalho de Fin de Curso*. Esse arranjo de disciplinas congregou as reflexões originais sobre Semiótica e Linguística no campo da Documentação no contexto da Universidade de Múrcia.

Por vezes, Izquierdo Arroyo oferecia também uma optativa chamada "Aspectos lógico-lingüísticos de la Documentación". Através dessas disciplinas foram expostas aos alunos as perspectivas da Semiótica Documental como uma disciplina que viria a subsumir a Linguística documental. Nessa mesma universidade, Izquierdo Arroyo aposentou-se em 2012, após mais de 30 anos de magistério.

As bases teóricas de Izquierdo Arroyo recobrem diversos campos das humanidades, mas com uma base

consistente em Filosofia e Letras.

> Del lado de la Documentación, me movieron alguns ideas redundantes en P. Otlet, J. Chaumier, M. Coyaud, Y. Courrier, M. Taube, J.C. Gardin, S.R. Ranganathan, D.J. Foskett, B.C. Vickery, D. Austin, De Grolier, Fugmann, I. Dahlberg y otros. Del lado de la formación en Filosofía, creo que puedo señalar tres referentes destacados, si bien menos conocidos en el ámbito documental: a) la "Grammatica Speculativa, sive De modis significandi", atribuida al Pseudo-Scoto/Tomás de Erfut – entre otros tratados de semiótica medieval -; b) los escritos lógico-semióticos de Charles Sanders Peirce (el mejor conocedor de esos tratados medievales dentro del área anglosajona); y c) el pensamiento perspectivista de don José Ortega y Gasset. (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 112).

Não se devem desmerecer as contribuições teóricas a sua formação intelectual dos pensadores Greimas, Todorov, Barthes, Kristeva, Derrida, Louis Hjelmslev, Lyons, Bühler, Jakobson e formalistas russos. Segundo Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 21), Izquierdo Arroyo pode ser considerado um filósofo, investigador que aporta contribuições no campo da Lógica formal, Filosofia da ciência e Filosofia da linguagem. Ele desenvolveu trabalhos em diversas áreas, Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014) abordaram o desenvolvimento do autor em três grandes eixos de atividades: os estudos ligados à teoria da Documentação; os estudos ligados à teoria da comunicação e Semiologia; os estudos relacionados à Semiótica documental.

> Tras su publicación em 1980 de su obra *Sobre la transducción, meditaciones semiológicas*,

> y desde sus primeras reflexiones a inicios de los 90 relacionadas con el *tratamiento documental de contenido* y el *tratamiento temático de la información*, formuló y conceptualizó, en el marco de un a semiótica estructural-funcional, su propuesta de *semiótica documental* y *definió sus modelos formales para la representación documental* y el estudio de los lenguajes documentales. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 21, grifo dos autores).

Deve-se abrir um capítulo especial aos trabalhos de Izquierdo Arroyo sobre as dimensões teóricas da Documentação, forjados sob a análise do *corpus* otletiano. Izquierdo Arroyo (1995), glosando a respeito da epistemologia da Documentação presente na obra de Otlet, pontuou que este último já destacava os movimentos de troca disciplinar entre, de um lado, a Documentação, ou melhor, Documentologia, e de outro, Linguística, Tecnologia, Lógica, Psicologia e Sociologia.

Contudo, como observa Izquierdo Arroyo (1995), Otlet avançou bastante mais em sua visão inicial das conexões disciplinares e trabalhou em muitas outras como demonstra a análise do pensamento otletiano. Assim, pode-se observar no quadro exposto por Izquierdo Arroyo (1995) que aparecem nas incursões de Otlet, nomeando-as de maneira mais atual, as seguintes disciplinas: Ciências da Linguagem, Lógica e Epistemologia, Psicologia Cognitiva, Ciências Sociais e Sociologia bibliográfica, Bibliometria e Estatística Documental, Economia, Ciência da Educação e Tecnologia documental. Desse modo, entende-se que as Ciências da Linguagem, em lugar de apenas Linguística, acolheriam as preocupações de Otlet com respeito à língua, aos códigos e à linguagem geral.

Para Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 25), Izquierdo Arroyo compilou uma proposta de teoria dos signos que estava já nos escritos de Otlet, isto quando procurou delinear os posicionamentos semióticos de Otlet.

> Éstos se insertan dentro de la teoría del signo de Otlet, considerado desde cuatro perspectivas (cifras, notación, alfabeto e imagen) y vinculadas en un sistema gráfico universal. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 25).

Izquierdo Arroyo dá às Ciências da Linguagem uma acepção mais ampla que abarcaria a Semiótica Geral. Segundo define o autor:

> […] designa tanto las requeridas al lenguaje "natural", como a cualesquiera otros sistemas de signos utilizados por el hombre. Bajo esa acepción, su marco es el de la Semiótica General, y nos ocupamos de ellas bajo la rúbrica "La Semiótica: Ciencia de los Signos" (1.311). Dentro de esas ciencias, las que se ocupan del lenguaje natural abarcan el dominio más extendido y, quizás, "básico" de la Semiótica, ya que comprenden: a) la semiótica lingüística (Semiolingüística), en su acepción más amplia; de la que nos ocuparemos bajo la rúbrica "Lingüística y Filología" (1.312); b) las más recientemente llamadas Ciencias del Texto (Translingüística o Semiótica del Discurso), de las que trataremos bajo la rúbrica "Retórica y Estilística" (1.31212), y c) en su dimensión estética (artística), las ciencias de la Literatura; que se tratan bajo el epígrafe "Literatura" (1.313). (IZQUIERDO ARROYO, 1995, p. 229).

Para o autor, Otlet citou poucas referências de linguistas para desenvolver suas ideias sobre Ciências da Linguagem, e não chegou mesmo a citar a obra capital de Saussure. Izquierdo Arroyo, no intento de atualizar

o espectro de preocupações de Otlet, propõe como primeiro nível das Ciências da Linguagem, a Semiótica de extração peirceana. De acordo com Izquierdo Arroyo (1995, p. 233), Otlet se referia a estes campos apenas com as expressões "los signos en general" ou "teoría general del signo". Para confirmar que em Otlet havia uma teoria dos signos, no que tange as preocupações com os signos não linguísticos, Izquierdo Arroyo (1995, p. 236) aludiu a uma tipologia dos signos desenvolvida por Otlet, a qual classifica signos orais, signos escritos (ideografia, alfabeto, notações, formulas etc.) e signos imagéticos (desenho, gravuras, fotografia, diagramas, mapas etc.). Desse modo, dever-se-ia considerar o problema semiótico e não meramente o linguístico, já constando na origem da Documentação, desde a perspectiva de um de seus principais pioneiros, Otlet.

Na Universidade de Múrcia, Izquierdo Arroyo, além das disciplinas já mencionadas que funcionaram como laboratório para os experimentos e sistematização da Semiótica documental, vale a pena registrar o papel do grupo de pesquisa que leva este nome SemioDoc (Semiótica Documental). Fundado em 1991 junto à Universidade de Múrcia, o grupo funcionou como "comunidad de práctica investigadora y docente [...]", que, segundo Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 30), o grupo abordou os seguintes temas: semiótica documental descritiva, modelos de tratamento documental do conteúdo, gestão de linguagens documentais, taxonomia, teoria da classificação, pragmática documental da representação e reconhecimento, gramáticas gerativas aplicadas à

estruturação textual, sistema de processamento de discurso, modelos e técnicas de resumo, tratamento semântico de documentos icônicos e digitais etc. Somente por esta lista pode-se constatar a amplitude do espectro temático da Semiótica documental[24].

De acordo com Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 27), o livro de Izquierdo Arroyo, "Esquemas de lingüística documental", é um material obrigatório na discussão teórica da análise documental de conteúdo e da Semiótica Documental:

> Constituye una monografia de referencia obligatoria en los estudios sobre análisis documental de contenido y su herramienta específica: los lenguajes documentales. En ella se asientan las bases de la concepción científica de la LD, como disciplina teórico-práctica que se plantea el almacenamiento racional y ulterior recuperación del contenido analítico de cualesquiera documentos (definición pragmática). (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 27).

A Semiótica Documental assenta-se marcadamente na concepção semiótica de Peirce e na divisão das dimensões da semiose desenvolvida por Morris. Contudo, a estruturação da Semiótica documental toma como pressuposto o problema lançado por García Gutiérrez, a saber: o problema da Linguística Documental, o qual deveria ser enfrentado nos primeiros anos da década de 1990 por todos os especialistas em Documentação que se ocupam da análise e sistematização do conteúdo informativo.

Na obra "Esquemas", a Linguística documental foi definida rigorosamente, em termos pragmáticos e

semânticos por Izquierdo Arroyo. Segundo o autor:

> La Lingüística Documental (LD) es una disciplina teórico-práctica que se ocupa del problema que plantea el almacenamiento racional y ulterior recuperación del contenido analítico de cualesquiera documentos. Su propósito (Fin) es resolver dicho problema mediante (Gact) agentes cualificados y especializados (Ag) que se sirven sistemáticamente (Sist) – corporativa e institucionalmente (Org) y en régimen normalizado – de unos medios semióticos (Med) llamados 'lenguajes documentales'. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 36).

> No me atrevería, sin embargo, a calificarla, sin más, como una ciencia en el sentido moderno de la palabra; por cuanto su "estatuto científico" adolece aún de la falta de sistematización metateórica que vienen logrando otras disciplinas. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 41).

> La LD está en vías de constitución científica. Distendida, por el momento, teóricamente en un conjunto de modelos (sistemas linguístico-documentales), se mantiene ya como un Arte o bien como una Técnica (mejor, quizás, Artes o Técnicas) para el control semiótico de los contenidos documentales. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 41).

Esses fragmentos são muito sugestivos ao problema encontrado no final da década de 1980 e que exigiu um tratamento teórico. Isto é, diagnosticar a situação e a natureza epistemológica da Linguística documental. Entre outras coisas, é uma disciplina teórico-prática voltada à recuperação do conteúdo dos documentos; porém falta de sistematização em seu estatuto científico e características técnicas para o controle semiótico do conteúdo dos documentos. Na sequência, descrever-se-á

o panorama da Semiótica Documental, tal como pensada por Izquierdo Arroyo.

Examinando com mais acuidade, Izquierdo Arroyo (1990a) apontou as características do objeto desta disciplina:

> Ese objeto es algo de carácter semántico – el llamado "contenido", no muy felízmente – o semiótico, y por tal, distinto del plano material o "físico" o meramente "expresivo" (plano hjelmsleviano de la expresión). (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 42).

Para o autor, a disciplina não se confunde com análise documental, pois considera esta expressão apenas voltada à descrição bibliográfica ou física dos documentos.

No que respeita a base teórica, como foi explicitado anteriormente, a Semiótica documental deriva da concepção semiótica, em primeiro lugar, de Peirce, e em segundo, de Charles Morris.

> Por tal entiendo algo más que un simples tratamiento "lingüístico", en el sentido próprio de este término en el uso y mención que de él hace la Teoría General del Lenguaje. El adjetivo "semiótico" (que provisionalmente puede leerse como "lógico-lingüístico") lo utilizo en la acepción promovida por Ch. S. PEIRCE; para quien la Semiótica (Semeiotic) aúna ternariamente las perspectivas de Gramática (aspecto lingüístico propiamente tal), la Lógica formal-material (aspecto lógico) y la Retórica, peculiarmente entendida por nuestro autor (aspecto comunicativo y pragmático). Con ello quiero también significar que – en consonancia con la teorización de Ch. MORRIS -, dicho tratamiento semiótico se mueve en tres dimensiones que bien se conocen: sintáctica, semántica y pragmática. Y subrayo la primera por cuanto entiendo que en si falta de consideración decidida radican

> los principales problemas de los lenguajes documentales más en uso. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 43).

A observação de Izquierdo Arroyo explica tanto as bases quanto o nível dos problemas em Documentação. Nesse caso, sobressai-se o grupo de problemas sintáticos. Diferente da Linguística documental que se alinha à Linguística geral, apesar da notória influência linguística a Semiótica Documental recorre à Semiótica geral de Peirce para projetar seus ramos e colocar os problemas de tratamento do conteúdo na Documentação sob este quadro de análise. Desenvolvendo um pouco mais a reflexão sobre a disciplina e apropriando-se das dimensões da semiose de Morris, Izquierdo Arroyo destacou alguns desenvolvimentos históricos da disciplina.

> a) Fase pragmática. Con exclusividad centrada en el problema práctico que plantea el tratamiento específico, mas sin propósitos semánticos conscientes, y menos aún sintáticos. b) Fase semántica; que es la que da nascimiento científico a nuestra disciplina, desde las primeras Clasificaciones Bibliográficas o sistemas jerárquicos. c) Y fase sintáctica. Iniciada con los lenguajes de coordinación, adensada en los de descriptores controlados y jalonada – que sólo eso – con los llamados lenguajes "de estructura sintática". Fase, pues, que protagoniza la actual LD, con sus problemas aún para resolver. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 44).

Izquierdo Arroyo (1990a, p. 46) é tributário a García Gutiérrez, pois este lançou à Documentação a questão do campo Linguística documental, contudo propõe Izquierdo a abertura da acepção empregada à disciplina, resultado da reflexão e questionamento

do rótulo até então utilizado. Depreendem-se dos argumentos de Izquierdo Arroyo as seguintes considerações: os documentos, de longe, não se limitam mais ao escrito-textual, dada a abundância e a variedade dos suportes documentais; não se vinculam unicamente à tradição linguística, mas lógico-linguística; as questões semântica e pragmática mobilizam outros conhecimentos que não os tradicionalmente utilizados pela Documentação de recorte linguístico; e trabalha-se com uma multiplicidade de códigos e de processos de tradução inter e entre códigos na Documentação; nesse sentido, já se está há algum tempo em um campo semiótico por excelência. Segundo esta perspectiva, não seria mais que adequado renomear e redefinir a disciplina Linguística documental, e projetar um campo mais robusto e coerente com as novas práticas de pesquisa e desenvolvimentos da Documentação.

De acordo com Izquierdo Arroyo (1993, p. 200), a Semiótica Documental é o marco acolhedor das denominadas Ciências do Texto em sua aplicação ao tratamento documental. Por texto, Izquierdo Arroyo (1993, p. 201) definiu a representação física do discurso, escrito ou oral, e por Ciências do Texto compreende pelo menos a Linguística textual e as Ciências Cognitivas.

A definição de Semiótica tem como intenção principal reconstituir o papel da tríade recordada pelo autor de expressão/conteúdo/referente. Para constituir a Semiótica documental, o autor propôs substituir a Linguística textual, por esta não cobrir os três planos por completo: o plano de expressão (as palavras), o plano do referente (as coisas), e a base mediadora entre

língua e mundo referido, o discurso ou plano de conteúdo (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 202). Como observado, a proposição da Semiótica Documental ressalta a necessidade de uma leitura dos três planos, portanto, confere à teoria triádica do signo uma importância capital.

A substituição de Linguística por Semiótica, na expressão "Linguística textual", parece oportuna para cumprir o domínio objetivo e a metodologia. Além disso, assumindo a Semiótica peirceana como matriz, tal como se depreende da análise dos conceitos de Peirce utilizados por Izquierdo Arroyo (divisões da lógica, signo, segunda tricotomia, interpretante, realidade, mundo e coisa), o autor Izquierdo Arroyo (1993) afirma que a substituição se justifica porque a Semiótica cobre todos os tipos de signos, em que representam o discurso e podem ser símbolos, ícones e índices, entretanto, apenas o símbolo seria classificado como signo linguístico.

Em resumo, o autor concluiu o argumento sustentando que a Linguística não cobria a totalidade dos signos, essa tarefa é plenamente cumprida pela Semiótica (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 202). Tal argumentação é coerente e se mostra eficaz dada a abrangência pretendida, por isso, adotou Semiótica para o lugar de Linguística como pano de fundo epistemológico.

O texto em si, na definição da Semiótica textual, localiza o objeto junto às dimensões da semiose: pragmática, sintática e semântica (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 203). O texto está no plano de expressão, e para o autor um texto não significa nada sem os atores e os contextos. O referente é definido pelo autor como um

mundo de conteúdos, daí decidiu substituir Semiótica do Texto por Semiótica do Discurso. O referente no contexto da Semiótica do texto não trata do mundo de objetos, estado de coisas ou acontecimentos, tal como é para as ciências físico-naturais; também não é um mundo de expressões, como para as ciências da palavra. O referente está no mundo de conteúdo, por isso, a Semiótica enfoca o conteúdo, isto é, o discurso, o qual se difere do texto, ou seja, no plano de expressão. Portanto, propõe substituir a denominação Semiótica do texto por Semiótica do Discurso (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 203), com uma acepção particular de referente. Ressalta-se mais uma vez que a Semiótica Documental projeta-se como mais ampla que a Linguística Documental, pelas razões elencadas anteriormente.

Tal disciplina, um tipo de Linguística documental estendida, agregar-se-ia a atual análise documental (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 46-47). Por conseguinte, o autor estabelece uma divisão externa ou cruzamento de disciplinas, ou mais propriamente relações disciplinares. Izquierdo Arroyo (1990a) entendeu a Linguística como Ciências da Linguagem que contemplaria a Linguística geral, a Semântica estrutural, a Lexicologia, a Lexicografia, a Gramática, ou sintaxe, lógica, a Terminologia ou Onomasiologia, as Ciências do texto e contexto (Textolinguística) e a Análise do discurso. Segundo apontou: "Todas ellas proporcionan bases teóricas para el desarrollo de nuestra disciplina, aunadas por la Semiótica (o Semiología), que está en su substrato." (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 53).

Outras relações disciplinares derivam do campo

das Ciências Formais, isto é, Lógica Simbólica, Lógica Matemática e disciplinas correlatas Lógica Matemática, Linguística Matemática, Lógico-Linguística e teorias formais como teoria de Grafos e Teoria de Jogos. A Semiótica documental também guardaria estreita relação com o campo teórico da Ciência da Ciência (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 54), ter-se-ia assim as aportações da Teoria e História da Ciência, Filosofia da Ciência, Metodologia da Pesquisa Científica, Técnicas de Investigação e Criação Científica, Teoria da linguagem científica, Terminologia normalizada, Sociologia da Ciência e Psicossociologia da Ciência.

A Semiótica documental contaria com apoio da Teoria da Informação e da Teoria da comunicação (já presentes na Documentação). Desde a Informática pode-se citar: Inteligência Artificial, Tecnologia de automação, Teoria da codificação, Documentação automatizada, e do lado da Documentação, naturalmente figuram a Ciência da Bibliografia, Bibliologia e Biblioteconomia.

A "Linguística documental estendida", ou "Semiótica documental" pertenceria à teoria geral da Documentação (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 49, p. 54). Talvez isso significasse que a Semiótica Documental, longe de ser um espaço de aplicações e experimentações semióticas, foi mais bem uma perspectiva particular da Documentação face os problemas do tratamento documental de conteúdo que atingem várias disciplinas e profissões. Assim, a Semiótica Documental poderia ser considerada um ramo da Documentação que ofereceria soluções aos problemas de tratamento de informação a outros campos, ao mesmo tempo em que se concentrariam

esforços nos problemas gerais ligados ao processamento da linguagem na sociedade.

Contrastando a Semiótica documental com a Linguística documental, nota-se um descompasso dessa última com problemas não linguísticos – mas da linguagem – que foram potencializados com o uso de documentos imagéticos, audiovisuais e da hipermídia. De um ponto de vista conceitual e interno, a Linguística documental estendida – entenda-se Semiótica Documental – dividir-se-ia, segundo Izquierdo Arroyo (1990a, p. 56), a partir do critério de grau de teorização.

Nesse sentido, figuram na Semiótica documental como prefere Izquierdo Arroyo, a Linguística Documental Teórica, a Linguística Documental Normativa, a Linguística Documental Aplicada ou Técnica. A disciplina seria ao mesmo tempo teórica, técnica e normativa. São três dimensões ou aspectos que perpassam seu conteúdo.

> 1) Es una teoría, en la medida en que especula (en subsidio de la praxis) sobre un determinado objeto que asimismo lo es de la Teoría de la Documentación (DOC).
>
> 2) Es una técnica o actividad práctica sistematizada – mediante instrumentos "ad doc"; o, en terminología menos común ahora, un Arte.
>
> 3) Se mueve en el ámbito transindividual, propio de la organización colectiva y normada. Es decir, la satisfación de su objeto mediador (el tratamiento semiótico) sería <u>racionalmente</u> inviable de no mediar una Normalización que regulara las distintas actividades de los distintos agentes individuales o corporativamente unificados (Servicios y Centros de tratamiento lingüístico-documental). En otros términos, esta disciplina presenta el carácter de Normatividad que encontramos en otras tales

> como la Ética, el Derecho y, en algún nivel, la Gramática lingüística. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 39-40).

Esse aspecto também foi ressaltado por Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014, p. 27). A definição de tratamento documental entendido por Izquierdo Arroyo (1990a, p. 55) compreende tanto os aspectos físicos quanto os de conteúdo do documento, não obstante, apenas este último seria objeto da Semiótica documental. É justamente dentro deste recorte epistemológico que se encontra o salto qualitativo da Semiótica documental, o de considerar os processos de semiose em Documentação como o centro do debate. Pelo que se tem consultado, foi o primeiro autor a usar a expressão "semiose documental" de uma maneira clara e bem fundamentada. Solicita-se permissão para expor os seguintes fragmentos:

> Sin embargo - aunque académicamente he apostado ya por la denominación "Lingüística Documental" - me inclino a proponer para nuestra disciplina una denominación más abarcadora de sus propósitos: SEMIÓTICA DOCUMENTAL. Así nombrada, aparecería como una especificación disciplinar de la Semiótica general, y habría de entenderse como ciencia que estudia la semiosis documental. El la concepción de PEIRCE y MORRIS, entre otros, la semiosis es el proceso de comunicación general de que se ocupa la Semiótica, y en él los signos se consideran em sus tres vertientes: sintáctica, semántica y pragmática. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 63-64).

> En la medida en que la Semiótica se ocupa del estudio de cualesquiera procesos de semiosis (y no ya únicamente de los procesos que enfoca la Lingüística), la presencia de esse término

> en la expresión "Semiótica documental" parece más acertada. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 65).

> La semiosis documental es justamente la semiosis del "arte aplicada" consistente en el almacenamiento y búsqueda controlados de los contenidos documentales. Esa peculiar semiosis – así denominada – se satisface y cumple merced a determinados "lenguajes especializados": los lenguajes documentales." (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 65).

> Consiguientemente, ya que el proceso documental es un proceso de comunicación, aparece como proceso de semiosis. En él los documentos (primarios y secundarios) son vehículos sígnicos que hacen posible el intercambio. (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 65).

Semiótica documental seria a opção mais adequada, segundo o autor, dado o contexto e a natureza dos problemas enfrentados pela Documentação. Entre as aulas programadas no projeto docente, destacam-se as lições previstas para o conteúdo semiótico. É este o caso, por exemplo, da lição 9, em que se pretende discutir a teoria da representação, da lição 12, que apresenta o conceito de signo documental (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 226), além da lição 14, intitulada "Semiosis y función del lenguaje documental" (IZQUIERDO ARROYO, 1990a, p. 227). Há também referências claras à tradição francesa, em especial, Barthes e Greimas, o que ilustra também o exposto anteriormente sobre a influência francófona na teoria linguística e na semiologia no contexto espanhol.

A definição pragmática já considera como meios semióticos as linguagens documentais, o que realmente

é um avanço conceitual dado que somente se iria estudar Semiótica detidamente em Documentação, apenas uma década mais tarde.

Infelizmente esta obra não foi divulgada na época de sua publicação na literatura científica da Documentação nos países sul-americanos, e nos estudos da Documentação de língua portuguesa, em especial, no contexto brasileiro. O alinhamento epistemológico da Semiótica documental aos novos tempos e à nova Documentação já estava sistematizado. A substituição terminológica da Linguística documental daria lugar, por uma questão lógica, à Semiótica documental.

Porém, o que se sucedeu foi a disseminação e o uso da expressão Linguística documental pela comunidade de especialista em Documentação, principalmente no Brasil, quando as condições objetivas (avanços tecnológicos, advento de novos códigos, integração das mídias etc.) e os temas de investigação já exigiam uma reformulação radical, em razão das aproximações com a Semiótica.

Nesse sentido, é possível que a falta de acesso aos escritos de Izquierdo Arroyo em outros países tenha dificultado a divulgação de suas ideias e permitido a Documentação continuar com esta abordagem. Como exemplarmente mencionava Izquierdo Arroyo, a respeito da necessidade de avançar nos estudos interdisciplinares e olhar a outras direções: “Para saber lo que ocurre en el ascensor, es preciso salir del ascensor” (IZQUIERDO ARROYO, 1993, p. 199).

As contribuições de Izquierdo Arroyo estão relacionadas menos a uma perspectiva estrutural da Semiótica que uma assimilação crítica da Semiótica de

Peirce. Por essa razão, é uma original visão peirceana, que se soma aos contributos linguísticos, aplicada ao campo da Documentação. Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014) denominam esta corrente como "nova perspectiva", observação da qual se está de acordo:

> El posicionamiento ante una nueva perspectiva, la *semiótica documental*, dentro de un campo del saber fuertemente institucionalizado por aquel entonces com arraigada tradición francófona, la linguística documental. En este punto, subrayamos la apuesta edificadora de Izquierdo com una rica sistematización teórica y metodológica, a partir de la combinación de teorías y conceptos linguístico-semióticos y filosóficos, entre otros. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 22, grifo dos autores).

Salienta-se que os estudos do autor não se restringem à Semiótica, mas tratam de tematizar epistemologicamente vários pontos da Documentação, com vistas a fundamentá-la. Moreno Fernandez e Izquierdo Alonso (2014) também explicam que a Semiótica documental pode ser entendida como Linguística documental *lato sensu* ou estendida.

> La *semiótica documental* (linguística documental *latu sensu*) es el telón de fondo sobre el que el microtratamiento se proyecta em las tres dimensiones peirceanas (linguística, lógica y. comunicativo-documental). Los dos primeros traen aspectos teóricos e históricos de la Semiótica documental: representación del contenido, descripción documental, operaciones y lenguajes micro-documentales y sistematización lexicográfica. (MORENO FERNANDEZ; IZQUIERDO ALONSO, 2014, p. 24).

Esta visão, apesar da menção a Linguística, mostra

como a proposta ultrapassou os limites estruturalistas impostos à explicação da linguagem na Documentação. A base fundamental da abordagem semiótica de Izquierdo Arroyo estava já presente em seus trabalhos da década de 1980, como “Sobre la transducción: meditaciones semiológicas”.

A Semiótica Documental, como exposto, seria o marco acolhedor das preocupações do tratamento documental do conteúdo, abarcaria conjuntamente Linguística, Ciências Cognitivas e Ciências da Comunicação, incluídas como ramos da Semiótica geral. Para tanto, tomaria como objetos os diferentes planos (expressão, conteúdo e ontológico), diferentes códigos e os processos de interpretação – “[...] el “contenido”, el emisor/receptor, en tanto que espacio sócio-cognitivo del interpretante (Peirce)” (IZQUIERDO ARROYO, 1992, p. 202) –, e teria como fundamento o campo intermediário entre Lógica e Linguística, que hoje está subsumido à Semiótica geral.

Izquierdo Arroyo (1992, p. 204) ressaltou a necessidade de reintroduzir a Semiótica documental e o tratamento documental de conteúdo como núcleo de investigação. Seu objeto seria o conteúdo tratado pela Documentação, e não a sua forma. Esse dado merece uma breve reflexão, pois as formas também requerem um tratamento semiótico, ainda que fosse central para a recuperação da informação concentrar-se no significado da mensagem.

O trabalho de Izquierdo Arroyo em Semiótica documental, a despeito de o nível avançado de sistematização, ainda deixou pontos a avançar e exigirão dos especialistas em Documentação propostas coerentes

para seu desenvolvimento. Em outras palavras, o projeto de uma nova disciplina, mais propositiva, isto é, que ofereça conhecimentos a outros campos e não somente os aplique às demandas da Documentação.

Izquierdo Arroyo tem chamado a atenção da Documentação para o problema da variedade de códigos que se apresentava já final dos anos 1980 e para o qual não se tem ainda uma teoria coerente ou abordagem disciplinar unificada na área. Ainda se atua como se o problema do conteúdo fosse apenas uma questão de tratamento textual, e o que não possui essa característica simbólica deveria adaptar-se, quando, em realidade, os diversos códigos, além dos signos icônicos e indiciais, já reclamavam um espaço próprio no consumo de informação pela sociedade.

Izquierdo Alonso e Izquierdo Arroyo (2014, p. 116) argumentam que as coleções orais e os documentos icônicos, as imagens, não têm tratamento adequado. Esse é um dos desafios atuais da Documentação, em especial, da Semiótica documental, pois os documentos imagéticos e sonoros exigem competências que estão além da teoria linguística.

Por outro lado, deve-se destacar, à luz da influência de Otlet, a concepção de Izquierdo Arroyo sobre o papel propositivo da Documentação e, consequentemente, da Semiótica documental. Nota-se que muitos objetos de investigação e soluções aplicadas às distintas áreas foram tomados de outros saberes. Assim, o nível de influência da Documentação tem diminuído, uma vez que, em sua especificidade enquanto disciplina se aceita que seu papel é mais reativo frente aos problemas de informação e de

prestação de serviços. Contrariamente, quando se segue a perspectiva de Otlet e Izquierdo Arroyo, defender-se-ia um papel mais propositivo e arrojado.

Um ponto fundamental a explicar é em que medida a Semiótica Documental abrangeria os conceitos semióticos elencados para se compreender as linguagens documentais. Com efeito, a Semiótica Documental seria constituída por um complexo de disciplinas e de correntes teóricas, o que torna uma tarefa hercúlea reunir, além da contribuição central da Semiótica peirceana, as várias teorias. Será um desafio nos próximos anos articular as teorias recentes de tratamento do conteúdo com a Semiótica documental de Izquierdo Arroyo, de modo a constituir uma narrativa ampla que explique as questões centrais do tratamento da linguagem na Documentação, sem voltar-se aos reducionismos que vigoram nas aplicações atomizadas que se encontram a miúde.

Seguramente, a Semiótica Documental poderia estudar ainda, além do tratamento documental de conteúdo, a concepção de linguagens documentais, valendo-se de conceitos semióticos úteis a estas, tais como: signo, semiose, interpretante e experiência colateral. Desse modo, estariam subsumidas à Semiótica Documental, tanto a Análise Documental de Conteúdo quanto à Linguística Documental propriamente dita.

A obra do professor Izquierdo Arroyo no campo da Documentação espanhola e, em especial, da organização do conhecimento, pode ser caracterizada como a principal contribuição teórica dessa escola no campo da Semiótica, ainda que suas ideias não tenham sido totalmente disseminadas. Colabora com esse argumento

a profundidade e a sistematização dos temas tratados, a relevância dos teóricos da linguagem estudados e aplicados à Documentação, o procedimento exegético-hermenêutico empregado na análise dos clássicos e o nível de reflexão teórica sobre a Documentação como um todo. Talvez, o principal legado para a Documentação na Espanha seja o programa de estudos deixado pela Semiótica Documental, o qual deve ser retomado com urgência.

Izquierdo Arroyo desbravou um caminho para trabalhos mais voltados à pragmática, estes incluídos em um ramo da Semiótica documental. Nesse sentido, podem-se citar os trabalhos de Izquierdo Alonso. A autora acompanha os princípios de Izquierdo Arroyo e pode classificar estes interesses mais voltados à pragmática documental. Em uma exposição sobre a análise documental, apresenta o núcleo teórico deste campo:

> El Tratamiento Documental de Contenido (TDC) utiliza como marco de referencia los modelos lingüísticos destacados em cada momento, desde el estructuralismo al generativismo, y desde éste a las modernas corrientes de la pragmática, el análisis del discurso, la sociolingüística o la psicolingüística. (IZQUIERDO ALONSO, 2000, p. 144).

Os trabalhos de Izquierdo Alonso (2000, 2004), Izquierdo Alonso e Sánchez Domínguez (2011), Izquierdo Alonso e Moreno Fernandez (2009), também retomaram as bases teóricas desenvolvidas por Izquierdo Arroyo, não obstante, voltaram-se ao tratamento do resumo e à análise documental com ênfase à perspectiva

pragmática. Por essa razão, pode-se afirmar que não assumiram uma linha semiótica *ipsis litteris* e têm seguido uma abordagem pragmática que, ao fim e ao cabo, relaciona-se aos fundamentos peirceanos através da Semiótica de Morris.

De um ponto de vista institucional, é bom que se diga que a disciplina Semiótica Documental não logrou o êxito esperado, assim como a própria Linguística Documental, como um rótulo teoricamente agregador, na medida em que não se constituiu como disciplina nos currículos dos cursos de diplomatura e licenciatura em Documentação. No que tange esse problema, apesar das propostas arrojadas de Linguística Documental e Semiótica documental, estas não foram adotadas como pertinentes aos colegas e não refletiram de maneira patente nos currículos e nas linhas de pesquisa na Documentação na Espanha, o que atomizou as contribuições científicas nessa direção.

Em resumo, é possível sublinhar as palavras de um dos entrevistados sobre a contribuição de Izquierdo Arroyo que representa um pouco significado obtido pela Semiótica Documental:

> Bueno, aquí hay una cosa que es muy clara: de la semiótica documental el primero y último en hablar hasta el momento ha sido José María Izquierdo. El primero en hablar de semiótica documental y, hasta donde yo sé, el último es el profesor José María Izquierdo Arroyo, eso es algo sin discusión, por lo menos yo así lo veo. Y el primero en hablar de lingüística y lingüística documental aplicada a la documentación fue el profesor Antonio Luis García Gutiérrez, luego siguió con esos enfoques el profesor José María Izquierdo para acabar dando una perspectiva

> más amplia, la de semiótica documental, pero fuera del marco teórico establecido por José María, realmente no ha habido más investigadores en España que desarrollen esos trabajos. (ENTREVISTADO 13).

Examinando o levantamento dos currículos dos cursos de diplomatura em Biblioteconomia e Documentação, Sánchez Casabón e Ubieto Artur (1994, p. 49-50) trataram dos eixos essenciais do currículo, apontando que na matéria denominada "Análise e Linguagens Documentais", a única faculdade a manter uma disciplina com o nome "Linguística documental" foi mesmo, como já citado, a Universidade de Múrcia, disciplina da qual estava a cargo Izquierdo Arroyo.

Assim, agregam-se elementos à análise do histórico da Linguística Documental, reportando a aspectos não completamente observados por Tálamo e Lara (2006) e Lara e Tálamo (2007), pois quando enfocaram esse movimento, resgatando as características da Documentação na Espanha na década de 1980, as autoras não ofereceram uma ideia precisa da projeção e impacto da Linguística Documental na própria Espanha. Uma epistemologia histórica da Linguística e da Semiótica documental não poderia ocultar os fatos que não permitiram a implementação, tanto da Linguística Documental quanto da Semiótica Documental. A análise dos depoimentos também aportará dados importantes à dificuldade de relacionamento disciplinar e de concepção semiótica, o que impactou na aceitação dessas propostas.

Por fim, deve-se registrar que a Semiótica Documental demonstrou cabalmente que os problemas da Linguística documental deveriam ser bem outros,

mais condicionados à realidade da informação e aos códigos utilizados. Os problemas atribuídos à Linguística documental, acredita-se, já surgiram defasados no tempo e parece que apenas Izquierdo Arroyo notou esse fenômeno.

Com a análise introdutória elaborada neste capítulo acredita-se que se poderá avançar na compreensão das ideias de Izquierdo Arroyo, pelo menos no Brasil, e responder a precisa constatação de Lara (2014): "No Brasil, o acesso aos textos de Izquierdo Arroyo é bastante incompleto, e essa é uma das razões pela qual sua produção é pouco conhecida".

7
Algumas Palavras Finais

A Documentação na Espanha como se pôde verificar produziu muitos avanços desde o surgimento institucional dos cursos de graduação na década de 1980. Relativamente ao campo da organização da informação e do conhecimento, nas duas últimas décadas nota-se um incremento da produção científica, a qual avançou em quantidade e qualidade.

Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011, p. 105) examinaram o desenvolvimento da pesquisa em organização do conhecimento durante o período de 2002 a 2010, e compararam a presença de publicações de autores espanhóis em bases de dados (ISI, LISA, Dialnet, ISOC, atas ISKO) com um estudo anterior que avaliou o período de 1992 a 2001. Os autores concluíram que a produção científica consolidou-se em relação ao período anterior porque houve um aumento do número de publicações e uma renovação das autorias, uma maior interdisciplinaridade, maior qualidade dos trabalhos e visibilidade internacional comparada com os resultados anteriores, além da elevação da qualidade da produção espanhola pelas publicações em periódicos estrangeiros.

Entre as três universidades mais produtivas,

também investigadas no referido estudo, encontram-se a Universidad Carlos III Madrid, a Universidad de Granada e a Universidad de Zaragoza. No que se refere aos autores mais produtivos em organização do conhecimento, o estudo listou os seguintes nomes: Moreiro Gonzalez, López-Huertas e García Marco (MONEDA CORROCHANO; LOPEZ-HUERTAS PÉREZ; JIMÉNEZ CONTRERAS, 2011). Os pesquisadores em organização do conhecimento também estão entre os principais colaboradores com a pesquisa em Semiótica.

As mudanças estruturais que influenciaram a pesquisa em organização da informação e do conhecimento talvez expliquem as dificuldades sofridas pelas investigações em Semiótica e a dissuasão de pesquisadores pelo tema. Nesse sentido, Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011, p. 93) comentaram como fatores intervenientes na pesquisa em organização da informação e do conhecimento a adaptação dos currículos ao espaço europeu, o novo modelo de acesso às vagas de professores com mecanismos de credenciamento e o sistema de avaliação com periodicidade de seis anos (*sexenios*).

Esta pesquisa confirma os resultados obtidos por Guimarães, Sales e Grácio (2012), mas tentou aprofundar a explicação de uma das linhas diagnosticada pelos autores, a denominada matriz lógico-linguística da Documentação. Este livro enfocou um núcleo de pesquisa na Documentação na Espanha, e recorreu à bibliografia e a depoimentos para descrevê-lo de maneira mais qualitativa. A vantagem deste tipo de estudo é a verticalização do tema, o que revelou nuances políticas

e teóricas desta corrente, as quais, em última análise, resultariam inobserváveis pelo viés apenas quantitativo.

Como visto, as mudanças estruturais alteraram o acesso à carreira docente na Espanha, forçando-lhes a produzir com melhor qualidade. Supõe-se que com as publicações qualificadas, segundo estimaram Moneda Corrochano, Lopez-Huertas Pérez e Jiménez Contreras (2011), forçou-se a ampla concorrência entre pesquisadores. Os autores também notaram uma alteração no tipo de material de veiculação das publicações, isto é, de livros para artigos.

Esses fatores que proporcionaram a indicada mudança qualitativa na passagem dos anos 1990 para 2000, e estão agora se confrontando com uma nova realidade em que as vagas para docentes foram reduzidas drasticamente.

É um paradoxo, pois no momento mais brilhante do desenvolvimento da Documentação na Espanha, os pesquisadores agora devem concentrar-se na própria sobrevivência material. Alguns fatos simbólicos que merecem destaque: o fechamento de cursos de graduação em Documentação – um exemplo foi o da Universidad de Alcalá de Henares – e a junção de cursos de pós-graduação oferecidos com outras áreas do conhecimento, tal como o programa de pós-graduação das universidades de Zaragoza, de Barcelona e Oberta.

Sem novos quadros profissionais para a investigação em Documentação, o protagonismo de outrora está sendo substituído abruptamente por um período de estagnação ou retração, pois o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa em campos minoritários – e deve-se assumir

que a Documentação é um desses casos – que dependem da indução financeira do Estado fica comprometido, o que é dispensável em áreas estratégias e de alto desenvolvimento tecnológico que recebem amplamente o suporte do mercado e da indústria.

Esse conjunto de fatores tem revelado atualmente, senão uma tendência à diminuição, um estado negativo para as pesquisas em Documentação associada ao tema semiótico. Fato contraditório ante ao protagonismo do pensamento espanhol no campo da Documentação, altamente criativo e original.

Por outro lado, deve-se sugerir que as associações científicas como a Associação Espanhola de Semiótica poderiam se converter em um fórum que congregasse os temas da Semiótica documental e de outras abordagens semiótico-linguísticas da Documentação que se inclinam à análise textual com objetivo de representar e recuperar a informação.

Contudo, não se converteram como um espaço reconhecido como tal pelos especialistas em Documentação. O intercâmbio de ideias sobre semiótica ficou extremamente reduzido a docentes específicos. Não há contatos que podem ser notados entre os especialistas em Semiótica e Linguística Geral e os investigadores em Documentação.

A potencialização da pesquisa em Documentação na Espanha, como em outros países, depende fundamentalmente do desenvolvimento econômico, crescimento dos cursos universitários e ampliação do mercado de trabalho. Não obstante, no caso espanhol, a participação do aparelhamento estatal na regulação

do mercado de trabalho (via conselhos profissionais, credenciamento etc.) não foi determinante, promovendo assim o acirramento da competição entre profissões destinadas a ocupar o espaço de trabalho dos documentalistas.

Sob o paradigma qualitativo, a "mestiçagem teórica" promovida pela formação dos primeiros professores e áreas a compor os cursos de Documentação foi um fator determinante ao surgimento de teorias para compreensão dos problemas documentais na década de 1980 e nos anos que se seguiram. Um aspecto marcante foi o de arranjar as contribuições teóricas com a análise hermenêutica dos clássicos em Documentação, como foi o caso da brilhante exegese da obra de Otlet.

Sendo assim, houve um resgate do interesse semiótico pelos especialistas espanhóis, retrocedendo a Otlet, como ficou patente nas contribuições de Izquierdo Arroyo. Foi possível traçar uma linha de contribuições semióticas que partem de Otlet, ou mesmo antes com a Bibliologia, e continuou a ser objeto de análise até os anos 1990.

No caso particular de Izquierdo Arroyo, dentre outros, valeria a máxima de que se um pensamento não é conhecido – seja em razão da língua em que foi escrita, seja pela dificuldade de acesso à fonte –, não significa que não tenha relevância. Parece ter sido o caso das aportações de Izquierdo à Semiótica no campo da Documentação na Espanha.

Voltando às diretrizes iniciais deste livro, considera-se que as hipóteses puderam ser comprovadas. Em primeiro lugar, as contribuições semióticas dos estudos

espanhóis de Documentação voltados à organização do conhecimento ainda requeriam um melhor delineamento, principalmente sobre como os pesquisadores aportavam conceitos a esta questão. Sustenta-se que as abordagens sintetizadas anteriormente respondem ao intento de sistematização das correntes semióticas levadas a cabo na Documentação na Espanha. Em segundo lugar, puderam-se delinear as influências semióticas, em especial a Semiótica Documental, e distingui-las das influências linguísticas com maior incidência.

Ademais, mostrou-se como foi incompleta a incorporação da abordagem semiótica à agenda da Documentação, mesmo na Espanha, que se supôs mais adiantada. Ficou patente a não incorporação da disciplina Linguística Documental nos currículos de Documentação, ainda que tais temas fossem tratados na disciplina de Linguagens Documentais. E de maneira mais distante da inclusão à Documentação esteve o projeto de Semiótica Documental.

Contraditoriamente, e relembrando as palavras de Castillejo, citadas por Guy (1985, p. 10), a respeito das ideias filosóficas na Espanha - "[...] éstas han pasado al extranjero, de donde con frecuencia han vuelto posteriormente a sus orígenes hispánicos primeros, pero bajo una forma más acabada".

Assim, parece que sucedeu similarmente com as propostas semióticas, as quais apareceram de maneira mais contundente em outros países como Dinamarca (pelos trabalhos de Thellefsen), Estados Unidos (de acordo com a tese de Mai) e Brasil (com destaque ao grupo TEMMA da Universidade de São Paulo, e

especialistas como Moura e Drumond). Em casos específicos, aparentaram uma forma mais coerente e sistematizada, mas que não substitui de modo algum a originalidade das abordagens espanholas aqui examinadas.

Por fim, resta relacionar as diretrizes para a interlocução teórica, as quais foram expostas ao longo deste livro, mas que poderiam ser resumidas em algumas poucas linhas.

Em primeiro lugar, nota-se a convergência entre a maior parte dos teóricos com os temas semióticos tratados pela Linguística. Esta continua sendo o principal espaço de atração dos especialistas em Documentação, por diversas razões discutidas anteriormente: a formação anterior dos docentes antes da chegada à Documentação nos anos 1980 e início de 1990; a influência linguística da escola francesa na formação de linguistas na Espanha; a ênfase no registro de informação em código verbal, principal linguagem adotada pela ciência e pelas áreas especializadas; a articulação da análise documental de conteúdo de Gardin com a Linguística estrutural, entre outros que se podem extrair. Nesse sentido, sugere-se propor espaços de conversação com associações científicas em Linguística e Semiótica na Espanha, de modo a compensar a defasagem natural quando se afasta de uma área donde o avanço do conhecimento ocorre com mais rapidez.

Em segundo lugar, além da aproximação com as associações científicas mediante trabalhos em conjunto (caso da Associação de Semiótica que não conta com trabalhos voltados à Documentação em seu periódico),

deve-se organizar grupos de investigação no interior dos encontros científicos para o desenvolvimento da organização de conhecimento. Esses grupos poderiam reinterpretar o papel da escola espanhola na condução das pesquisas associadas à linguagem e sistematizar contribuições desse âmbito que foram colocadas em segundo plano ou que têm pouca expressão, mas possuem potencial teórico.

Terceiro, acredita-se que se deva ampliar a Semiótica documental, seguindo as diretrizes de Izquierdo Arroyo e adaptá-la às pesquisas recentes, as quais já superaram a aportação da linguística clássica à Documentação, e usam correntemente conhecimentos da língua provenientes da Linguística computacional e Ciências cognitivas. Essa refundação passaria pela fusão de áreas de interesse, abertura ao debate de conceitos básicos (língua, linguagem, código, tradução etc.), adaptação de conceitos, redefinição dos limites e correntes de pesquisa, exclusão de pseudoproblemas ou problemas de menor importância que atualmente já foram superados pelas novas tecnologias de processamento da linguagem e, sobretudo, pela revisão da função da Semiótica Documental.

Isto é, seguindo as premissas de Otlet para a Documentação, uma Semiótica Documental deve ser considerada de uma vez por todas como uma instância ativa à sociedade que oferece conhecimentos a outros campos de máxima importância ao tratamento social da informação. Um exemplo desse papel protagonista seria a revisão do espectro de interesse da Semiótica Documental, que foi sendo fragmentado por diversos

fazeres.

Atualmente não se discute por que as atividades de editoração, que são de tratamento de conteúdo dos documentos e estabelecem normas para a recuperação, não estão associados à teoria e às aplicações da Semiótica Documental, muito menos à Linguística Documental. O espaço desta disciplina não deveria estar reduzido à Documentação ou Ciência da Informação, caso isto ocorresse, sucumbiria definitivamente ao ostracismo, assim como a própria área.

Em quarto lugar, está posto o problema metodológico no tratamento documental de conteúdo na Documentação, pois se reconhece que o processamento automático da linguagem, senão resolve por completo, pelo menos agiliza os procedimentos documentais. Nesse sentido, dever-se-ia reinterpretar o papel da tecnologia da informação e da Linguística computacional à Documentação, e avaliar seus métodos e resultados, para potencializar o aperfeiçoamento de metodologias e técnicas aplicadas ao tratamento de conteúdo em bases de dados que é um processo irreversível e para o qual a área deve propor soluções se quiser ser protagonista no tratamento qualitativo da informação.

Em quinto, acredita-se ser necessário, sob os auspícios de uma Semiótica Documental, superar as barreiras disciplinares, espaços institucionais fechados e grupos de investigação e de trabalho com práticas pouco integrativas de modo a permitir que o tratamento da “forma”, isto é, a representação descritiva, converta-se definitivamente em um objeto de análise semiótica,

pois a separação existente que toma como justificativa a especialização das disciplinas modernas não cabe em uma teoria semiótica estendida.

Em outras palavras, a análise semiótica de base peirceana tomaria todo o fluxo documental e processo informacional como signo, sendo assim, haveria apenas uma separação em termos de efeito interpretativo, mas se estaria, em ambos os casos, fazendo análise formal e de conteúdo de um único processo semiósico. Em consequência, promover-se-ia uma teoria representacional mais robusta e menos atomizada.

Com essa questão epistemológica já lançada, partindo-se das ideias lançadas neste breve ensaio, dever-se-á trabalhar em futuros estudos para sistematizar as teses dessa Semiótica Documental abrangente – ou outra expressão que lhe seja mais adequada –, e que estejam respaldada nas abordagens semióticas encontradas na Documentação espanhola.

Considera-se que todo esse conjunto de experiências e histórico vivenciados pela comunidade científica em Documentação na Espanha pode servir de antecipação às politicas científicas em Ciência da Informação no Brasil que, atualmente, estão calcadas pelo expansionismo dos cursos universitários e da produção científica. No entanto, nem sempre converte-se na instauração de um campo autônomo e respeitado, seja pelo aporte teórico ou pelo impacto social.

Referências

ABAD, F. Epílogo: las ideas lingüísticas en España en el siglo XX. *In:* ABAD, F. **Diccionario de lingüística de la escuela española**. Madrid: Editorial Gredos, 1986. p. 250-268.

ABREU, J. G.; MONTEIRO, S. D. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 9-26, maio/ago. 2010.

AGENCIA NACIONAL DE EVALUACIÓN DE LA CALIDAD Y ACREDITACIÓN (ANECA). **Libro Blanco**: título de grado en información y documentación. Madrid: ANECA, 2004. Disponível em: http://www.aneca.es/var/media/150424/libroblanco_jun05_documentacion.pdf. Acesso em: 23 out. 2014.

AGENCIA NACIONAL DE EVALUACIÓN DE LA CALIDAD Y ACREDITACIÓN (ANECA). **¿Qué estudiar y dónde?** Disponível em: http://srv.aneca.es/ListadoTitulos/busqueda-titulaciones. Acesso em: 20 jan. 2015.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Análisis documental de contenido del retrato pictórico**: propuesta epistemológica y metodológica aplicada a la obra de Francisco de Goya. Cartagena: Ayuntamiento: Concejaría de Cultura, 2006a.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. El contexto educativo: el Espacio Europeo de Educación Superior y la innovación em las metodologías docentes. *In:* AGUSTÍN LACRUZ, M. C. *et al.* (coord.). **Diseño curricular y guías docentes ECTS**: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008a. Cap. 2, p. 21-37.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. *et al.* (coord.). **Diseño**

curricular y guías docentes ECTS: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008b.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. O conceito de "texto artístico" e sua relevãncia para as Ciências da Documentação. **Brasilian Journal of Information Science**, Marília, v. 0, n. 0, p. 16-49, jul./dez. 2006b.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 55-88, fev. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p55/28639. Acesso em: 27 jan. 2015.

ALMEIDA, C. C. Conceito como signo: elemento semiótico para análise e mediação da informação. **Scire**, Zaragoza, v. 18, p. 49-56, 2012a.

ALMEIDA, C. C. Desafios para uma teoria peirceana da organização da informação e do conhecimento. *In:* SILVA, F. C. C.; SALES, R. (org.). **Cenários da organização do conhecimento**: linguagens documentárias em cena. Brasília: Thesaurus, 2011a. p. 71-86.

ALMEIDA, C. C. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011b. 207p.

ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012b.

ALMEIDA, C. C. Pragmatismo e Semiótica de Peirce na organização da informação. **Scire**, Zaragoza, v. 16, p. 15-20, 2010.

ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-120, 2011c.

ALMEIDA, C. C. **Teorias semióticas no campo da documentação na Espanha**. 2017. 393 f. Tese

(Livre-docência) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/190877. Acesso em: 30 nov. 2018.

ALMEIDA, C. C. The Methodological Influence of Peirce's Pragmatism on Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, *[s. l.]*, v. 39, p. 204-215, 2012c.

ALVITE DÍEZ, M. L. El uso de vocabularios controlados en los sistemas de información jurídica: evolución y tendencias actuales de representación. **Scire**, Zaragoza, v. 18, n. 1, p. 29-39, 2012.

ALVITE DÍEZ, M. L. Las herramientas terminológicas en los sistemas de información jurídica. **Scire**, Zaragoza, v. 10, n. 1, p. 77-90, 2004.

AQUINO, M. A. (org.). **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2002.

ARANO, S. La ontología: una zona de interacción entre la Lingüística y la Documentación. **Hipertext.net**, *[s.l.]*, n. 2, mayo 2004. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-2/ontologia.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

ARANO, S. Los tesauros y las ontologías en la Biblioteconomía y la Documentación. **Hipertext.net**, *[s.l.],* n. 3, mayo 2005. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-3/tesauros.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN (AENOR). **Documentación. tomo 2 – normas fundamentales**. Recopilación de normas UNE. Madrid: AENOR, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRENA, S.; NUBIOLA, J. **Charles S. Peirce (1839-1914)**: un pensador para el siglo XXI. Pamplona: Eunsa, 2013.

BARRETO, A. A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994.

BARRETO, A. A. O tempo e o espaço da ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1,

p. 17-24, jan./jun. 2002.

BARRETO, A. A. Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. X-X, 1999. Disponível em: http://www.informacaoesociedade.ufpb.br. Acesso em: 3 maio 2004.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: USP, 1971.

BASTOS, R. L. **Ciências humanas e complexidade**: projetos, métodos e técnicas de pesquisa; o caos, a nova ciência. Juiz de Fora: EDUFJF; Londrina: CEFIL, 1999.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD**, Lisboa, n. 2, p. 84-100, 2006.

BORKO, H. Information science: what is it? *In:* Introdutory concepts in information science. Medford: Information Today: ASIS, 2001. p. 21-26. (ASIS Monograph Series).

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: http://www.enancib2008.com.br/. Acesso em: 15 dez. 2008.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, *[s. l.]*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUFREM, L. S.; SILVA, H. F. N.; BREDA, S. M. Reformulación de los fundamentos teóricos de la organización del conocimiento: bases linguísticas y culturales y estructuras de representación. *In:* **VII Capítulo Español ISKO**. Barcelona, 2005. p. 121-127.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic Monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm. Acesso em: 25 abr. 2004.

CADENAS PAZOS, C.; SALVADOR BENÍTEZ, A. Carteles de ferias y fiestas. Análisis documental e iconográfico. **Anales de Documentación**, *[s. l.]*, v. 17, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em: http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/182371/160901. Acesso em: 30 nov. 2014.

CALDERA SERRANO, J. La documentación sonora en los sistemas de información documental de los medios audiovisuales. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, [s. l.], v. 19, n. 74, p. 29-39, mar. 2004.Disponível em: http://www.aab.es/pdfs/baab74/74a3.pdf. Acesso em: 30 nov. 2014.

CALDERA SERRANO, J.; NUÑO MORAL, M. V. Etapas del tratamiento documental de imagen en movimiento para televisión. **Revista General de Información y Documentación**, *[s. l.]*, v. 12, n. 2, p. 375-392, 2002.

CÁMARA DE LA FUENTE, L. La representación lingüística del conocimiento y su relevancia en la ingeniería lingüística. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 2, mayo 2004. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-2/linguistica.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARO CASTRO, C.; SAN SEGUNDO MANUEL, R. Lenguajes documentales y exclusión social. *In:* LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J.; FERNÁNDEZ MOLINA, J. C. (org.). **La representación y la organización del conocimiento en sus distintas perspectivas**: su influencia en la recuperación de la información: actas del IV Congreso ISKO-España, 22-24 de abril de 1999, Granada. Granada: *[s. n.]*, 1999. p. 101-108.

CASTILLO, J. Aproximación a ciertas cuestiones sobre el tratamiento documental de la imagen. **Anuario**

ThinkEPI, Barcelona, v. 1, p. 84-87, 2007. Disponível em: http://www.thinkepi.net/anuario-thinkepi/anuario-thinkepi-2007#sthash.EdUIbInK.dpuf. Acesso em: 30 nov. 2014.

CASTILLO VIDAL, J. Fundamentos teoricos del analisis de contenido en la narracion secuencial mediante imdgenes fijas: el comic. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 13, n. 4, p. 248-271, 2004.

CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CENTELLES VELILLA, M. Taxonomías para la categorización y la organización de la información en sitios web. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 3, mayo 2005. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-3/taxonomias.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

CINTRA, A. M. M. Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 5-22, 1983.

CODINA, L. L. Fundamentos para la organización de un banco de fotografías**. El profesional de la información**, Barcelona, v. 9, n. 4, p. 31-34, 2000.

COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria dos signos. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CORTÉS ALONSO, V. Nuestro modelo de análisis documental. Boletín ANABAD, Madrid, v. 36, n. 3, p. 419-434, 1986.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

CURRÁS, E. **Ciencia de la información bajo postulados sistémicos y sistemáticos**. Madrid: Edición Personal, 2008.

DE LA ROSA, A. Tesauros, tesauros automáticos, tesauros automáticos online. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 8, n. 7-8, p. 4-15, 1999.

DE WAAL, C. **On Peirce**. Belmont, CA: Wadsworth: Thomson Learning, 2001.

DE WAAL, C. **Sobre pragmatismo**. São Paulo: Loyola,

2007.

DECLARACIÓN DE BOLONIA. **Declaración conjunta de los Ministros Europeos de Educación**. Bolonia, 1999. Disponível em: http://www.eees.es/es/documentacion. Acesso em: 10 nov. 2014.

DECLARAÇÃO DE SORBONNE. Paris, 1998. Disponível em: https://www.uc.pt/ge3s/pasta_docs/outros_docs/decl_sorbonne. Acesso em: 10 nov. 2014.

DELEDALLE, G. **Leer a Peirce hoy**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996.

DIETERICH, H. **Novo guia para pesquisa científica**. Blumenau: EDFURB, 1999.

DÍEZ CARRERA, C. **La biblioteca digital**. Gijón: Ediciones Trea, 2012.

DÍEZ CARRERA, C. Productos lingüísticos para los centros de información. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 16, n. 2, p. 137-146, 1993.

DOUCET, A.-V. Análisis de contenido de fotografías científicas de la naturaleza: propuesta de una plantilla. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 24, n. 1, p. 135-153, 2014.

ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

EÍTO BRUN, R.; SENSO, J. A. Minería textual. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 13, n. 1, p. 11-27, 2004.

ESPANHA. Real Decreto 912/1992, de 17 de julio. Por el que se establece el título universitario oficial de Licenciado en Documentación y la aprobación de las directrices generales propias de los planes de estudios conducentes a la obtención de aquél. **Boletín Oficial del Estado**: n. 206, p. 29800-29802, 27 de agosto de 1992. Disponível em: https://boe.es/boe/dias/1992/08/27/pdfs/A29800-29802.pdf. Acesso em: 21 out. 2014.

ESPANHA. Real Decreto 1393/2007, de 29 de octubre. Por el que se establece la ordenación de las enseñanzas universitarias oficiales. **Boletín Oficial del Estado**: n. 260, 30 de octubre de 2007. Disponível em: https://

www.boe.es/buscar/act.php?id=BOE-A-2007-18770. Acesso em 21 out. 2014.

ESPANHA. Real Decreto 1497/1987, de 27 de noviembre. Por el que se establecen directrices generales comunes de los planes de estudio de los títulos universitarios de carácter oficial y validez en todo el territorio nacional. **Boletín Oficial del Estado**: n. 298, p. 36639-36643, 14 de diciembre de 1987. Disponível em: https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-1987-27707. Acesso em: 21 out. 2014.

ESPANHA. Real Decreto 3104/1978, de 1 de diciembre. Por el que se crean en la educación universitaria las enseñanzas de Biblioteconomía y Documentación. **Boletín Oficial del Estado**: n. 8, p. 368-369, 9 de enero de 1979. Disponível em: https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1979-370. Acesso em: 10 out. 2014.

ESPELT, C. Bases teóricas en la enseñanza de los lenguejes documentales. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, 4 y 5de noviembro de 1993. Zaragoza: UNIZAR, 1995. p. 125-134. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2341324. Acesso em: 30 nov. 2014.

ESPELT, C. Improving subject retrieval: user-friendly interfaces and effectiveness. **BiD:** textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 1, jun. 1998. Disponível em: http://bid.ub.edu/01espel1.htm. Acesso em: 30 nov. 2014.

FABBRI, P. **El giro semiótico**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

FERNÁNDEZ MELLADO, R. El tratamiento documental del cartel cinematográfico. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 37, p. 11-57, 2014. Disponível em: http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/46819/43931. Acesso em: 30 jan. 2015.

FERRER MORILLO, L. M.; MENDOZA BERNAL, M. I. Carácter multidimensional de la semiotica y su representación em tesauros. *In:* **Capítulo Español de ISKO**: actas del X Congreso ISKO. Ferrol: Universidad

da Coruña, 2012. p. 303-320.

FIGUEROLA, C. G. *et al*. Algunas técnicas de clasificación automática dedocumentos. **Cuadernos de documentación multimedia**, Madrid, n. 15, 2004. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1204287. Acesso em: 30 nov. 2014.

FIGUEROLA, C. G. *et al.* La recuperación de información en español y la normalización de términos. **Inteligencia Artificial**: Revista Iberoamericana de Inteligencia Artificial, *[s. l.]*, n. 20, p. 34-52, 2003.

FRÍAS, J. A. La formación universitaria en Información y Documentación en España a las puertas del EEES: retos y oportunidades. *In:* FRÍAS, J. A.; TRAVIESO, C. (ed.). **Formación, investigación y mercado laboral em información y documentación em España y Portugal**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2008. p. 67-90.

FRIEDMAN, A.; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of Documentation**, London, v. 67, n. 4, p. 644-674, 2011.

GALVEZ, C. Aplicación de transductores de estado-finito a los procesos de unificación de términos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 67-74, set./dez. 2006. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/754/624. Acesso em: 10 nov. 2014.

GALVEZ, C. Minería de textos: la nueva generación de análisis de literatura científica em Biología molecular y genómica. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 25, 1 sem. 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p1/1251. Acesso em: 10 nov. 2014.

GALVEZ, C. Reconocimiento y anotación de nombres de fármacos genéricos en la Literatura Biomédica. **Acimed**: Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud, Cuba, 2012, v. 23, n. 4, p. 326-345.

GALVEZ, C.; MOYA-ANEGÓN, F. A diccionary-based approach to normalizing gene names in one domain of knowledge from the biomedical literature. **Journal of Documentation**, London, v. 68, n. 1, p. 5-30, 2012.

GARCÍA BERRIO, A.; VERA LUJÁN, A. **Fundamentos de teoría linguística**. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1977.

GARCÍA GUTIERREZ, A. **Análisis documental del discurso periodístico**. Madrid: CTD, 1992.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Desclasificados**: pluralismo logico y violencia de la clasificación. Rubi: Anthropos Editorial, 2007.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Epistemología de la documentación**. Barcelona: Stonberg, 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Estructura lingüística de la documentació**n. Murcia: Universidad de Murcia, 1990a.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Lingüística documental:** aplicación a la documentación de la comunicación social. Barcelona: Mitre: DL, 1984.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Pensar en la transcultura**. Madrid: Plaza y Váldes, 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Principios de lenguaje epistemográfico**: la representación del conocimiento sobre Patrimonio Histórico Andaluza. Sevilla: Instituto andaluz del Patrimonio Histórico, 1998.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Procedimientos de análisis documental automático**: estudio de caso. Sevilla: Instituto andaluz del Patrimonio Histórico, 1996.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. Suficiencia estructural y tipología de la omisión en análisis documental. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 13, p. 73-86, 1990b.

GARCÍA JIMÉNEZ, A. Una aproximació als llenguatges ¿documentals? en la web semántica. **Item**: revista de biblioteconomia i documentació, *[s. l.]*, n. 42, p. 33-50, 2006. Disponível em: http://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/71697/81933. Acesso em: 30 nov. 2014.

GARCÍA MARCO, F. J. Avances en organización del conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. *In:* GARCÍA MARCO,

F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación:** actas del II encuentro de ISKO-España. Getafe (Madrid), 16 y 17 de noviembre de 1996. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1997. p. 7-12.

GARCÍA MARCO, F. J. Bases epistemológicas del ejercicio profesional. *In:* VALENTIM, M. L. P. **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. Cap. 1, p. 9-38.

GARCÍA MARCO, F. J. Casi una década de la Sociedad Internacional para la Organización del Conocimiento en España. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del III encuentro de ISKO-España. Getafe (Madrid), 19 a 21 de noviembre de 1997. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1999. p. 7-21.

GARCÍA MARCO, F. J. Educación y aprendizaje de la información y la documentación: raíces, desafíos y líneas de acción. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 22, n. 6, p. 489-504. nov./dic. 2013. Disponível em: http://dx.doi.org/10.3145/epi.2013.nov.01. Acesso em: 13 fev. 2015.

GARCÍA MARCO, F. J. **Fundamentos de tratamiento y recuperación de la información: aspectos informacionales cognitivos y lingüísticos**. 2. ed. Zaragoza: Kronos, 2008.

GARCÍA MARCO, F. J. Reflexiones entorno a las aportaciones de José María Izquierdo Arroyo a la representación y la organización del conocimiento: ambición teórica, perspectiva humanística y compromiso académico. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 13-19, ene./jun. 2014.

GARDIN, J. C. Éléments d'un modele pour la description de lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, *[s. l.]*, v. 11, n. 5, p. 171-182, 1966.

GARRIDO ARIILA, M. R. La noción de función en la comunicación informativa. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 1, p. 133-164, 1994.

GARRIDO ARILLA, M. R. Reflexiones sobre la problemática y estado actual del análisis documental. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 17, p. 67-75, 1994.

GIL LEIVA, I. La investigación en indización y resumen en España. **Educación y Biblioteca**, *[s. l.]*, n. 83, p. 40-43, 1997.

GIL LEIVA, I. Sistema para la indización semiautomática (SISA) de artículos de revista de biblioteconomía y documentación. *In:* JORNADAS DE TRATAMIENTO Y RECUPERACIÓN DE INFORMACIÓN, II. **Anales** [...]. Madrid: *[s. n]*, 2003. p. 228-232.

GIL LEIVA, I.; RODRÍGUEZ MUÑOZ, J. V. El procesamiento del lenguaje natural aplicado al análisis del contenido de los documentos. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 6, n. 2, p. 205-218, 1996.

GIL URDICIAIN, B. Evaluación semántica y estructural de tesauros. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 8, n. 2, p. 193-199, 1998.

GIL URDICIAIN, B. Función de los lenguajes documentales en el tratamiento de la información en las organizaciones. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 2, n. 2, p. 195-200, 1992.

GIL URDICIAIN, B. Niveles de análisis documental de contenido. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v. 17, p. 77-84, 1994.

GIL URDICIAIN, B.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, R. Técnicas de recuperación de información aplicados a la construcción de tesauros. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 19-26, jan./abr. 2014.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, C. Semiotics in Spain. *In:* SEBEOK, T. A.; UMIKER-SEBEOK, J. (ed.). **The semiotic sphere**. New York: Plenum Press, 1986. Cap. 21, p. 473-484.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 60-46, jan./abr. 2003b.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. *In:* AQUINO, M. A. (org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 25-47.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: http://www.dgz.org.br. Acesso em: 12 out. 2003.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. O contrato social da pesquisa: em busca de uma nova equação entre a autonomia epistêmica e autonomia política. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, fev. 2003c. Disponível em: http://www.dgz.org.br. Acesso em: 12 out. 2003.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa trans-disciplinar. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. 1 CD-ROM.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

GONZÁLEZ GOMEZ, M. N.; GRACIOSO, L. S. Ciência da informação, pragmatismo, virtualidade. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Minas Gerais. **Anais** [...]. Marília: FFC/Unesp Publicações, 2006. 1 CD-ROM.

GONZALO GARCÍA, C.; GARCÍA YEDRA, V. **Documentación, terminología y traducción**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. Tradução: Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico**. Da modalidade. São Paulo: DIFEL: SBPL, 1976. (Monografias semióticas e lingüísticas, n. 1).

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, fev. 2010. Disponível em: http://dgz.org.br/fev10/Art_02.htm. Acesso em: 21 ago. 2013.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R.; GRÁCIO, M. C. C. A dimensão interdisciplinar da análise documental nos contextos brasileiro e espanhol no âmbito da organização do conhecimento. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, dez. 2012. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez12/Art_07.htm. Acesso em: 21 ago. 2013.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento temático da informação: elementos históricos e conceituais. *In:* RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (org). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-117.

GUY, A. **Historia de la filosofía española**. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre, 1985.

HJELMSLEV, L. T. **Ensayos lingüísticos**. Madrid: Editorial Gredos, 1972. (Estudios y Ensayos, 177).

HJELMSLEV, L. T. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. *In:* SAUSSURE, Ferdinand de *et al*. **Textos selecionados**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 183-220. (Coleção Os Pensadores, XLIX).

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, *[s. l.]*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

IBRI, I. A. **Kósmos noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992. (Coleção estudos, v. 130).

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SEMIOTIC STUDIES. **Presentation**. 2014. Disponível em: http://iass-ais.org/presentation-2/. Acesso em: 19 out. 2014.

IZQUIERDO ALONSO, M.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. Entrevista a José María Izquierdo Arroyo, realizada

por Mónica Izquierdo Alonso em Alcalá de Henares (Madrid), junio de 2014. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 109-116, ene./jun. 2014.

IZQUIERDO ALONSO, M.; MORENO FERNANDEZ, L. M. **El resumen documental**: un reto didactico. Madrid: ANABAD, 2009.

IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos enfoques en el estudio del tratamiento documental de contenido desde los presupuestos de las ciencias del lenguage. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 1, p. 143-163, ene./jun. 2000.

IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos retos en el análisis documental de contenido: gestión de la forma documental del contenido. **Scire**, Zaragoza, v. 10, n. 1, p. 31-50, ene./jun. 2004.

IZQUIERDO ALONSO, M.; SÁNCHEZ DOMÍNGUEZ, C. Los estudios de resumen documental en las ciencias de la documentación: un recorrido histórico desde sus orígenes hasta las teorías actuales. **Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas**, Valencia, v. 6, p. 209-227, 2011.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. Cuatro trabajos en curso. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 15, p. 35-65, 1992.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. De la semiótica del discurso a la semiótica documental. *In:* MORENO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias del texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III, 1993. p. 199-216.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990a. t. 1, p. 1-242.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990b. t. 2, p. 243-506.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990c. t. 3, p. 507-871.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. La ciencia de la búsqueda documental secundaría. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 13, p. 87-111, 1990d.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **La organización documental del conocimiento**. Madrid: Tecnidoc, 1995.

JÁTIVA, J. M. El CSIC alerta del tsunami que arrasa la investigación en España. **El País**, Valencia, mayo 2013. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2013/05/20/valencia/1369062048_702180.html. Acesso em: 21 jan. 2015.

LAPESA, R. Prólogo. *In:* ABAD, F. **Diccionario de lingüística de la escuela española.** Madrid: Editorial Gredos, 1986. p. 9-13.

LAPLANTE, A. Tagged at first listen: an examination of social tagging practices in a music recommender system. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 33-54, fev. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p33/28636. Acesso em: 27 jan. 2015.

LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.

LARA, M. L. G. Conceitos lingüísticos fundamentais para a organização e disseminação de informações. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

LARA, M. L. G. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 18-29, 2º sem. 2006. Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb. Acesso em: 15 out. 2006.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, set./dez. 2004.

LARA, M. L. G. Propostas de tipologias de KOS: uma análise das referências de formas dominantes de organização do conhecimento. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 89-107, fev. 2015.

Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2015v20nesp1p89/28637. Acesso em: 27 jan. 2015.

LARA, M. L. G. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. 1999. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LARA, M. L. G. Sobre "Cuatro trabajos en curso" de José María Izquierdo Arroyo. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 91-98, ene./jun. 2014.

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface Linguística Documentária e Terminologia. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, out. 2007. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out07/Art_01.htm. Acesso em: 03 abr. 2013.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

LINARES COLUMBIÉ, R. Epistemología y ciencia de la información: repensando un diálogo inconcluso. **Acimed**, Habana, v. 21, n. 2, p. 140-160, 2010.

LLORET ROMERO, N.; CANET CENTELLAS, F. Nuevos escenarios y nuevas vías de distribución de contenidos audiovisuales. **Cuadernos de Documentación Multimedia**, Madrid, n. 19, 2008a. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2952918. Acesso em: 20 fev. 2005.

LLORET ROMERO, N.; CANET CENTELLAS, F. Nuevos escenarios, nuevas formas de expresión narrativa: la web 2.0 y el lenguaje audiovisual. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 6, 2008b. Disponível em: http://www.hipertext.net. Acesso em: 01 mar. 2015.

LLORET ROMERO, N. El laberinto de la Unión Europea. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 10, n. 12, p. 60-61, dic. 2001.

LOPES, E. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Las relaciones

semánticas: su papel em la materialización de la representación y organización del conocimiento. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del III Encuentro de ISKO-España, 19 al 21 de noviembre de 1997. Getafe: *[s.n.]*, 1999. p. 57-68.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Lenguajes documentales: aproximación a la evolución histórica de un concepto. **Boletín ANABAD**, *[s. l.]*, v. 41, n. 1, p. 61-70, 1991. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/224133.pdf. Acesso em: 30 nov. 2014.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Lenguajes documentales: terminología para un concepto. **Boletín ANABAD**, *[s. l.]*, v. 41, n. 2, p. 171-188, 1991. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=902950&orden=1&info=link. Acesso em: 30 nov. 2014.

LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J. Sobre el diseño de tesauros: algunas reflexiones teóricas y metodológicas. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**: actas del II Encuentro de ISKO-España, 16 al 17 de noviembre de 1995. Getafe: *[s.n.]*, 1997. p. 87-98.

LÓPEZ YEPES, A.; SÁNCHEZ GAY, F. Bancos de imágenes: fototecas en medios de comunicación. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 2, p. 227-237, 1994.

LÓPEZ YEPES, A.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, R.; PÉREZ AGÜERA, J. R. Tratamiento de la documentación audiovisual en el entorno digital: iniciativas de metadatos y lenguajes de descripción multimedia. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 11, n. 6, p. 443-451, 2003.

LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**. Madrid: Pirámide, 2002a.

LOPEZ YEPES, J. **Diccionario enciclopédico de ciencias de la documentació**n. Madrid: Síntesis Editorial, 2004.

LÓPEZ YEPES, J. Documentación. *In:* LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**.

Madrid: Pirámide, 2002b. Cap. 3, p. 39-74.

LÓPEZ YEPES, J. Focos de investigación y escuelas científicas em documentación: la experiencia de las tesis doctorales. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 11, . n. 1, p. 46-52, ene./feb. 2002c.

LÓPEZ YEPES, J. **La documentación como disciplina**: teoria e historia. Pamplona: EUNSA, 1995.

LOPEZ YEPES, J. *et al.* **Las tesis doctorales**: producción, evaluación y defensa. Madrid: Editorial Fragua, 2005.

LÓPEZ YEPES, J.; ROS GARCÍA, J. **¿Qué es documentación?:** teoría e historia del concepto en España. Madrid: Editorial Síntesis, 1993.

LOTMAN, I. M. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra; Universitat de Valéncia, 1996.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial: FAPESP, 2003.

MAI, J.-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, London, v. 57, n. 5, p. 591-522, sep. 2001.

MAI, J.-E. The concept of subject in a semiotic light. *In:* SCHWARTS, C.; RORVIG, M. (ed.). **Digital collections**: implications for users, funders, developers and maintainers. Medford, NJ: Information Today, 1997a. p. 54-64. (Proceedins of the ASIS Annual Meeting, 34).

MAI, J.-E. The concept of subject: on problems in indexing. *In:* McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval**: 6th International Study Conference on Classification Research. The Hague: FID, 1997b. p. 60-67. (FID, n. 716).

MAI, J.-E. **The subject indexing process**: an investigation of problems in knowledge representation. 2000. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Faculty of Graduate School of Library and Information Science, The University of Texas at Austin, 2000.

MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva.

Cenário Arquivístico: Revista da Associação Brasiliense de Arquivologia, Brasília, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004.

MANINI, M. P. Análise documentária de imagens. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em: http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/313/236. Acesso em: 22 set. 2007.

MARAFIOTI, R. **Charles S. Peirce**: el éxtasis de los signos. Buenos Aires: Biblos, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTÍNEZ COMECHE, J. A. La recuperación automatizada de imágenes: retos y soluciones. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 23, n. 2, p. 423-436, 2013.

MARTÍNEZ GONZÁLEZ, M. M.; ALVITE DÍEZ, M. L. Propuesta metodológica de evaluación de gestores de tesauros compatibles con la web semántica. **Anales de documentación**: Revista de biblioteconomía y documentación, Murcia, v. 17, n. 1, 2014. 18 p.

MARTÍNEZ RUIZ, E.; MAQUEDA, C.; DE DIEGO, E. **Atlas histórico de España II**. Madrid: Ediciones Istmo, 1999.

MENDOZA IBÁÑEZ, F. J. R. An interview with George Lakoff. **Cuadernos de Filología Inglesa**, Murcia, v. 6, n. 2, p. 33-52, 1997.

MENDOZA IBÁÑEZ, F. J. R.; PÉREZ HERNÁNDEZ, L. Primitivos semánticos y modelos cognitivos em la organización del conocimiento. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 2, p. 79-97, jul./dic. 2000.

MERRELL, F. **A semiótica de Charles S. Peirce hoje**. Ijuí: UNIJUÍ, 2012.

MONEDA CORROCHANO, M.; LÓPEZ-HUERTAS PÉREZ, M. J.; JIMÉNEZ CONTRERAS, E. La investigación sobre organización del conocimiento en España (2002-2010). *In:* PÉREZ PAIS, C.; GONZÁLEZ BONOME, M. (ed.). **20 años del Capítulo Español de ISKO**: actas del X Congreso ISKO-España, de 30 de junio a 1 de julio de 2011. Ferrol: *[s.n.]*, 2012. p. 91-106.

MONTESI, M. Aproximación al documento textual desde la perspectiva de los estudios sobre el discurso. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 32, n. 4, p. 92-105, 2009. Disponível em: http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/viewFile/516/574. Acesso em: 30 nov. 2014.

MONTESI, M.; GIL URDICIAIN, B. Problemas terminológicos relativos al resumen documental. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 29, n. 2, p. 205-219, 2006. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2018989&orden=1&info=link. Acesso em: 30 nov. 2014.

MORAES, J. B. E. A análise documental e os textos literários. **e-F@Nzine**: Revista Eletrônica, Monte Alto, v. 1, n. 2, out./dez. 2008. Disponível em: http://www.fan.edu.br/revista. Acesso em: 20 fev. 2009.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias de l texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III De Madrid: Boletín Oficial Del Estado, 1993.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. Aplicaciones al análisis automático del contenido provenientes de la teoría matemática de la información. **Anales de Documentación**, Murcia, v. 5, p. 273-286, 2002. Disponível em: http://revistas.um.es/analesdoc/article/download/2101/2091. Acesso em: 30 nov. 2014.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a Web**: elementos conceituais. Salvador: UFBA, 2011.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. M. La enseñanza de los lenguages documentales em las diplomaturas de Biblioteconomía y Documentación: problemática y tendencias. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. (coord). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Zaragoza, 1995. p. 113-124.

MORENO FERNÁNDEZ, L. M.; IZQUIERDO ALONSO, M. El pensamiento de José María Izquierdo Arroyo em la organización y representación del conocimiento: una sistematización desde fundamentos filosóficos y

semióticos. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 21-32, ene. /jun. 2014.

MORENO, R. A.; SÁ REBELO, M., GUTIÉRREZ, M. A. Representation and indexing of medical images. **Anales de Documentación**, Murcia, v. 14, n. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: http://revistas.um.es/analesdoc/article/download/134011/125171. Acesso em: 30 nov. 2014.

MORRIS, C. W. **Fundamentos da teoria dos signos**. São Paulo: Livraria Eldorado Tijuca: Edusp, 1976.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. esp., p. 1-17, 2º sem. 2006. Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb. Acesso em: 15 out. 2006.

MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. **Informação e Informação**, Londrina, v. 16, n. Esp., p. 165-179, jan./jun. 2011.

MOURA, M. A. Signi-fica ou signi-vai? as teorias da significação no campo da Ciência da Informação. *In:* REIS, A. S.; CABRAL, A. M. (org.) **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 61-80.

MOURA, M. A.; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da Semiótica e da Semiologia. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, PB, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2002. Disponível em: http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev12n102.htm. Acesso em: 13 out. 2005.

NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2005b.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2005a.

NUALART-VILAPLANA, J.; PÉREZ-MONTORO, M.; WHITELAW, M. Cómo dibujamos textos: revisión de

propuestas de visualización y exploración textual. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 23, n. 3, p. 221-235, 2014.

NUBIOLA, J.; ZALAMEA, F. **Peirce y el mundo hispánico**. Pamplona: EUNSA, 2006.

OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G. F.; SOUZA, G. T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 13-24, set./dez. 2009.

ORERA ORERA, L. Biblioteconomía. *In:* LÓPEZ YEPES, J. (coord.). **Manual de ciencias de la documentación**. Madrid: Pirámide, 2002a. Cap. 5, p. 93-116.

ORERA ORERA, L. La evolución em la formación de los bibliotecarios. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v. 25, p. 167-188, 2002b.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abril 2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm. Acesso em 20 maio 2012.

ORTIZ-REPISO, V.; CALZADA-PRADO, J.; APORTELA-RODRÍGUEZ, I. M. ¿Qué está pasando con los estudios universitarios de biblioteconomía y documentación en España? **El Profesional de la Información**, Barcelona, v. 22, n. 6, p. 505-514, nov./dic. 2013. Disponível em: http://dx.doi.org/10.3145/epi.2013.nov.02. Acesso em: 22 jan. 2015.

PEIRCE, B. **A Catalogue of the Library of Harvard University in Cambridge, Massachusetts**. Cambridge: E.W. Metcalf and Company, 1830.

PEIRCE, C. S. **Antologia filosófica**. *[s. l.]*: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1998.

PEIRCE, C. S. **Charles S. Peirce**: selected writings. New York: Dover Publications, 1966.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. Hartshorne, Charles; Weiss, Paul; Burks, Arthur. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v. (re-impressão de Thoemmes Press, 1998).

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PEIRCE, C. S. **The essential Peirce**: selected philosophical writings. Edited by Nathan Houser and Christian Kloesel. Blomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1992. v. 1.

PEIRCE, C. S. **The essential Peirce**: selected philosophical writings. Edited by Peirce Edition Project. Blomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998. v. 2.

PEIS REDONDO, E.; MORALES DEL CASTILLO, A. B.; DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, E. Sistemas de recomendación semánticos: un análisis del estado de la cuestión. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 6, mayo 2008. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-6/recomendacion.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

PERDICES-CASTILLO, L.; PERIANES-RODRÍGUEZ, A. Documentación de fotografías en bancos de imágenes comerciales. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 23, n. 5, p. 534-542, 2014.

PÉREZ AGÜERA, J. R. Automatización de tesauros y su utilización en la web semántica. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 13, dic. 2004. Disponível em: http://bid.ub.edu/13perez2.htm. Acesso em: 30 nov. 2014.

PÉREZ-AGÜERA, J. R. Recuperación de información, procesamiento de lenguaje natural y web semántica. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, 2007. Disponível em: http://www.thinkepi.net/anuario-thinkepi/anuario-thinkepi-2007#sthash.EdUIbInK.dpuf. Acesso em: 30 nov. 2014.

PESET, M. F.; BAIGET, T. Catalogación, sí; pero, ¿cómo? **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, p. 55-56, 2008.

PESET, M. F. *et al.* Organización de la información artística en entornos hipertexto e hipermedia. *In:* WORKSHOP INTERNACIONAL EN APLICACIONES MULTIMEDIA, 2001. Valencia, 2-4 de mayo de 2001. Disponível em: http://www.upv.es/intermedia2001/

inicio.htm. Acesso em: 25 fev. 2015.

PESET, M. F. La atracción del arte: las guías artísticas multimedia en las bibliotecas, un ejemplo de inteligencia emocional. **Educación y Biblioteca**, *[s. l.]*, n. 123, p. 116-119, 2001.

PESET, M.F. La evaluación de los científicos em el currículo del sistema de acreditación nacional de Aneca. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, p. 100-103, 2009.

PINHEIRO, L V. R. (org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília, DF: IBICT, 1999.

PINTO MOLINA, M. **Análisis documental**: fundamentos y procedimientos. 2. ed. rev. y aum. Madrid: EUDEMA, 1993.

PINTO MOLINA, M. Introducción al análisis documental y sus niveles: el análisis de contenido. **Boletín ANABAD**, *[s. l.]*, v. 34 , n. 2 , p. 323-341, 1989.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: PIMENTA, C. (coord.). **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade.** Porto: Campo das Letras, 2004. Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/pontofinal.pdf. Acesso em: 12 dez. 2008.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. *In:* POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade:** reflexão e experiência. Lisboa: Texto, 1993. Cap. 1, p. 8-14.

POZUELO YVANCOS, J. M. La Asociación Española de Semiótica (A.E.S.): crónica de una evolución científica. **Signa**: Revista de la Asociación Española de Semiótica, n. 8, 1999. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/partes/325954/signa-revista-de-la-asociacion-espanola-de-semiotica—3. Acesso em: 19 out. 2014.

PRIETO, L. Información y documentación radiofónica: espacios para un interés común. La experiencia de Radio Nacional de España. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 16, n. 5, p. 443-449, 2007.

PRO RUIZ, J.; RIVERO RODRÍGUEZ, M. **Breve atlas de**

historia de España. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

RABER, D.; BUDD, J. M. Information as sign: semiotics and information science. **Journal of Documentation**, London, v. 59, n. 5, p. 507-522, 2003.

RECODER-SELLARÈS, M. J.; CID LEAL, P. Traducción y documentación: cooperar para difundir la información. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 1, mayo 2003. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-1/traduccion.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

REYES, G. **La pragmática linguística.** 2. ed. Barcelona: Montesinos, 1994.

REYES PRÓSPER, V. Charles Santiago Peirce y Oscar Honward Mitchell. **El Progreso Matemático**: Periódico de Matemáticas Puras y Aplicadas, Zaragoza, ano 2, n. 18, p. 170-173, jun. 1892.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus: SSRR Informações, 2003.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. La integración de la mujer en los lenguajes documentales : una utopia necesaria en la sociedad del conocimiento. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 18, jun. 2007. Disponível em: http://bid.ub.edu/18rodri2.htm. Acesso em: 30 nov. 2014.

RODRÍGUEZ BRAVO, B.; MORÁN SUÁREZ, M. A. La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU). *In:* EXTREMEÑO PLACER, A. I. (org.). **La representación y organización del conocimiento : metodologías, modelos y aplicaciones**: actas del V Congreso ISKO-España, 25-27 de abril de 2001, Alcalá de Henares. Madrid: *[s. n.]*, 2001.

RODRÍGUEZ-VAAMONDE, S.; RUIZ-IBÁÑEZ, P.; GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ, M. Uso combinado de tecnologías semánticas y análisis visual para la anotación automática de imágenes y su recuperación. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 21, n. 1, p. 27-33, 2012.

ROS GARCÍA, J. Aplicaciones de la linguistica documental en la documentación empresarial. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid,

v. 4, n. 2, p. 183-193, 1994.

SALES, R.; GUIMARÃES, J. A. C. O pragmatismo em Kaiser e Reanganathan e o pioneirismo na construção do método analítico-sintético. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 53-64, ene./jun. 2014.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. Incidencia de aspectos culturales y sociales en la organización del conocimiento transdisciplinar. *In:* RODRÍGUEZ BRAVO, B.; ALVITE DÍEZ, M. L. (org.). **La interdisciplinariedad y la transdisciplinariedad en la organización del conocimiento científico**: Interdisciplinarityand transdisciplinarity in the organization of scientific knowledge: Actas del VIII Congreso ISKO España, León,18, 19 y 20 de Abril de 2007. Leon: *[s. n.]*, 2007. p.133-138.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. Metodología de la enseñanza de sistemas de representación del conocimiento. *In:* GARCÍA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Madrid: Universidad de Zaragoza, 1995. p. 159-172.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. **Sistemas de organización del conocimiento: la organización del conocimiento em las bibliotecas española**s. Madrid: Universidad Carlos Iii De Madrid: Boletín Oficial Del Estado, 1996.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. (coord.). **Grado em información y documentación**: coordinación curricular, diseño y redacción de guías docentes. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. El grado en Información y Documentación en la Universidad de Zaragoza. *In:* SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. (coord.). **Grado en información y documentación**: coordinación curricular, diseño y redacción de guías docentes. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009. Cap. 1, p. 15-25.

SÁNCHEZ CASABÓN, A. I.; UBIETO ARTUR, A. P. El curriculum en las diplomaturas de biblioteconomía

y documentación en España. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 4, n. 1, p. 43-61, 1994.

SÁNCHEZ-CUADRADO, S. *et al.* Definición de una metodología para la construcción de sistemas de organización del conocimiento a partir de un corpus documental en lenguaje natural. **Procesamiento del Lenguaje Natural**, *[s. l.]*, n. 39, p. 213-220, 2007.

SÁNCHEZ-JIMÉNEZ, R. Lenguajes documentales y ontologías. **El profesional de la información**, Barcelona, v. 16, n. 6, p. 551-560, nov./dic. 2007.

SÁNCHEZ JUMÉNEZ, J. **La España contemporánea III**: de 1931 a nuestros días. Madrid: Ediciones Istmo, 2004.

SÁNCHEZ VIGIL, J. M. La documentación fotográfica. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 6, n. 1, p. 161-193, 1996.

SÁNCHEZ VIGIL, J. M.; MARCOS-RECIO, J. C.; OLIVERA-ZALDUA, M. Tesis doctorales sobre fotografía en la universidad española: análisis de la producción y dirección (1976-2012). **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 37, n. 1, p. 1-14, 2014. Disponível em: http://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/download/837/1075. Acesso em: 30 nov. 2014.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Unesp, 2004a.

SANTAELLA, L. O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 73-83, 2004c.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004b.

SARACEVIC, T. Information science. **Journal of the**

American Society for Information Science, *[s. l.]*, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Tradução: Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEBEOK, T. A. (ed.). **Encyclopedic dictionary of semiotic**. 2. ed. Berlin; New York: Mouton De Gruyter, 1994. t. 1-3.

SENSO, J. A. Navegadores semánticos o semantizar el navegador. **Anuario ThinkEPI**, Barcelona, 2008. Disponível em: http://www.thinkepi.net/navegadores-semanticos-o-semantizar-el-navegador. Acesso em: 30 nov. 2014.

SERRANO, S. **La lingüistica**. 2. ed. Barcelona: Montesinos, 1992.

SILVEIRA, L. F. B. Continuidade e descontinuidade nas questões de fronteira. *In:* ENCONTRO INTERNACIONAL DO PRAGMATISMO, 11., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: PUCSP, 2008a.

SILVEIRA, L. F. B. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

SILVEIRA, L. F. B. Informação e verdade na filosofia de Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 281-323, jan./dez. 2008b.

SINI, C. Pensar el signo. Madrid: *[s. n.]*, 1989.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SMIT, J. W. (coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

SMIT, J. W. Análise semântica e análise documentária. **Significação**: Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, v. 1, p. 168-176, ago. 1974.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional. *In:* VALENTIM, M. L. P. (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. Cap. 1, p. 9-24.

SOLER I FABREGAT, R. Recuperació de temes iconogràfics a bases de dades d'imatges artístiques

a Internet. **Item**: revista de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 33, p. 51-70, 2003. Disponível em: http://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/22588/22422. Acesso em: 30 nov. 2014.

SOUZA, F. C. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP, 2003.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. O campo da Linguística Documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 203-211, set./dez. 2006.

THELLEFSEN, T. L. **Fundamental signs and significance-effects**: a semeiotic outline of fundamental signs, significance-effects, knowledge profiling and their use in knowledge organization and branding. 2009. 284 f. Dissertation (Doctoral) – Departament of internationale Culture and Comunication Studies, Copenhagen Business School, 2009.

THELLEFSEN, T. L. Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, *[s. l.]*, v. 52, n. 3, p. 507-514, 2004.

THELLEFSEN, T. L. Pragmaticism and the role of terminology. **Impact**: an electronic journal on formalisation in text, media and language, *[s. l.]*, abr. 2003. Disponível em: http://www.impact.hum.auc.dk. Acesso em: 05 maio 2007.

THELLEFSEN, T. L. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, *[s. l.]*, v. 142, n. 1/4, p. 71-90, 2002.

THELLEFSEN, T. L. ; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, *[s. l.]*, v. 31, n. 3, p. 177-187, 2004.

TORDESILLAS, M. La Lingüística Francesa en España: de la historia del pensamiento lingüístico al presente de la Lingüística Francesa. *In:* CASAL SILVA, M. L.; CONDE TARRÍO, G.; LAGO GARABATOS, J. (org.). **La lingüística francesa en España camino del siglo XXI**. Madrid: Arrecife Producciones, 2000. p. 9-30.

TORREGROSA CARMONA, J. F. Modelos para el análisis documental de la fotografía. **Documentación de las ciencias de la información**, Madrid, v. 33, p. 329-342, 2010.

VÁLLEZ LETRADO, M. Keyword Research: métodos y herramientas para identificar palabras clave. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, Barcelona, n. 27, dic. 2011. Disponível em: http://bid.ub.edu/27/vallez2.htm. Acesso em: 30 nov. 2014.

VÁLLEZ LETRADO, M.; PEDRAZA JIMÉNEZ, R. El Procesamiento del Lenguaje Natural en la recuperación de información textual y otras áreas afines. **Hipertext.net**, *[s. l.]*, n. 5, mayo 2007. Disponível em: http://www.upf.edu/hipertextnet/numero-5/pln.html. Acesso em: 30 nov. 2014.

VAN BERGEIJK, D. La barerra lingüística en la diseminación de la información científica. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 3, n. 4, p. 287-298, 1980.

VELASCO DE LA PEÑA, E. El contexto académico: los estudios de Biblioteconomía y Documentación en la Universidad de Zaragoza. *In:* AGUSTÍN LACRUZ, M. C. *et al.* (coord.). **Diseño curricular y guías docentes ECTS**: desde la Diplomatura de Biblioteconomía y Documentación hasta el Grado em Información y Documentación. Zaragoza: Prensas Universitaria de Zaragoza, 2008. Cap. 1, p. 13-19.

ZAZO, A. F.; FIGUEROLA, C.G.; ALONSO BERROCAL, J. L. La detección de nombres propioss en español y su aplicación en recuperación de información. **Ibersid**, Zaragoza, p. 109-116, 2007.

Posfácio

Semiótica e Documentação: a difícil interdisciplinaridade

Com base na análise dos depoimentos de especialistas espanhóis descritos em Almeida (2017)[25]. O pensamento coletivo formado pelos depoimentos trata dos temas concepção de semiótica, nível de interdisciplinaridade e teóricos no campo da Documentação na Espanha. Os discursos estruturados representam o pensamento social, limitado pelo conjunto de depoimentos dos entrevistados, mas que reflete um conjunto de ideias presentes na comunidade científica da Documentação espanhola.

A seguir, serão apresentados os principais discursos coletivos relativamente à noção de semiótica em vigor, a avaliação dos níveis de interdisciplinaridade entre Semiótica e Documentação, e a menção resumida dos principais teóricos que aportaram contribuições nesse sentido à Documentação.

Com respeito à noção de Semiótica professada pelo coletivo de investigados, notou-se claramente a presença de dois discursos coletivos. O primeiro discurso revela negação e desconhecimento dos temas semióticos, em que se afirma que não há clareza ou um assunto comum em Documentação na Espanha. O segundo discurso, mais objetivo, revela uma clareza conceitual sobre o conceito

de Semiótica e a sua posição ante a Documentação. Nesse segundo discurso coletivo, a Semiótica é concebida como a ciência dos signos, da semiose, do significado, da linguagem e da representação.

O primeiro discurso, sobre a concepção semiótica foi assim disposto:

> Nosotros aquí no se da semiótica. Es que el tema de documentación, aquí, desde luego, nunca se ha dado por esa vertiente. Pero, solo sé el nombre, no conozco realmente las teorías ni he leído nada de Semiótica. Entonces, no me atrevo a opinar, sinceramente. No soy experta en materia. No lo tengo nada claro. La semiótica yo no la trabajo. Pues mira, hay profesores muy buenos de semiótica, en Ciencias de la Información [...], pero no en Documentación.

Constata-se uma insegurança em relação à Semiótica e mesmo a discussão sobre a pertinência do assunto para a Documentação. Claro está que se trata de um assunto voltado mais à Ciência da Comunicação (*Ciencias de la Información*). Por outro lado, é representativa no pensamento coletivo da Documentação, segundo a construção discursiva empreendida, a clareza do papel da Semiótica e dos assuntos afeitos à Documentação.

O segundo discurso coletivo define Semiótica como a ciência dos signos, da semiose, do significado, da linguagem e da representação.

> Vamos a ver, desde el punto de vista teórico; el primer problema con el que nos encontramos es el nombre, la denominación "semiótica". Sabemos que es una palabra de ascendencia griega, {semiotikós}... Incluso los ingleses utilizan a veces semeiótica en lugar de semiótica; semeio, la ascendencia griega; por un lado, y por otro lado, la denominación

saussuriana ¿no?, de la semiologie, la semiología, bien. Por Semiótica entiendo que es la ciencia de los signos, es decir, sería la ciencia de representar mediante el lenguaje conceptos o realidades. Entiendo que el objeto de estudio de la Semiótica son los signos, es la representación de los signos. Una ciencia que explica el significado de los sistemas de signos, no exclusivamente lingüísticos. Resulta una disciplina, o sea, un marco disciplinar muy eficaz para comprender de forma integrada la producción de los significados. También, se trata de una ciencia interdisciplinar con conexiones que irían desde la Filosofía a la Teoría de la Comunicación y la Lingüística. Es el análisis de los signos en procesos de semiosis social, si fuera Semiótica, [...] yo asocio Semiótica con Comunicación, si yo entiendo que hay una comunicación documental y es verdad porque igual que hay un hecho semiótico hay un objeto documental que es lo que nos configura como disciplina diferente, tiene que haber una Semiótica Documental también. Es el análisis de los signos, de los símbolos, entendiendo el documento como símbolo, como signo y dentro del documento y del contexto los lenguajes como otro signo, de su naturaleza, de su función y todo en un proceso de semiosis comunicativa, de semiosis documental. Tiene que ver con la comunicación, con los signos, con todo ese tipo de cuestiones y ahí los sistemas tienen una parte importante porque realmente están hechos para eso, están formados por signos, símbolos, sirven para comunicarse y claro que tiene importancia desde ese punto de vista, por supuesto que sí. La semiótica es la explicación de la comunicación, de la interpretación del signo. La interpretación de la realidad a través del lenguaje (y no tanto su significado como sería el objetivo de la Semántica). Es la representación mediante signos de los documentos, bueno de los documentos, digamos del mundo, del entorno en el que nos movemos. Es una definición operativa, pero que explica los códigos de signos, las formas de producción de los sistemas de significación cuando no son lingüísticos. Y que resulta muy operativa para comprender otro tipo de realidades, otro

> tipo de sistemas de comunicación, de modos, sistemas de comunicación que operan en paralelo a lo lingüístico en todo tipo de situaciones. En nuestro caso, en lo que tiene que ver con la Documentación nos hemos dedicado a la Semiótica en el sentido de cómo representamos la información de una determinada forma. Sin embargo, yo casi prefiero hablar más de Semántica, pero por el texto, porque claro, si vamos a la imagen, el análisis de imagen, ¿cómo se hace? En primer lugar tienes que comprender cómo están estructurados determinados mensajes para que sean entendidos por los usuarios, por los destinatarios de esos mensajes. En la corriente saussuriana el texto constituye una manifestación del lenguaje y por tanto es fundamental para la Semiótica y la Lingüística. Y posteriormente, las posibilidades que aporta después para la recuperación. Yo te hablo desde el punto de vista práctico, de para qué me sirve a mí la semiótica. Yo gracias a la semiótica, puedo emplear los signos para representar los documentos, el contenido de los documentos.

Verifica-se um entendimento do significado de Semiótica que está além do denotativo, na medida em que se discutem a questão epistemológica – que tanto pode ser considerada disciplina como campo interdisciplinar – e as correntes teóricas, especialmente a saussureana. Além disso, foi destacada a relação da Semiótica com as disciplinas Linguística e Comunicação e o mais importante, o uso que se faz dela na Documentação.

Deve-se notar também um registro no discurso da Semântica como uma disciplina que concentraria os temas ligados ao significado. De todo modo, tal discurso coletivo revela a clarividência com que a comunidade científica da Documentação na Espanha associa o conceito de Semiótica, resultado de um histórico de análises teóricas e contribuições nessa direção, como pôde ser notado nas

seções anteriores sobre as abordagens semióticas.

Com respeito à análise das relações disciplinares, indagada a coletividade sobre o nível de envolvimento com a disciplina Semiótica, de maneira específica, e com outras disciplinas em geral, foi apresentado um discurso coletivo majoritário que destaca que as relações interdisciplinares não existem ou estão em um nível muito baixo e elementar. A própria composição do discurso é esclarecedora a esse respeito:

> No hay buenos vínculos, está muy disociado, sí, está muy disociado. Yo creo que en general, unos están en una teoría y otros están en lo otro. Es difícil. Yo creo que estamos en un momento, no sé si fuera, pero estamos en un momento de crisis porque va **más rápido** la aplicación práctica y tecnológica que la cuestión teórica, va muchísimo **más rápido.** Creo que vivimos de espaldas unos a otros, esa es mi sensación. No sé si en España estamos trabajando de forma interdisciplinar en ese sentido, la verdad es que desconozco si hay algún equipo de trabajo en el que participen lingüistas e investigadores del **ámbito** de la Documentación [...]. Fíjate que aquí nosotros convivimos, [...] en una facultad de letras y que hay filólogos y lingüistas y nunca o prácticamente nunca hemos trabajado en conjunto. Ellos piensan que lo suyo tiene una categoría superior, que esto nuestro es algo aplicado que se resuelve muy fácilmente y no. Los lingüistas, que encima se defienden, no quieren saber nada con la Documentación, y dentro del campo de la Documentación pues hay **líneas diferentes.** El contacto disciplinario está dirigido de la Documentación hacía la Semiótica y la Lingüística (fundamentalmente por encontrar respuestas a los problemas que plantea la representación lingüística del conocimiento) y no al contrario. Yo no lo veo muy estrecho sinceramente. Yo creo que son, vamos, no te digo divergentes, pero sí paralelos. Yo no creo que exista, salvo Izquierdo que trabajó **más** en ese **ámbito**,

en el de la semiótica, intentando aplicarlo a este campo, que yo no sé hasta qué punto lo habrá conseguido. Comunicación, poca, desde mi experiencia poca, porque hay un cierto miedo por parte de las personas de Documentación o una sensación de que se están metiendo en nuestro terreno. Hay muy poca relación interdisciplinar. Quiero decir, muy poca en el sentido de que las personas, los investigadores de un campo trabajen con investigadores de otro campo, o incluso, en el sentido de que investigadores que proceden de un campo determinado, se muevan y acaben aterrizando en otro campo de este tipo. Es decir, yo creo que aquí, las disciplinas están muy parceladas y además en general, muy poco interconectadas entre ellas ¿eh? Hay también razones de tipo burocrático o administrativo ¿no? para eso. Desde mi punto de vista y desde mi experiencia, no solamente en España, sino también en el extranjero, la interdisciplinariedad es siempre un aspecto muy defendido, muy reivindicado por algunas áreas como la terminología y la documentación, que son de naturaleza transdisciplinaria. Teóricamente, una disciplina que se aplica a todas es más fácil que reivindique también su interdisciplinariedad, esta necesidad de coger elementos teóricos también de otras disciplinas y esto se reconoce y se vive, yo creo, como una cosa de esencia que caracteriza precisamente este tipo de disciplinas. Pero en la práctica, esto es muy difícil. Las relaciones desde mi punto de vista, muy flojas. No, ni más ni menos, ni mejor ni peor, está estancado por completo, o sea, no está. Pero ya digo, yo creo que los autores que se han apartado más a esta parte lingüística y semiótica están muy divorciados de la parte teórica y de la parte práctica. No, cada vez más.

Hay gente que está sin modelos, que se preocupa solo de productos, de procesos. Son **más generalidades que** otra cosa. Creo que a lo mejor es más desde el punto de vista general de la manera en que otros tratan la semántica también, más generalista. Yo creo que lo que están haciendo es excesivamente **básico. El** trabajo es muy, muy **básico, y centrado** en algunos aspectos yo creo que

muy menores. Yo creo que muy menores. Yo encuentro que en nuestro campo en España ha habido más teóricos, más profesores con una base fuerte lingüística que han introducido una parte lingüística importante, pero no tanto. Tampoco encontraba aquí a mis teóricos de referencia y creo que eso ha sido muy perjudicial para la práctica porque no se han desarrollado **métodos de** acuerdo con las nuevas teorías, por lo menos para reconocer hasta dónde llega el **método que** tú estás enseñando.

Aquí es dificilísimo hacer equipos individuales, es decir, equipos de una sola persona, no vas a ninguna parte. Sí, haces investigación, pero no vas a aplicarla a una auténtica solución, a una auténtica mejora de los procesos y procedimientos en nuestra área. Entonces, está muy claro que tienes que formar un equipo. Pero el corporativismo yo creo que impide que exista una interrelación entre estos colectivos. De hecho yo concretamente, si te soy sincera, no he colaborado con ningún lingüista ni con nadie que se dedique sólo a la semántica. Yo conozco poca gente que esté trabajando, por ejemplo, en elaboración teórica sobre semiótica, sobre representación de conocimiento, etc., etc. Es un trabajo **más de tipo** práctico, de probar sistemas, adaptar sistemas más que elaboración teórica. O sea, es verdad que yo tengo esa formación y a lo mejor no he necesitado ayuda, pero que no se ha planteado ningún proyecto de investigación ni un trabajo, pero no me suena a mí que haya mucha interacción de personas en documentación que trabajen con personas en los campos de la lingüística en general o la semántica, no lo conozco, no lo **sé.**

Mi sensación sobre esto es que estamos siempre un poco dándole la vuelta a las mismas cosas. Yo treinta años casi ya, siempre veo que la gente se pregunta lo mismo y no acabo de entenderlo, porque no... El momento, el paradigma es diferente y esto es otra profesión que tiene que tener otros conocimientos y que tiene que saber hacer equis cosas, que la titulación se llamará como se llamará, pero al final la gente tiene que saber lo que tiene que saber. Está muy impulsados por las modas, las coyunturas

> académicas, las evaluaciones, esto y lo otro, los investigadores vamos pensando más bien en lo que puedo publicar que se ajuste a lo que ahora te están pidiendo y quedarme descansando una vez que lo saque y luego ya veré por dónde tiro, ¿entiendes?

As relações interdisciplinares com a Semiótica, a despeito de a clareza em relação ao conceito, não foram levadas a cabo. Tal fato corrobora os resultados identificados com o exame da literatura. Não somente na atualidade, mas há um comprometimento dos contatos disciplinares, seja pela estrutura acadêmica ou pela própria concepção de disciplina, a qual se guia pelas modas e tendências recentes.

Essa exacerbada preocupação com as modas, registrada no discurso, nem sempre revela o nível das pesquisas e das necessidades de conhecimento de um país, e agrava-se em um estado de crise econômica. Os pesquisadores são levados a publicar o que em tese teria mais saída nos periódicos e não o que realmente importa ao avanço da comunidade científica e da sociedade. No caso da Semiótica, como nem sempre há uma predileção pelo tema, ficaria forçosamente fora das tendências recentes.

As condições para a interdisciplinaridade dependem do comportamento dos pesquisadores, e o que pode ser inferido pelo discurso coletivo é que não há disposição para tal, não faz parte da prática comum trabalhar com especialistas em estudos da linguagem, seja pelo desconhecimento de suas teorias, pela estrutura universitária que não o permite, ou mesmo pelo patente desinteresse desses especialistas em Linguística e

Semiótica com as questões da Documentação.

Esse pensamento coletivo é um retrato vivo da incapacidade da Documentação de empreender estratégias de interdisciplinaridade junto ao campo da Semiótica, não apenas porque o tema não está entre as tendências valorizadas e os resultados das pesquisas não seriam aceitos para publicação nos principais periódicos, mas porque a própria estrutura acadêmica e a cultura da Documentação não a promovem. Algo semelhante já havia sido destacado por García Marco (1997, p. 11, 1999) sobre a dificuldade de formar grupos especializados em organização do conhecimento na Espanha.

Esse fator pode ser tomado como uma das causas que levou a Documentação na Espanha a deixar de fomentar os estudos teóricos sobre a linguagem. E merece reflexão a questão de que estas causas poderiam estar agindo em outras áreas da comunidade acadêmica. Isto é, questiona-se se os condicionantes extrínsecos e intrínsecos – muito bem sinalizados pelo discurso coletivo da interdisciplinaridade com a Semiótica – não estejam impactando em outras áreas da Documentação na Espanha, arrebatando a sua potencial autonomia e originalidade em relação aos problemas do processamento da linguagem para a recuperação da informação e a organização do conhecimento.

Com esse discurso, entendem-se algumas razões que levaram à falta de produção teórica no campo da linguagem, especialmente, as de teor original e que lograram um nível de sistematicidade respeitável. Sem uma organicidade interna, a ciência da Documentação

dependerá sempre de iniciativas particulares e personalistas, que não resistiriam às intempéries de uma convulsão econômica, social e científica.

Também parecem oportunos os discursos majoritários sobre os campos de aplicação da teoria semiótica na Documentação. Destacam-se pelos menos duas tendências: uma que trata da aplicação exclusiva aos temas da organização do conhecimento e recuperação da informação, e outra que se refere às aplicações a todo espectro da Documentação, da organização à comunicação da informação.

O primeiro discurso coletivo revela a estrita aplicação dos conceitos semióticos à organização do conhecimento e à recuperação da informação, e com matizes sobre quais teorias em concreto se pode levar à introdução dos conceitos semióticos, a saber:

> En Organización del Conocimiento y en Recuperación de Información. Al menos dentro del área en la que he trabajado serían los dos aspectos fundamentales. Pues yo creo que fundamentalmente en el Análisis de Contenido, en la Lingüística Documental en todo lo relacionado con los Lenguajes Documentales y en la Recuperación de Información. Yo casi diría lingüística aplicada a la documentación. Yo no creo que sea lingüística aplicada realmente, yo por lo que he ido viendo, no sé cuál será tu opinión al respecto. Sí, de hecho, la aplicación práctica que han hecho [...] de las teorías de la textolingüística al modelo de desarrollo de resumen documental del análisis del texto, de construcción de textos o de los minitextos, que son los resúmenes, yo creo que no se adecúa muy bien a lo que es el desarrollo de lo que es un resumen documental. Creo que ese enfoque lingüístico tiene más recorrido en otras áreas o para otras disciplinas, por ejemplo para el análisis y comprensión de textos,

> pero no para la elaboración de resúmenes documentales, puesto que la aplicación de todos los pasos que para resumir un texto se pueden dar, según la textolingüística, son excesivamente farragosos y complejos para el desarrollo de lo que es un resumen documental, en mi opinión. Además, se podrían destacar la construcción de lenguajes documentales, sistema de clasificación del conocimiento, sistemas de organización del conocimiento, arquitectura de la información o el etiquetado social de los contenidos en la Web 2.0 como son las *folksonomías*. Y cuando aplicaba el paradigma semiótico para el estudio de las imágenes, ahora me da más igual, pero al principio lo que me sentí fue muy sola. Dentro del ámbito del análisis de las imágenes, me interesa mucho el híper, o sea, no el hipermedia sino el transmedia, o sea, cómo los significados trasvasan y sus significantes trasvasan de un medio a otro. Y como en cada medio, articulan un sistema de relaciones completamente distintas.

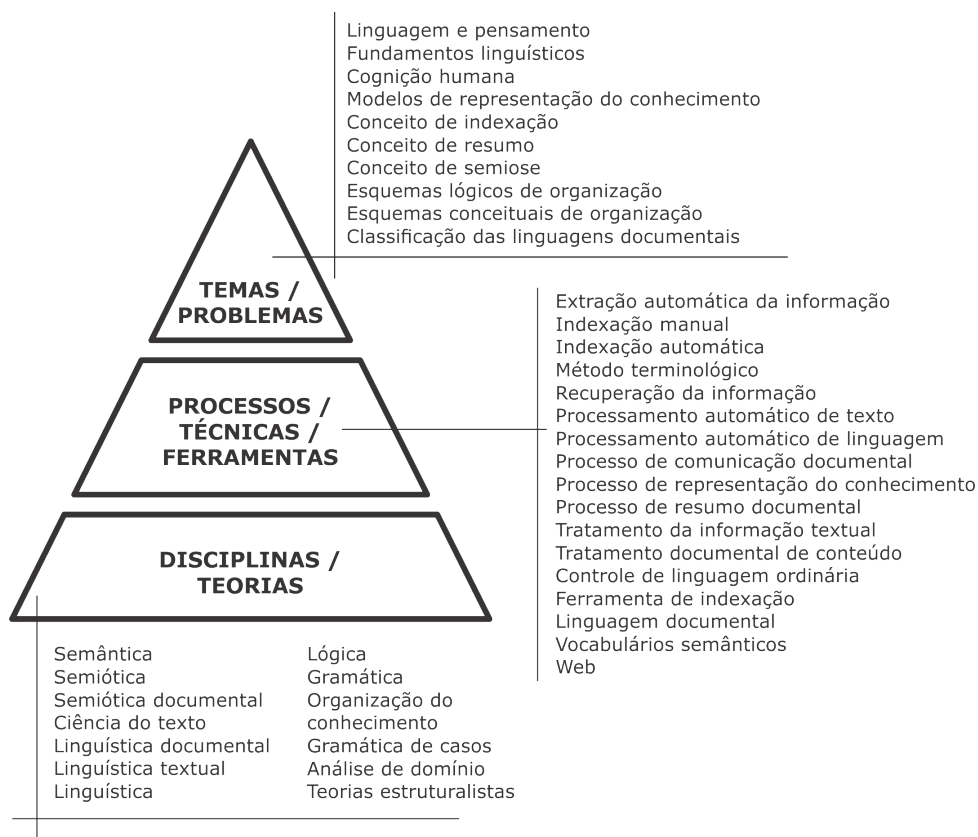
Por outro lado, encontra-se o discurso da aplicação a todos os setores da Documentação, pois o problema semiótico e do significado condiciona vários níveis da cadeia informacional, da análise da informação, da organização do conhecimento até a mediação da informação.

> Para mí en todas, porque ya te he dicho que yo asocio Documentación con procesos de semiosis, con Semiótica, es verdad. Es que es fundamental en todo. A mí me parece que la semántica y la lingüística dominan todo. Organización y representación del conocimiento yo diría que es como la fundamental, pero como hemos estado comentando, el análisis del diseño es fundamental y hablábamos de arquitectura, de sistemas porque la arquitectura te permite unir mucho la organización y, tal como la diseñas en la interfaz, con la arquitectura de organización de ficheros interior y por eso te dicen mira, con la arquitectura ya, pero esto

> quiere decir que si vamos a un entorno que no es tan web, está el análisis de sistemas y el diseño de sistemas de recuperación como un área necesitada del análisis. A lo mejor pues lo que son los sistemas de representación, los lenguajes documentales, los estudios de usuario, es que es todo, los estudios del documento también, los que se dedican a historia del documento también, documento desde el aspecto material, desde el aspecto de la forma, desde el aspecto del contenido. Sí, en lo que implica la organización, pero que va más allá, evidentemente, hay más cosas importantes como lo que hemos hablado de movimientos científicos en general, la ciencia y toda la evolución tiene mucho que ver [...], no sólo es semántica y lingüística, a eso yo lo llamo "influencias distintas", digamos que la semántica y la lingüística están más en directo con lo directo, es decir, relacionadas con acciones concretas, pero desde el punto de vista del diseño, de la concepción, no tanto, a mi modo de ver.

Neste discurso, a aplicação da Semiótica está praticamente em todos os campos da Documentação, da organização da informação à arquitetura da informação, passando pela análise de documentos e estudos de usuários. É um discurso que entende que a Semiótica deve ser vista globalmente e não apenas voltada à análise documental de conteúdo ou à organização de categorias de conhecimento. Com isso, pode-se assumir um novo estágio de aplicação de conceitos semióticos, os quais devem fundamentar agora todo o espectro de problemas da Documentação. Presume-se que essa leitura da função semiótica passará a constituir-se em uma nova forma de propor a interdisciplinaridade e que exige uma Semiótica global, muito mais abarcadora que as abordagens semióticas brevemente resumidas neste trabalho.

A seguir, arrola-se uma síntese do que se identificou nos discursos sobre a representatividade de alguns temas, conceitos e teóricos, segundo marcas deixadas nos depoimentos. Relacionaram-se às temáticas de pesquisa destacadas pelos entrevistados e organizadas segundo as categorias: teorias, temas/problemas, processos/técnicas e ferramentas.

Figura 1 - Temáticas, Teorias e Processos Relativos à Linguagem Investigados

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Como se pode notar, as temáticas de investigação refletem, de certa maneira, a estrutura conceitual das abordagens semióticas apontadas anteriormente, especialmente na menção das disciplinas que estão na base da pirâmide. Os entrevistados citaram diversos temas que consideraram importantes em sua atuação docente e investigadora, com isso, foi possível agrupar esses objetos de pesquisa, segundo os rótulos citados. Nota-se, sobretudo, uma preocupação destacada com problemas e processos associados à organização da informação e do conhecimento, os quais estão associados confortavelmente a certas teorias e disciplinas.

A figura anterior foi elaborada tomando como base o que foi destacado pelos entrevistados como temas de pesquisa associado à linguagem, o que supostamente estaria associado à Semiótica. A classificação é aperfeiçoável, contudo fornece uma impressão geral dos interesses dos pesquisadores que colaboraram com a pesquisa e que representam, guardadas as devidas ponderações, a comunidade de especialistas em Documentação na Espanha.

Na esteira desses temas de investigação, é preciso mencionar os conceitos semióticos utilizados pela Documentação, segundo as indicações dos especialistas que se encontram em Almeida (2017, p. 157). Os conceitos semióticos fundamentais à Documentação estão voltados à teoria linguística – vinculados consequentemente às abordagens não peirceanas –, e com menor número de conceitos indicados como pertencentes a Semiótica de extração peirceana. É o caso dos conceitos semiose e referente. Isso comprova,

de certo modo, o que foi apontado sobre a importância da Linguística para a Documentação, o que reflete, além das formações universitárias dos pesquisadores, o pensamento coletivo sobre quais são os conceitos principais.

Se essa amostra não responde à totalidade dos pesquisadores, pelo menos fornece indícios de como o pensamento linguístico, ainda que não sendo uma das fortalezas recentes da Documentação espanhola, continua amparando teoricamente os especialistas em Documentação. Quando confrontado às abordagens semióticas apresentadas, pode-se constatar a pertinências de tais conceitos às escolas semióticas revisadas.

Relacionando os conceitos com os teóricos da Linguística destacados, pode-se perceber uma vinculação entre os teóricos e os conceitos semióticos considerados importantes pelos especialistas em Documentação. No que se refere aos teóricos da Semiótica, isto é, aqueles pensadores que formam pioneiros da Semiótica, destaca-se novamente a colaboração dos linguístas e semiólogos, como é o caso de Saussure, Eco, Barthes, Greimas, Hjelmeslev e Peirce.

Dada a disposição dessas indicações, mais uma vez se comprova a forte tendência linguística já assinalada nos capítulos anteriores, mas que se apresenta nas entrevistas de maneira contundente. Por outro lado, há um vínculo entre esses teóricos e os autores da Documentação na Espanha que empregaram estas teorias, o que se verificou nas seções anteriores. Esses autores da Documentação foram protagonistas

das inovações interpretativas, metodológicas e conceituais que rendem contas até a presente data. Em termos de contribuição à Semiótica, independente das linhas e abordagens, não se conhecia, em concreto, a participação dos autores e se estavam ou não presentes no pensamento coletivo da comunidade de Documentação.

Nesse sentido, saber quem são e que representatividade ostentam é fundamental para as pesquisas futuras. Sendo assim, tomou-se a liberdade de classificar como grupo de teóricos fundamentais os que apresentaram um número de 6 a 12 citações, estes foram considerados teóricos relevantes. Um segundo grupo, com até 5 citações, colaboraram com o tema, não obstante com menos repercussão. No primeiro grupo encontram-se os autores: García Gutiérrez, Izquierdo Arroyo, García Marco, Moreiro González e Pinto Molina, que representam 52,7 % do número de autores citados, isto é, 89 indicações. Em outras palavras, as aportações semióticas estiveram concentradas nestes nomes.

A revisão exposta nas seções anteriores denota a participação decisiva de García Gutiérrez, Izquierdo Arroyo, García Marco e Moreiro González na construção das abordagens semióticas na Documentação na Espanha. Em que pese a linha semiótica adotada, tais autores formaram o núcleo semiótico, não apenas em termos quantitativos, mas no que se refere à qualidade das abordagens. Com isso, corrobora-se o quadro teórico esboçado anteriormente.

Com respeito à análise dos discursos, pôde-se notar que quando são contrastados os depoimentos

com a revisão de literatura, mostra-se um descompasso entre a riqueza das contribuições semióticas e o nível de interdisciplinaridade declarado. Na literatura, procederam-se avanços integrativos e propostas no sentido de compreender os problemas semióticos, desde diversos pontos de vista. Contudo, o discurso coletivo dos entrevistados demonstrou que na prática há muitos outros problemas intervenientes no processo de aproximação disciplinar.

No que respeita às áreas de aplicação, valoriza-se como adequado o discurso coletivo que compreende a Semiótica como teoria compatível a vários campos, que excedem a análise documental de conteúdo. Desde logo, isso pode significar uma lacuna conceitual notada pelos especialistas e sugere-se a necessidade de um trabalho de sistematização de uma disciplina semiótica aplicada a toda Documentação. Um ramo da Documentação que não seja levado a reboque dos interesses exclusivos em organização da informação e do conhecimento, mas que dele saia para abranger outros problemas enfrentados pelo documentalista. Esse desenvolvimento deve render tributo às abordagens espanholas e avançar na sistematização para constituir um espaço teórico no interior do campo da Ciência da Informação brasileira.

A interdisciplinaridade entre Documentação e Semiótica, apesar de difícil, deve ser buscada, tanto aumentando o número de autores da interessados pelos problemas da linguagem que possam ser respondidos pela semiótica quanto com a elevação do conhecimento que se tem sobre os teóricos e pioneiros da semiótica.

Notas

1 Sabe-se que a figura de P. Otlet (1868-1944) se projeta quando o assunto é a Documentação europeia e a noção de documento como marco disciplinar e conceitual da Ciência da Informação no início do século XX. O início da fabulosa trajetória de Otlet começa com a elaboração de repertórios universais, com o objetivo de se chegar a um registro último de tudo o que fora produzido em um dado campo científico. Existem diversos pontos a serem observados sobre o movimento documentalista, e acredita-se ser essencial a leitura de López Yepes (1995), Ortega e Lara (2010), Capurro e Hjorland (2007). Esses últimos autores admitem que a Documentação otletiana antecedeu historicamente a Ciência da Informação, em seu molde mais conhecido, o paradigma estadunidense. Contudo, encontramos divergências no interior desse campo quando o assunto é a origem linear entre Documentação e Ciência da Informação. Sem entrar no mérito de discutir neste momento as relações de justaposição e sobreposição entre as disciplinas, entendemos que a Documentação manifestou a grande preocupação humana pelo controle e o acesso aos registros do conhecimento e, portanto, merece ser investigada a contento.

2 Nos períodos entreguerras e pós-guerra, os Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas destacaram-se no setor científico e tecnológico, cujo funcionamento dependeu, sobremaneira, do tratamento da informação especializada. Lembrem-se que a perspectiva russa iniciou-se no final da década de 1940. O contexto bélico que deu origem a Ciência da Informação de matriz estadunidense foi expresso no artigo publicado em 1945, de autoria de Vannevar Bush. O dispositivo tecnológico proposto por Bush alavancou as tentativas de desenvolver recursos tecnológicos para resolver os problemas derivados do excesso de informação na sociedade, especialmente no contexto científico. A Ciência da Informação estadunidense originou-se nesse período para dar conta do volume expressivo de informação especializada proveniente das atividades militares e científicas. Mas a enunciação do problema da informação, o surgimento da Recuperação da Informação

e os eventos científicos que trataram de arquitetar a Ciência da Informação – a exemplo das Conferências do Geórgia Tech –, talvez não tenham sido mais impactantes que o artigo de Borko, de 1968. Para Borko (2001), a Ciência da informação é uma disciplina que investiga as propriedades e os comportamentos da informação, o fluxo da informação, bem como os meios de processá-la para o uso e acesso adequado. Para uma análise panorâmica da história da Ciência da Informação, especialmente nos Estados Unidos, é fundamental a leitura dos trabalhos de Saracevic, especificamente a publicação de 1999. A respeito de uma interpretação integradora dos paradigmas da Ciência da Informação, ver Capurro (2003). No que tange aos objetos de estudo e a epistemologia, é fundamental a análise dos trabalhos do *International Conference on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS1)*, e a contribuição de Buckland (1991).

3 Entendida como interação entre disciplinas, isto é, compartilhamento em vários níveis, dos comunicacionais, conceituais até os níveis mais teóricos mais complexos que incidem na reformulação disciplinar, seja em suas relações conceituais e teóricas. De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1993, p. 11), interdisciplinaridade significa uma posição intermediária, intervalar, e deve ser mais que multidisciplinar e menos que transdisciplinar. As principais características da interdisciplinaridade são: a combinação entre disciplinas, a busca de uma síntese e a contínua cooperação de argumentos, metodologias, conteúdos, problemas, resultados, exemplos e aplicações (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1993, p. 13). Pombo (2004, p. 5) define interdisciplinaridade dentro de um movimento geral das interações disciplinares, entendida sob a metáfora de um *continuum* em que se incluem a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

4 Este estudo encontra-se relacionado às pesquisas apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nos processos: 475332/2011-3 e 406021/2012-0. Em que pese os apoios recebidos, a proposta de investigação relacionou-se diretamente às atividades do grupo de pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação, liderado pelo autor deste livro, e à disciplina "Aspectos Semióticos dos Processos Informacionais", oferecida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp.

5 A título de exemplo, o grupo de trabalho 2 "Organização e Representação do Conhecimento", da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, tem como ementa o interesse às "Teorias, metodologias e práticas relacionadas à organização e preservação de documentos e da

informação, enquanto conhecimento registrado e socializado, em ambiências informacionais tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres. Compreende, também, os estudos relacionados aos processos, produtos e instrumentos de representação do conhecimento (aqui incluindo o uso das tecnologias da informação) e as relações inter e transdisciplinares neles verificadas, além de aspectos relacionados às políticas de organização e preservação da memória institucional." Disponível em: http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-02. Acesso em: 20 nov. 2014.

6 Para a construção deste livro recorreu-se a uma pesquisa dividida em duas grandes fases: pesquisa bibliográfica e coleta de depoimentos em entrevistas com os principais especialistas em organização do conhecimento na Espanha entre os anos 2014 e 2015. Os detalhes metodológicos desta pesquisa encontram-se citados em Almeida (2017) e um resumo dos resultados encontra-se no posfácio.

7 Um dos primeiros dados que se costuma citar sobre o relacionamento da Ciência da Informação com a figura de Charles Peirce, é o fato de seu avô, Benjamin Peirce (1778–1831), ter atuado como bibliotecário da Universidade de Harvard por volta de 1826, o qual compilou o catálogo da biblioteca da universidade em 1830 e publicou uma obra póstuma sobre a história da Universidade de Harvard, em 1833. Outro fato relevante é que Peirce, em sua visão interdisciplinar, incluiu dentro das ciências práticas (CP 1.243), o trabalho dos bibliotecários (*librarian's work*). Felizmente, os interesses classificatórios entre Peirce e seu avô se encontram. O catálogo redatado por seu avô é interessante em vários aspectos: por um lado, antecipa as divisões em classes que só seriam conhecidas décadas depois, o documento é sistemático e representa as divisões bibliográficas das ciências na forma de hierarquias, com respeito à estrutura social, começando pelas ciências teológicas. As classes incluídas eram: I – Teologia, II – Jurisprudência, governo e Política, III – Ciências e Artes (isto é, Ciências Aplicadas), IV – Belas Letras (ou Literatura e Linguística), V- História e VI – Obras relacionadas com a América (PEIRCE, B., 1830).

8 A obra de Peirce ultrapassa 90.000 páginas e é composta de ensaios, artigos em periódicos e, em sua maior parte, manuscritos. Na década de 1930, a Universidade de Harvard, que custodia os manuscritos, publicou uma primeira reunião destes documentos, publicação intitulada *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. A referência aos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, é feita pelos comentadores e os estudiosos utilizam a sigla CP, seguida do número do volume e do número do parágrafo, estes dois últimos separados por ponto. Outras obras relevantes para consulta são:

Writings of Charles Sanders Peirce: a cronological edition, em 6 volumes, abreviada por W seguido do número do volume; *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*, em 4 volumes, abreviada por NEM; a obra mais recente e com seleção acurada de textos em ordem cronológica, consta de 2 volumes, intitulada *The Essential Peirce*, com a sigla EP. Em português do Brasil, as principais traduções são: *Semiótica e Filosofia*, traduzidas por Octanny Silveira da Mora e Leonidas Hegenberg, de 1972, *Escritos Coligidos*, de 1974, de traduação de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum, Semiótica, traduzida por José Teixeira Coelho Netto, de 1977. A obra *Antologia filosófica*, de 1998, traduzida para o português de Portugal, foi de responsabilidade de António Machuco Rosa. A tradução para o espanhol da obra de Peirce está sendo elaborada independentemente por uma equipe de pesquisadores do Grupo de Estudios Peirceanos, da Universidad de Navarra (http://www.unav.es/gep/). Em 2012 foi publicada a tradução, por Sara Barrena, dos volumes do *The Essencial Peirce* para o espanhol sob o título *Obra Filosófica Reunida*, em dois volumes, pela editora Fundo de Cultura Econômica, México.

9 As *licenciaturas* e as *diplomaturas* não são equivalentes ao sistema de titulações brasileiro, isto é, o sistema universitário espanhol possuía três ciclos formativos, enquanto o brasileiro, desde pelo menos a reforma universitária de 1968, reconhece dois níveis, graduação e pós-graduação. *Diplomatura* e *Licenciatura*, como será exposto, seriam formações universitárias distintas, se considerasse a carga horária e o conteúdo administrado, talvez a *licenciatura* se aproximasse de um curso de graduação de bacharelado no Brasil e a *diplomatura* de um curso superior tecnológico de curta duração. Assim, depois da *Diplomatura* em alguma área afim seguia-se à *Licenciatura*, que pode ser tomada quase como equivalente ao bacharelado. Nesse sentido, um aluno poderia ter uma *diplomatura* em *Biblioteconomía* e uma *licenciatura* em *Documentación*, ou ainda o que era comum, uma *diplomatura* em *Historia, Filosofía* ou *Filología*, e uma *licenciatura* em *Documentación*. Contudo, estas aproximações são pouco úteis quando não se conhece a concepção de ambos os sistemas de ensino. Agora com a já avançada implementação do processo Bolonha e os cursos de graduação na Espanha de 3-4 anos, é mais fácil e razoável fazer estas comparações, pelo menos no nível da graduação (*grado*), pois para a pós-graduação (*postgrado*), o sistema europeu ainda continua em processo de reforma.

10 Segundo López Yepes (1995, p. 262) "Javier Lasso de la Vega es, sin duda de ningún género, el introductor de la Ciencia de la Documentación en España, verdadero artífice de su progreso y desarrollo y autor del único *Manual de Documentación* escrito en España. Su actividad se há desplegado en tres frentes fundamentales:

la implantación en nuestro país de la Clasificación Decimal Universal, la propagación del concepto de Documentación, propiamente dicho, y la aplicación de la Documentación a campos concretos del saber como el Derecho."

11 O estudo de López Yepes é, de certo modo, peculiar, pois enumera os docentes orientadores da primeira geração e relaciona orientandos e orientados, dispondo-os em uma genealogia dos temas de investigação que, claramente, tiveram a sua origem na Universidad Complutense de Madrid e alcançaram outras instituições do país.

12 Somente para observar a estrutura curricular do período, o Real Decreto n. 912/1992 estabelecia como matérias troncais: administração de recursos em unidades de informação (8 créditos), estatística (6 créditos), planejamento e avaliação de sistemas de informação (6 créditos), sistemas de representação e processamento automático do conhecimento (8 créditos), sistemas informáticos (5 créditos), técnicas de indexação e resumo na documentação científica (8 créditos) e técnicas documentais aplicadas a investigação (6 créditos). Observando sempre que o Real Decreto n. 1497/1987 estabelece que a unidade de crédito refere-se a 10 horas teóricas ou práticas.

13 O documento divide os conteúdos obrigatórios (*troncales*) em áreas, a saber: 1) documentos, unidades e sistemas de informação (12 créditos); 2) planejamento, organização e avaliação de unidades de informação (24 créditos); 3) fontes de informação (12 créditos); 4) representação e recuperação da informação (36 créditos); 5) gestão técnica de documentos de arquivo (18 créditos); 6) tecnologias da informação e edição digital (24 créditos); 7) fundamentos e metodologias de pesquisa e estudos métricos da informação (18 créditos) e; 8) Estágios (12 créditos). Além disso, descreve as competências relacionadas a cada uma das áreas. Para maiores detalhes consultar *Libro Blanco del Título del Grado em Información y Documentación* (ANECA, 2004, p. 95-100), bem como Frías (2008).

14 Uma outra fonte para verificar a situação atual é o artigo de Ortiz-Repiso, Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 506) que aponta que os estudos de Informação e Documentação na Espanha, nos diferentes níveis e modalidades são 16, oferecidos pelas seguintes instituições: Universidad Carlos III de Madrid (UC3M); Universidad Complutense de Madrid (UCM); Universidad de Alcalá de Henares (UAH); Universidad de Extremadura (UEX); Universidad de Granada (UGR); Universidad de León (Unileon); Universidad de Murcia (UM); Universidad de Salamanca (USAL);

Universidad de Valencia (UV); Universidad de Zaragoza (Unizar); Universidad Politécnica de Valencia (UPV); Universidade de A Coruña (UDC); Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), especificamente a Escuela Superior de Archivística y Gestión de Documentos, Esaged), Universitat de Barcelona (UB); Universitat Oberta de Catalunya (UOC); Universitat Pompeu Fabra (UPF).

15 Por exemplo, segundo Ortiz-Repiso,Calzada-Prado e Aportela-Rodríguez (2013, p. 508) "El coste de la matrícula del GID en las universidades públicas [...], según precios del curso 2012/2013, oscila entre los 2.364 y los 6.064,80 euros, coste que se incrementa en las segundas y terceras matrículas.", enquanto "[...] los precios de los masters oficiales varían sensiblemente [...] oscilando entre los 1.296 y los 4.246 anuales (60 ECTS)." (ORTIZ-REPISO; CALZADA-PRADO; APORTELA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 510). Um dado importante é que as taxas escolares são cobradas por universidades públicas e privadas, a vantagem das universidades públicas é que os estudantes podem solicitar ajudas (*becas*) que funcionam como descontos ao valor total da matrícula ou ajudas de custo (*beca comedor* etc.) para restaurantes e outros serviços universitários.

16 Outro termo de capital importância para entender a lógica da Documentação na Espanha é Biblioteconomia. Orera Orera (2002) expõe que o objeto da Biblioteconomia é a biblioteca, mesmo considerando uma concepção ampla de biblioteca. Para tanto, vê como necessário definir biblioteca a partir de cinco partes: coleção, organização, serviços, cooperação e tipologia bibliotecária (ORERA ORERA, 2002, p. 94). Para a autora (ORERA ORERA, 2002a, p. 93): "[...] en la actualidad, los más conocidos en español son el de Bibliotecología y el Biblioteconomía. El primero deriva de tres vocablos griegos: biblion, libro; theke, caja; y logos, palabra, verbo. El término <<biblioteconomía>> procede de : biblion, libro; theke, caja, armario; y nomos, regla, ley. Este último es del uso más generalizado en España".

17 Faz-se necessário registrar algumas linhas sobre os procedimentos de busca de material para este tópico. Primeiro, buscaram-se em materiais de Linguística elementos que permitissem saber como foram tratados os temas semióticos e semiológicos na Espanha. Por outro lado, recorreu-se a dados da introdução do pensamento de Peirce na Espanha. Para tanto, retomaram-se os manuais de Linguística e Semiótica, dando especial importância para os que apresentassem uma trajetória, tanto da Filosofia quanto da Linguística, as duas principais bases para as abordagens semióticas. A hipótese de trabalho era que se conhecendo as linhas desses campos, poder-se-ia, em um segundo momento, identificar a ordem

cronológica e processual dos eventos e o aparente contexto teórico em que se encontrava a Documentação na Espanha, com o objetivo de integrar tópicos semióticos.

18 Disponível em: http://iass-ais.org/. Acesso em: 13 out. 2014.

19 Disponível em: http://www.semioticaes.es/. Acesso em: 23 nov. 2014.

20 Disponível em: http://www.sel.edu.es/. Acesso em: 30 out. 2014.

21 Esse discurso foi organizado segundo os parâmetros da técnica discurso do sujeito coletivo. Para um melhor detalhamento, consultar Almeida (2017).

22 Importante destacar a reflexão trazida pela autora Gil Urdiciain (1994, p. 78) sobre o problema terminológico de análise documental de conteúdo (ADC). Segundo é considerada, a luz da afirmação de Izquierdo Arroyo (1993, p. 199-216), a "análise", como termo, representa apenas uma das fases do processo e não consegue compreender com um só golpe análise e síntese. Por esta razão, Izquierdo Arroyo propôs a denominação Tratamento Documental de Conteúdo (TDC) para evitar confundir o processo todo com apenas uma de suas operações. Outra nota terminológica é que o resumo refere-se tanto ao produto quanto ao processo de resumir, o que causa algumas dificuldades, de modo que é comum recorrer a este verbo para marcar a operação, ainda que existam as expressões descrição substancial e condensação (GIL URDICIAIN, 1994, p. 82).

23 Lara (2014) examinou o teor desse artigo de Izquierdo Arroyo, de 1992, descreveu a sua estrutura e avaliou a sua importância para a Documentação, ressaltando que os trabalhos de Izquierdo Arroyo não foram muito divulgados, e por conseguinte houve um prejuízo no conhecimento de sua obra.

24 O grupo de pesquisa SEMIODOC continua ativo e contanto com a participação de professores, colaboradores e bolsistas. Disponível em: https://curie.um.es/curie/catalogo-ficha.du?seof_codigo=1&perf_codigo=10&cods=E053*02. Acesso em: 12 out. 2014.

25 Os especialistas em organização do conhecimento que participaram como entrevistados ou respondentes estão vinculados às seguintes universidades: Universidad Complutense de Madrid

(Blanca Gil Urdiciain), Universidad Carlos III de Madrid (José Antonio Morero González e Rosa San Segundo), Universidad de Alcalá (Monica Izquierdo Alonso), Universidad de Zaragoza (Carmen Agustín), Universitat de Barcelona (Constança Espelt), Universitat de Valencia (Nuria Lloret Romero), Universidad Politécnica de Valencia (Fernanda Peset), Universidad de Murcia (José Maria Izquierdo Arroyo e Luis Miguel Moreno Fernández), Universidad de Granada (Carmen Galvez e María José Lopez-Huertaz), Universidad de Salamanca (Carlos García Figuerola e José Luis Alonso Berrocal), Universidad de León (Maria Luisa Alvite Diez e Blanca Rodríguez Bravo), Universidad de Sevilla (Antonio García Gutiérrez) e Universidad de Navarra (Sara Barrena, especialista em Filosofia e Semiótica de Peirce e tradutora da obra de Peirce para o espanhol). Outros especialistas aceitaram receber o pesquisador e conversar sobre a pesquisa, contudo não permitiram a gravação da entrevista, nem mesmo o registro das respostas em questionário, foi o caso de Carmen Díez Carrera (Universidad Carlos III de Madrid) e Mendonza Ibáñez (Universidad de La Rioja e especialista em Linguística). De todo modo, as respostas desses especialistas foram extremamente enriquecedoras. Sendo assim, a pesquisa contou ao final com a colaboração de 20 especialistas.

Sobre o autor

Carlos Cândido de Almeida

carlos.c.almeida@unesp.br

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP de Marília. Livre-docente em Semiótica e Ciência da Informação e Pós-Doutor pela Universidade de Zaragoza, Espanha. Atua como docente junto ao Departamento de Ciência da Informação e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, campus de Marília.

Sobre o livro

Catalogação
Lucineia Batista da Silva
CRB SP 010373/O

Normalização
Stephanie Cerqueira Silva

Capa e Diagramação
Maria José Vicentini Jorente
Stephanie Cerqueira Silva

Imagem Capa
Maria José Vicentini Jorente

Produção Gráfica
Stephanie Cerqueira Silva

Assessoria Técnica
Renato Giraldi

Oficina Universitária
Laboratório Editorial
labeditorial.marilia@unesp.br

Formato
16x23 cm

Tipologia
Verdana

Papel
Pólen Soft 70g (miolo)
Cartão 250g (capa)

Tiragem
100

Impressão e Acabamento
Type Digital

Editoração

Laboratório de
Design e
Recuperação da
Informação

No campo da Documentação na Espanha, a Semiótica tem sido uma fonte de articulação conceitual e constitui-se uma proposição teórica relevante. Os trabalhos de teor semiótico aplicados à Documentação, iniciaram-se na década de 1980. Desde então, tem-se considerado os processos documentais como atividades semióticas por excelência, pois supõem a manipulação, a tradução, a conversão, a transmissão e a interpretação de signos. O livro pretendeu conhecer as abordagens e as linhas semióticas constantes do campo da Documentação na Espanha. Para tanto, sustentou-se que a orientação semiótica dos estudos espanhóis em Documentação ainda requeriam um tratamento abrangente e sistematizado. Entre os resultados, destacam-se a convergência da maior parte dos teóricos com temas semióticos vinculados à Linguística e a necessidade de refundação de uma Semiótica documental, seguindo as diretrizes de Izquierdo Arroyo. Entende-se que as abordagens semióticas possuem um potencial para fomentar os estudos da linguagem no campo da organização do conhecimento, contribuindo assim para a reflexão epistemológica da Ciência da Informação no Brasil.

ISBN 978-65-86546-75-0